

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO – UENF

A EVASÃO DA UENF: UMA ANÁLISE DOS CURSOS DE LICENCIATURA
(2003-2007)

MARILENE DE ALMEIDA VIANA REID SILVA

Campos dos Goytacazes/RJ
Junho/2009

A EVASÃO DA UENF: UMA ANÁLISE DOS CURSOS DE LICENCIATURA
(2003-2007)

MARILENE DE ALMEIDA VIANA REID SILVA

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a. LIÉTE DE OLIVEIRA ACCÁCIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

Campos dos Goytacazes/RJ
Junho/2009

A EVASÃO DA UENF: UMA ANÁLISE DOS CURSOS DE LICENCIATURA
(2003-2007)

MARILENE DE ALMEIDA VIANA REID SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

Aprovada em 25 de junho de 2009.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Arlette Medeiros Gasparello – UFF (Doutora em Educação pela PUC - São Paulo)

Prof.^a Dr.^a Lílian Maria Garcia Bahia de Oliveira – UENF (Doutora em Bioquímica e Imunologia pela UFMG – Minas Gerais)

Prof.^a Dr.^a Silvia Alicia Martínez – UENF (Doutora em Educação pela PUC – Rio de Janeiro)

Prof.^a Dr.^a Liéte de Oliveira Accácio – UENF (Doutora em Educação - USP - São Paulo)

Orientadora

Dedico este trabalho aos meus
filhos Pedro e Lucas por serem
eles, a minha força e luz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por me mostrar o caminho do possível.

À minha família, mãe, pai (*in memoriam*), irmãos, esposo e filhos, pelo apoio e compreensão, minha eterna gratidão.

À Prof.^a Liéte de Oliveira Accácio, minha orientadora, pelos momentos compartilhados na elaboração dessa dissertação e por acreditar em mim, quando eu ainda era aluna especial do mestrado. Meu eterno reconhecimento e agradecimento.

À Prof.^a Zuleima Faria por me fornecer os primeiros dados para essa dissertação, me oferecendo sempre seu apoio e amizade.

À Pró-Reitoria de Graduação da UENF, por entender que ao buscarmos o conhecimento, nos tornamos uma pessoa melhor.

Ao Reitor, Pró-Reitora de Graduação, Assessor da Pró-Reitoria de Graduação, Coordenadores e ex-Coordenadores dos Cursos de Licenciatura da UENF que gentilmente concederam as entrevistas. Agradeço a colaboração.

Aos professores Adélia Maria Miglievich Ribeiro, Ailton Mota de Carvalho, Marcos e Sônia Martins de Almeida Nogueira, cujas aulas contribuíram para o meu crescimento intelectual.

À Prof.^a Sílvia Alicia Martinez e Prof. Marcelo Carlos Gantos pelas valiosas sugestões no exame de qualificação e pelo incentivo.

Ao Prof. Marcos Antônio Pedlowski, pelos seus competentes ensinamentos e dedicação pelo que faz. Minha eterna admiração.

À Secretaria Acadêmica, em especial às servidoras Jarilane Maia Rodrigues Tavares, Karla Beatriz Viana Barbosa e Roberta Braga Torres, sempre atendendo aos meus pedidos. Obrigada pelo apoio.

Não posso deixar de agradecer à minha companheira de trabalho, Ana Paula Ribeiro Costa, pois foi em uma de nossas conversas que despeitei para este tema.

A todos os alunos que evadiram da UENF, mas nem por isso, deixaram de contribuir para este trabalho.

“A falsa ciência cria os ateus, a verdadeira, faz o homem prostrar-se diante da divindade”.
(Voltaire)

RESUMO

As políticas públicas para a expansão e oferta de vagas no ensino superior, não resultou no aumento do número de alunos que conseguem concluir os cursos de graduação. Neste contexto, a expansão dos cursos superiores noturnos resulta, de um lado, na inclusão dos estudantes neste nível de ensino, mas, por outro, revela a realidade excludente da evasão universitária. O presente trabalho tem por objetivo identificar as principais causas da evasão discente nos Cursos de Licenciatura em Biologia, Física, Matemática e Química da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), no período de 2003 a 2007. Neste estudo, considera-se evasão, a saída do aluno da universidade, que não seja pela conclusão do curso. Este trabalho foi desenvolvido com dados coletados na Secretaria Acadêmica, Pró-Reitoria de Graduação da UENF e através de dezenove entrevistas individuais realizadas com os alunos evadidos dos Cursos de Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Química e das entrevistas com o Reitor da UENF, Pró-Reitora de Graduação, Assessor da Pró-Reitoria de Graduação, Coordenadores e ex-Coordenadores dos Cursos de Licenciatura da UENF. Nas entrevistas com os evadidos, buscamos descobrir em que medida fatores relativos à condição socioeconômica, escolha e expectativa com o curso, vivência universitária e a opinião dos familiares, interferem na decisão do aluno evadir. Os dados coletados possibilitaram acompanhar a trajetória acadêmica do aluno após evadir da UENF. Os resultados encontrados neste estudo mostram que a “naturalização” da evasão impede que a instituição conheça o seu real dimensionamento e revelam que a evasão ocorre pela ação conjunta de diversos fatores. Muitas vezes o aluno não percebe esses fatores e justifica sua saída da universidade baseando-se em apenas um motivo, embora, alguns desses motivos, possam ser minimizados e até mesmo combatidos, através de uma política institucionalizada para todos os cursos, mas, para isso, é preciso saber reconhecê-los.

Palavras-chave: Evasão, Universidade Pública, Cursos de Licenciatura.

ABSTRACT

Public policies for the expansion and enrollment in higher education has not resulted in increasing the number of students who can complete the undergraduate courses. In this context, the expansion of higher education follows night, on the one hand, the inclusion of students at this level of education, but on the other, reveals the reality of the exclusive university abandon. This study aims to identify the main causes of student dropout in the Courses in Biology, Physics, Mathematics and Chemistry, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) in the period 2003 to 2007. In this study, it is evasion, the exit pupil of the university, other than the completion of the course. This work was developed with data collected at the Academic Office, Dean of the Graduate UENF and nineteen through individual interviews with students escaped the Courses in Biology, Physics Degree, Masters Degree in Mathematics and BA in Chemistry and the interviews to the Dean of UENF, Sub-Dean of Graduate Studies, Advisor to the Dean of Undergraduate Coordinators and former Coordinator of Degree Courses of UENF. In interviews with escapees, we seek to discover the extent to which factors related to socioeconomic status, choice and expectations with the course, academic life and beliefs of the family, interferes with the student's decision to evade. The data collected made it possible to monitor the student's academic career after the escape UENF. The results of this study show that the "naturalization" of avoidance prevents the institution is aware of its real dimensions and show that the circumvention takes place by the joint action of several factors. Often students do not perceive these factors and justifies his leaving the university based on only one reason, though, some of these reasons can be minimized and even fought through an institutional policy for all courses, but for this you must know to recognize them.

Keywords: Evasion, Public University, Teaching Certificates.

LISTA DE FOTOS, TABELAS E GRÁFICOS

Foto 1: Foto aérea da UENF	7
Tabela 1 – Retenção, diplomação e evasão nos Cursos de Licenciatura da UFMT, UEL, UNICAMP e UFSM, em 1996.....	24
Tabela 2 – Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Biologia, no período de 2003 a 2007	49
Tabela 3 – Número de alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Biologia, no período de 2003 a 2007.....	51
Tabela 4 – Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Física, no período de 2003 a 2007.....	58
Tabela 5 - Número de alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Física, no período de 2003 a 2007.....	61
Tabela 06 - Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Matemática, no período de 2003 a 2007.....	70
Tabela 07 - Número de alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Matemática, no período de 2003 a 2007.....	73
Tabela 08 - Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Química, no período de 2003 a 2007.....	79
Tabela 09 - Número de alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Química, no período de 2003 a 2007	81

Gráfico 1 – Demonstrativo do trancamento de matrícula dos alunos evadidos no primeiro ano dos Cursos de Licenciatura	39
Gráfico 2 – Tempo de permanência do aluno evadido no Curso de Licenciatura em Biologia	53
Gráfico 3 - Tempo de permanência do aluno evadido no Curso de Licenciatura em Física.....	63
Gráfico 4 - Tempo de permanência do aluno evadido no Curso de Licenciatura em Matemática.....	77
Gráfico 5 - Tempo de permanência do aluno evadido no Curso de Licenciatura em Química.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação

CBB - Centro de Biociências e Biotecnologia

CCH - Centro de Ciências do Homem

CCT - Centro de Ciências e Tecnologia

CCTA - Centro de Ciência e Tecnologias Agropecuárias

CEE - Conselho Estadual de Educação

CEFET - Centro Federal de Educação tecnológica

FAFIC - Faculdade de Filosofia de Campos

Fundação CECIERJ – Fundação Centro de Ciências de Ensino Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro

IES - Instituição de Ensino Superior

IESP - Instituição de Ensino Superior Pública

IFES - Instituição Federal de Ensino Superior

ISECENSA - Instituto Superior de Educação do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora

NAEG - Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação

MEC - Ministério da Educação

PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação da UENF

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SESu - Secretaria de Educação Superior

SPL - Secretaria de Planejamento da UnB

TCU - Tribunal de Contas da União

UCAM - Universidade Cândido Mendes

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UnB - Universidade de Brasília

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira

UPF - Universidade de Passo Fundo

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOS, TABELAS E GRÁFICOS	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objetivos da pesquisa	5
1.2. Justificativa da pesquisa e limitações do estudo	5
1.3. A instituição pesquisada	6
1.4. Os participantes da pesquisa: os alunos evadidos	8
1.5. A metodologia aplicada	9
1.6. Abordagem dos dados da pesquisa de campo: as entrevistas	10
1.7. Análise dos dados	13
1.8. Estruturação do estudo	14
2. A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR E SUAS CAUSAS	15
2.1. Análise da evasão no ensino superior	15
2.2. Possíveis causas da evasão encontradas na literatura	25
2.3. Propostas para combater a evasão	31
3. A EVASÃO NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UENF: MITO OU REALIDADE?	36
3.1. Formas de evasão encontradas na UENF	37
3.2. O trancamento de matrícula e a evasão	38
3.3. A evasão na opinião do Reitor, Pró-Reitora de Graduação e Assessoria da Pró-Reitoria de Graduação	40
3.4. Programas da UENF que podem auxiliar no combate à evasão	43
3.5. A evasão no Curso de Licenciatura em Biologia	48
3.6. A evasão no Curso de Licenciatura em Física	58
3.7. A evasão no Curso de Licenciatura em Matemática	69
3.8. A evasão no Curso de Licenciatura em Química	78
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: A EVASÃO NA PERCEPÇÃO DO ALUNO EVADIDO	88
4.1. O Curso de Licenciatura em Biologia	89

4.2. O Curso de Licenciatura em Física	103
4.3. O Curso de Licenciatura em Matemática	117
4.4. O Curso de Licenciatura em Química	134
4.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
APÊNDICES	162
Apêndice I: Relação das entrevistas com Reitor, Pró-Reitora de Graduação, Ex-Assessor da PROGRAD, Coordenadores e Ex-Coordenadores de Curso da UENF	163
Apêndice II: Relação dos alunos evadidos entrevistados	164
Apêndice III: Roteiro de Entrevista com o Reitor, Pró-Reitora de Graduação e Assessoria da Pró-Reitoria de Graduação	166
Apêndice IV: Roteiro de Entrevista com Coordenadores de Curso	167
Apêndice V: Roteiro de Entrevista com alunos evadidos	169
Apêndice VI: Levantamento das respostas às entrevistas e total dos alunos evadidos entrevistados	172
Apêndice VII: Cidade de origem do aluno evadido	173
Apêndice VIII: Faixa etária do aluno evadido ao ingressar na UENF	174
Apêndice IX: Formas de evasão encontradas nos Cursos de Licenciatura da UENF (2003 – 2007)	175

Apêndice X: Formas da evasão nos Cursos de Licenciatura da UENF (2003 – 2007) segundo o gênero	175
Apêndice XI: Dados quantitativos da evasão nas Licenciaturas (2003-2007)	176
Apêndice XII: Formas de evasão encontradas nos Cursos de Licenciatura (2003-2007)	176
Apêndice XIII: Carta de solicitação à Pró-Reitora de Graduação para acesso aos dados dos alunos da UENF	177

1. INTRODUÇÃO

Minha preocupação com a evasão na UENF iniciou-se durante minhas atividades como servidora desta Universidade, lotada na Pró-Reitoria de Graduação, quando observava nos relatórios emitidos pela Secretaria Acadêmica, o quantitativo de alunos que saíam dos seus cursos de graduação, sem concluí-lo. Posteriormente, conversando com uma colega de trabalho fizemos uma reflexão mais aprofundada deste assunto, o que me causou certa inquietação. Então passei a me questionar, por quais razões os alunos evadem de uma universidade pública?

Foi assim que iniciei minha investigação pelos caminhos da evasão discente nos cursos de licenciatura da UENF, na tentativa de transformar minha inquietude em uma investigação científica, mesmo sabendo da dificuldade em manter o distanciamento que requer um trabalho científico, sendo servidora da instituição pesquisada. Nesse sentido, procurei realizar o exercício contínuo de lançar um olhar, o mais isento possível de valores, que estão inseridos no meu cotidiano como servidora da UENF.

Inicialmente, pensei em realizar um estudo sobre a evasão, abordando todos os cursos de graduação da UENF, mas após conversar com minha orientadora e perceber a abrangência do tema, optamos pelos cursos de licenciatura que sendo noturnos, poderiam revelar algumas particularidades, assim como as especificidades dos estudantes que frequentam esses cursos. O Curso de Licenciatura em Pedagogia não foi contemplado neste estudo, por não estar sendo oferecido no período noturno, como as demais Licenciaturas, não atendendo, portanto, ao critério utilizado para a escolha dos cursos abordados neste trabalho.

De acordo com os dados do INEP, o ensino superior brasileiro experimentou um *boom* no crescimento e em apenas seis anos, teve um aumento de 60,98% no número de instituições neste nível de ensino, passando de 1.391 instituições, em 2001 para 2.281 em 2007. Essa expansão é devido ao aumento da procura do nível superior de ensino, pelos estudantes que concluíram o ensino médio (Censo da Educação Superior, 2007).

O Brasil tem uma população de 4,9 milhões de alunos no ensino superior, entretanto, é um número pouco expressivo quando consideramos o total da população do país. Apesar do aumento na oferta de vagas, o acesso à educação

superior no país, é caracterizado pela restrição. Em 2007 houve uma oferta de 2,8 milhões de vagas para o ensino superior, mas apenas 1,5 milhão de alunos conseguiu transpor a barreira dos processos seletivos, ingressando neste nível de ensino. Portanto, conclui-se que sobram vagas nas IES brasileiras (Censo da Educação Superior, 2007).

O que nos chama a atenção, é que o aumento da oferta de vagas, apesar de ser ainda insuficiente para atender a demanda¹, não conseguiu reduzir as vagas ociosas, que são resultado da evasão e do não preenchimento das vagas oferecidas nos processos seletivos de ingresso no ensino superior. Ainda em 2007, as vagas ociosas alcançaram o patamar de 1,3 milhão. Nesse sentido, o problema da evasão no ensino superior torna-se ainda mais grave, quando a ele se associa à existência de vagas ociosas. A ociosidade juntamente com a evasão, reduz ainda mais o quantitativo de estudantes que ingressam e permanecem nos cursos de graduação, reduzindo por fim, os alunos concluintes.

Outro fato que merece ser observado, com a ampliação na oferta de vagas do ensino superior, são as matrículas no período noturno que excede o diurno em 62,33%² ou seja, quase dois terços dos alunos são estudantes de tempo parcial. Segundo Unglaub (2003, p. 18) os estudantes de tempo parcial são aqueles que *“geralmente trabalham durante o dia todo, aproximadamente 8 horas cada dia e à noite vão estudar, permanecendo quatro ou cinco horas na universidade”*, incluindo neste grupo, os alunos que trabalham em outro período do dia, já que estão impossibilitados de estudar em regime de tempo integral.

Os dados acima nos mostram que a realidade do país revela uma situação em que o estudante primeiro trabalha, obtém uma renda, para depois estudar, quando a situação ideal seria a do aluno que estuda, se qualifica, para depois ingressar no mercado de trabalho.

De certo modo, verificamos que o processo de democratização dos cursos noturnos nas universidades públicas visa promover a inclusão de parcela da população que precisa trabalhar e estudar, ou seja, o aluno das camadas populares. Para Unglaub (2003, p. 44), *“o simples oferecimento de cursos no período noturno não garante acesso de representantes dos setores populares à instituição*

¹ Em 2007, se inscreveram no vestibular e em outros processos seletivos 5,19 milhões de candidatos (Censo da Educação Superior, 2007).

² As matrículas no período diurno totalizaram 1,87 milhões e no período noturno o total foi de 3,00 milhões de alunos no ensino superior (Censo da Educação Superior, 2007).

universitária” e revela que na UNICAMP, o perfil dos alunos que frequenta os cursos noturnos não se diferenciou dos demais cursos, mesmo os que são oferecidos no período diurno.

Por isso, deve ser feita uma análise, conforme a especificidade de cada IES e o perfil do aluno para verificar se o turno determina a escolha do curso, ou então se o curso é escolhido pelo seu prestígio social, ou ainda, se existem outros determinantes para a escolha do curso de graduação.

Outro fator a ser considerado, que parece paradoxal, é que mesmo com o aumento das matrículas no ensino superior, não houve a mesma proporção de alunos que permanecem e concluem o curso com êxito. Neste sentido, segundo Gaioso (2005, p. 4), após superar o desafio de ser aprovado no vestibular, o aluno ao ingressar na universidade, tem que vencer outro desafio que é o de superar algumas dificuldades encontradas no seu percurso acadêmico. De acordo com a autora, quando essas dificuldades não são superadas, o aluno não consegue concluir o curso. Sobre isso, ela afirma que: “*essas questões têm preocupado educadores, gestores educacionais e pesquisadores nas diversas partes do mundo*”.

Para Tinto (1997) que há mais de 30 anos realiza estudos sobre evasão e retenção de alunos, a preocupação com essa temática faz parte de diversas pesquisas nos Estados Unidos, desde quando os estudos desses temas eram vistos pela lente da psicologia, centrados nos atributos da habilidade e motivação do aluno. Ainda segundo ele, nessa época, culpava-se apenas o aluno pela sua saída do ensino superior. A mudança dessa perspectiva se iniciou na década de 70, influenciada pela nova forma de entender a relação entre os indivíduos e a sociedade, passou também a considerar o ambiente universitário como possível determinante da evasão.

Ainda segundo Tinto (1997, p. 23), o interesse na questão do sucesso do aluno no ensino superior vem aumentando ao longo dos anos nos Estados Unidos, com o crescimento de uma nova indústria, a de empresas de consultoria, especializadas em buscarem a solução para os problemas de retenção e evasão dos alunos no ensino superior americano. Para ele, a busca da solução para esses problemas, o leva a persistir nos seus estudos sobre o tema e afirma: “[...] *os nossos esforços são sempre menos eficazes do que nós desejamos*”.

No Brasil, as pesquisas sobre evasão além de escassas, são recentes e o Relatório Final sobre Diplomação, Retenção e Evasão nos Cursos de Graduação em

Instituições de Ensino Superior Públicas da Secretaria de Ensino Superior (SESu), embora tenha feito uma abordagem quantitativa, destaca a necessidade de subsidiar os índices quantitativos *“por informações que os qualifiquem efetivamente, contribuindo, portanto, para melhor entendimento do significado do fenômeno analisado”* (Relatório Final/Comissão, 1996, p. 24).

Este Relatório tornou-se referência para os estudos sobre a temática da evasão no ensino superior e foi utilizado como parâmetro em algumas dissertações e teses que utilizamos como referencial teórico neste trabalho, muito embora, tratam da evasão, com distintos enfoques. Gaioso (2005) faz uma abordagem da evasão no ensino superior do Brasil, em IES públicas e privadas, entrevistando alguns dirigentes dessas IES. Já Alves (2008) através de entrevistas a alunos evadidos trata das consequências da evasão na vida pessoal do aluno; Biazus (2004) fez um estudo do curso de Ciências Contábeis em duas Instituições públicas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), abordando os fatores que levam o aluno a evadir.

A pesquisa de Lima (2006) é um dos poucos trabalhos que encontramos e faz referência à evasão nas IES privadas, assim como Pereira (2003), que pesquisou os custos ocultos da evasão na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Já Fregoneis (2002), a partir dos históricos escolares, estuda o desempenho acadêmico de 1.025 alunos da Universidade Estadual de Maringá, enquanto Maia (1984) buscou caracterizar o aluno evadido na Universidade Federal da Paraíba.

Além destes, utilizamos o trabalho que trata da integração do estudante no ensino superior do Curso de Turismo, abordando as dificuldades dos alunos durante o curso, retratando as vivências acadêmicas dos alunos ingressantes neste curso (Ghiraldello, 2008); o estudo sobre a profissionalização dos egressos dos cursos de Licenciatura da Universidade de São Paulo, abordando a decisão de ser ou não professor (Enge, 2004); assim como a pesquisa sobre estudantes em tempo integral e parcial e os fatores que influenciam o desempenho acadêmico dos alunos de graduação da UNICAMP (Unglaub, 2003); o estudo da percepção dos alunos sobre sua vivência universitária (Pachane, 1998); além dos artigos científicos, citados nas referências bibliográficas. Esses trabalhos citados deram o embasamento teórico deste estudo.

1.1. Objetivos da pesquisa

O objetivo geral desta pesquisa é o de contribuir com a compreensão das políticas públicas de ensino superior identificando as principais causas da evasão discente nos cursos de licenciatura da UENF.

Os objetivos específicos foram:

1. Elaborar o perfil do aluno evadido dos cursos de licenciatura da UENF;
2. Caracterizar a (s) forma (s) de evasão discente mais frequente (s) nas licenciaturas da UENF;
3. Determinar o momento da evasão, considerando o período de tempo em que o aluno permaneceu no curso de licenciatura da UENF.

1.2. Justificativa e limitações da pesquisa

A revisão bibliográfica revelou a escassez dos estudos sobre a evasão discente no ensino superior e alguns estudos limitam-se à abordagem quantitativa, pouco contribuindo para a análise das possíveis causas da evasão.

O presente estudo justifica-se pela proposta de investigar cientificamente os principais motivos da evasão discente nos cursos de licenciatura da UENF, buscando na percepção do aluno evadido, subsídios para a reflexão deste tema. Ao apontar as possíveis causas da evasão, busca-se auxiliar a instituição pesquisada a implementar propostas para minimizar a evasão ou, ainda, aprimorar ações que possam estar sendo realizadas.

No decorrer da pesquisa, encontramos algumas limitações. Nos registros acadêmicos, não constavam *e-mail* dos alunos, apenas endereço e telefone que, em alguns casos, encontravam-se desatualizados, não permitindo o contato com os evadidos. A desconfiança de alguns alunos evadidos levou a ocorrência de algumas recusas e o não comparecimento às entrevistas. Outros fatores impeditivos de contato com os evadidos foram o não retorno de algumas ligações efetuadas e de alguns *e-mails* enviados.

Convém mencionar que o período das entrevistas estendeu-se além do previsto, seja pela dificuldade de localizar e/ou convencer os evadidos a concederem as entrevistas, ou ainda, devido à agenda dos Coordenadores de Curso, Pró-Reitora de Graduação e Reitor. Também encontramos certa dificuldade

com o material bibliográfico, pelo reduzido número de estudos sobre evasão nos cursos de licenciatura.

Ainda em função da obtenção de dados, o sistema acadêmico da graduação mostrou-se pouco eficiente, pois a emissão de relatórios, não filtrava os dados dos alunos evadidos das licenciaturas, mas apresentava dados referentes aos estudantes evadidos de todos os cursos de graduação da UENF, fazendo com que, muitas vezes, contagens e conferências dos dados obtidos na Secretaria Acadêmica fossem feitas manualmente pela autora, como os dados que constam nas tabelas elaboradas para este estudo.

1.3. A instituição pesquisada

Com o objetivo de melhor situar este estudo, nota-se que a instituição da qual participam os alunos deste trabalho é a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), criada nos termos do art. 49 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição do Estado do Rio de Janeiro, tendo sido implementada mediante Decreto Estadual nº 17.206 de 23/12/1991. A aprovação de funcionamento e realização do 1ª concurso vestibular foi obtida com o Parecer CEE nº 223/93, publicado no Diário Oficial do Estado Rio de Janeiro de 28/07/93.

A UENF é uma instituição estadual de educação superior, caracterizada pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Possui autonomia patrimonial, financeira, administrativa e didático-científica, conforme disposto no artigo 207 da Constituição Federal e nos artigos 53 e 54 da Lei nº 9.394/96. A organização administrativa da UENF tem como base os Laboratórios, congregados pelos quatro Centros da Universidade, sendo o Centro de Biociências e Biotecnologia (CBB), Centro de Ciências do Homem (CCH), Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) e Centro de Ciência e Tecnologias Agropecuárias (CCTA).

De acordo com os dados da Gerência de Recursos Humanos da UENF, o quadro permanente de servidores da Universidade constitui-se de 829 pessoas, entre essas, 291 servidores são docentes (263 professores associados e 28 professores titulares). O total de servidores não docentes perfaz 538, sendo 138 servidores distribuídos nos cargos de nível elementar, 59 servidores estão nos cargos de nível fundamental, 212 ocupam cargos de nível médio e 129 servidores pertencem aos cargos de nível superior.



Figura 1: Foto aérea da UENF registrada por Paulo Damasceno, cedida pela Assessoria de Comunicação da UENF

Os dados da Secretaria Acadêmica revelam que a UENF possui no primeiro semestre de 2009, 1.823 alunos matriculados nos quinze cursos de graduação presenciais da instituição: Agronomia, Ciências Biológicas, Ciência da Computação, Ciências Sociais, Engenharia de Exploração e Produção de Petróleo, Engenharia Metalúrgica e de Materiais, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Química e Licenciatura em Pedagogia, Medicina Veterinária, Zootecnia. A Universidade oferece dois cursos de ensino semipresencial pelo convênio com a Fundação Centro de Ciências de Ensino Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ) que são as Licenciaturas em Ciências Biológicas e em Química à distância.

Ainda em relação aos dados da Secretaria Acadêmica, além dos cursos de graduação, a UENF possui programas de pós-graduação que oferecem mestrado e doutorado em Biociências e Biotecnologia, em Ciência Animal, Ciências Naturais, Ecologia e Recursos Naturais, em Engenharia Civil, Engenharia de Reservatório e de Exploração, Engenharia e Ciência dos Materiais, Genética e Melhoramento de Plantas, Produção Vegetal e programas de mestrado em Cognição e Linguagem,

Políticas Sociais, Engenharia de Produção. Segundo levantamento da Secretaria Acadêmica, em 2009, os programas de pós-graduação contavam com 436 alunos matriculados nos cursos de mestrado e 284 no doutorado, totalizando 720 alunos matriculados em 2008.

1.4. Os participantes da pesquisa: os alunos evadidos

Conforme apurado nos levantamentos efetuados neste trabalho, os alunos evadidos nos Cursos de Licenciatura da UENF, no período de 2003 a 2007, perfazem 250 estudantes, sendo a sua maioria, do sexo masculino, embora a diferença não seja significativa entre homens (54%) e mulheres (46%). Verifica-se que a prevalência dos homens não ocorre em todos os cursos abordados neste estudo. Enquanto nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Química houve prevalência do sexo feminino, os homens são maioria nos Cursos de Licenciatura em Física e Matemática, com destaque para o Curso de Licenciatura em Física em que o número de homens evadidos é muito superior ao de mulheres.

Para conhecermos os quantitativos por gênero dos alunos evadidos, na Biologia encontramos 40 mulheres e 29 homens; na Licenciatura em Física, 10 mulheres e 53 homens; na Matemática, encontra-se a relação mais equilibrada entre homens, 27 e mulheres, 24. No Curso de Licenciatura em Química, prevalecem as mulheres, 41, sobre o total do quantitativo de homens, 26.

Também constatamos que os alunos evadidos são, em sua maioria, oriundos da escola pública (74%), enquanto a minoria concluiu o ensino médio no sistema privado de ensino (26%). Quando analisamos o tipo de escola pública em que o aluno evadido terminou o ensino médio, quase metade desses alunos (43,20%), estudou na escola pública estadual. Da escola pública federal, o percentual é de 29,20%. O menor percentual, de 1,6%, é de alunos oriundos da rede municipal de ensino. Verificamos que uma grande parte desses alunos, reside em Campos dos Goytacazes (Apêndice VII). Em relação ao estado civil, verifica-se que um número significativo dos evadidos é de solteiros, representando 86,40%, enquanto a minoria, 13,20% é casada. Apenas um dos evadidos declarou ser separado.

Neste trabalho, consideramos a idade do aluno evadido, a referente ao ano em que o estudante se matriculou na UENF. Assim, a faixa etária entre 17 e 20 anos, concentra grande parte dos alunos evadidos. Em menor proporção estão os

evadidos na faixa etária de 21 a 24 anos e uma minoria, acima de 24 anos. Porém, não podemos deixar de considerar que há alunos na faixa etária acima de 30 anos, mesmo sendo minoria entre os evadidos. Com base nesses dados percebemos a presença majoritária de jovens nos Cursos de Licenciatura da UENF, pois a maioria dos alunos que evadiu tinha até 25 anos (Apêndice VIII).

1.5. Metodologia aplicada

Este estudo teve o propósito de reunir dados quantitativos e qualitativos, por entendermos que a evasão é medida a partir dos dados quantitativos, mas para compreensão das suas causas, devemos usar a análise qualitativa. Nessa perspectiva, André (1995, p. 24) pergunta: “*Deixa o estudo de ser qualitativo porque reportou números?*” E ela mesma responde: “*É evidente que não. No caso, o número ajuda a explicitar a dimensão qualitativa*”. A autora destaca que qualidade e quantidade estão relacionadas e devemos reconhecer nas respostas do instrumento de pesquisa e na análise dos dados, as marcas da subjetividade presentes nos valores do pesquisador que, segundo ela, representam a dimensão qualitativa.

Para o estudo do tema desta pesquisa, os dados qualitativos e quantitativos se complementam nos permitindo um estudo mais aprofundado da evasão. Segundo Chizzotti (2006, p. 28), a perspectiva qualitativa está na interpretação do fato, através dos significados que as pessoas dão a eles. Dessa forma, quando buscamos os motivos da evasão, na percepção dos alunos evadidos e do Reitor, Pró-Reitora de Graduação, Assessor da PROGRAD, Coordenadores e ex-Coordenadores dos Cursos de Licenciatura, nos referimos ao aspecto qualitativo deste trabalho.

Na metodologia aplicada neste estudo, fizemos uso de três instrumentos de pesquisa: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica, abordada por Marconi & Lakatos (1996, p. 66), abrange “*a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo*” e refere-se aos trabalhos que dão suporte e auxiliam no aprofundamento do tema proposto nesta pesquisa e vai nos servir de base para a pesquisa de campo.

A pesquisa documental considerada por Marconi & Lakatos (1996, p. 57) como “*fonte de coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias*”, permitiu que buscássemos

informações nos levantamentos de dados referentes aos alunos matriculados e evadidos nos Cursos de Licenciatura, em fichas de matrícula, matrizes curriculares e extratos escolares, emitidos pela Secretaria Acadêmica. Na Pró-Reitoria de Graduação tivemos acesso às atas das reuniões da Câmara de graduação e as Resoluções que regem a graduação na UENF.

Marconi & Lakatos (1996, p. 75) consideram pesquisa de campo “*aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta [...] ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles*”. Partindo deste princípio, na tentativa de responder aos objetivos propostos nesta pesquisa, optamos pela aplicação das entrevistas com alunos evadidos e com o Reitor, Pró-Reitora de Graduação, Assessoria da Pró-Reitoria de Graduação e Coordenadores de Curso da UENF.

1.6. Abordagem dos dados da pesquisa de campo: as entrevistas

Brandão (2002, p. 28) ao escrever sobre a escolha dos instrumentos de coleta de dados, para responder aos objetivos da pesquisa salienta que “*a questão está em ser capaz de selecionar os instrumentos de pesquisa, em consonância com os problemas que se deseja investigar*” e assim, seguindo essa ótica, após o estudo e reflexão da literatura disponível optamos pelas entrevistas individuais, semi-estruturadas, por permitirem a interatividade com os entrevistados, inclusive a alteração na ordem de formulação das perguntas, resgatando alguns fatos vivenciados pelos entrevistados. Cabe-nos acrescentar que as entrevistas são instrumentos que nos permitem explorar com profundidade temas complexos como a evasão, permitindo-nos conhecer a opinião do aluno sobre sua saída da Universidade.

As entrevistas individuais (Roteiro – Apêndice V) foram realizadas com os alunos evadidos, escolhidos aleatoriamente entre os alunos evadidos nos Cursos de Licenciatura da UENF, no período de 2003 a 2007, conforme a disponibilidade e aceitação em concedê-las e ocorreram entre os meses de junho e julho de 2008 (Apêndice II). Algumas vezes, na tentativa de conseguirmos alguma entrevista, tivemos que efetuar sucessivas ligações telefônicas, que em alguns casos, ocuparam diversos dias.

Os primeiros contatos com os ex-alunos foram feitos por telefone, conseguidos nas fichas de matrícula na Secretaria Acadêmica da UENF. A desconfiança de alguns evadidos fez com que tivéssemos algumas recusas em participar das entrevistas que provocou uma redução, na quantidade de alunos que se dispuseram a participar da pesquisa. Apesar da minha apresentação como aluna de mestrado da UENF, explicar o motivo do telefonema e solicitar a participação na entrevista, ressaltando que o sigilo das entrevistas seria preservado, ou seja, dizendo que os nomes dos entrevistados não seriam divulgados, percebemos que uma grande parte dos alunos evadidos e que mantivemos contato se sentiram inseguros em participar da pesquisa. Alguns deles justificaram a não participação com as respostas “*não tenho mais nada com a UENF*”, “*estou muito ocupado (a)*”, “*só posso dar a entrevista daqui a seis meses*”, “*deixe seu telefone que eu te ligo*” e muitas vezes diziam simplesmente um “*não*”.

Neste momento, levando em consideração que as mudanças de estratégias fazem parte do trabalho científico, foi necessária essa mudança para conseguir as entrevistas, em função das recusas dos ex-alunos. Nesse sentido, André (1995, p. 59) destaca como uma das qualidades do pesquisador “[...] *aceitar um esquema de trabalho aberto e flexível, em que as decisões são tomadas na medida e no momento em que se fazem necessárias*”. Foi então que ao entrar em contato com o aluno evadido, me apresentava dizendo que eu era aluna de mestrado em Políticas Sociais da UENF e que também era funcionária dessa instituição. Posteriormente falava do objetivo do meu contato com eles, esperando que assim, os alunos tivessem como referência o setor de trabalho da autora. Dessa forma, as primeiras entrevistas foram conseguidas e realizadas, obedecendo a um prévio agendamento com os alunos evadidos e nos locais escolhidos por eles.

Alguns ex-alunos foram entrevistados no local de trabalho da autora deste estudo, outros foram entrevistados em suas residências, locais de trabalho e/ou estudo. As entrevistas com os alunos evadidos marcam o início da nossa busca em direção aos diferentes significados que eles dão à vivência universitária e à evasão. O diálogo com os entrevistados deu vida a este trabalho, pois nos permitiu conhecer a percepção de cada um deles sobre a evasão.

A população dos alunos que evadiram dos Cursos de Licenciatura em Biologia, Física, Matemática, no período de 2003 a 2007, perfaz 250 alunos. Deste total, mantivemos contato telefônico com 44 alunos evadidos e, dentre estes,

realizamos entrevistas com os 19 alunos, que concordaram em participar deste estudo. Do total dos alunos evadidos entrevistados, cinco ex-alunos foram do curso de Licenciatura em Biologia, cinco da Licenciatura em Física, seis da Licenciatura em Matemática e três da Licenciatura em Química (Apêndice II). Em face das dificuldades encontradas no recrutamento dos evadidos, em nenhum momento foi feito um controle para que o número de respondentes do sexo masculino e feminino fosse equivalente. Foram realizadas entrevistas com 09 mulheres e 10 homens.

Segundo Bauer & Gaskell (2002, p. 74), a tendência inicial do entrevistado é limitar-se ao que lhe é perguntado e por isso, o entrevistador deve encorajá-lo a falar longamente, “*estabelecendo uma relação de confiança e segurança*”, conseguido pela maneira pela qual o entrevistador faz as perguntas. Partindo desse pressuposto adotei maior interatividade nas entrevistas com os alunos, sendo necessário, às vezes, um incentivo para desenvolverem suas idéias, pois com exceção de poucos, o constrangimento dos evadidos que foram entrevistados era evidente. Alguns se soltaram no decorrer das entrevistas, porém, outros, inibiram-se ainda mais na presença do gravador, que só foi utilizado mediante aceitação dos entrevistados.

Apesar do receio de alguns deles, apenas um dos entrevistados, não permitiu a gravação da entrevista. Também ocorreu que após o encerramento das entrevistas, alguns ex-alunos se colocaram à disposição para outra entrevista ficando claro que a inibição inicial havia cessado. As observações sobre as entrevistas eram anotadas para considerarmos não só o que foi falado, mas também as formas não verbalizadas observadas no contato com os entrevistados.

Além dos alunos evadidos, entrevistamos o Reitor da UENF, a Pró-Reitora de Graduação, o Assessor da Pró-Reitoria de Graduação, os Coordenadores dos Cursos de Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Física e Licenciatura em Matemática, bem como os ex-Coordenadores dos Cursos de Física e Química, que, ao serem convidados a participar deste estudo, aceitaram prontamente, se mostrando favoráveis a conversar sobre o tema, sem receio em expor seus pontos de vista. A realização dessas entrevistas ocorreu nos meses de junho a novembro de 2008 e em janeiro de 2009, na própria Universidade, conforme disponibilidade na agenda destes docentes (Apêndice I).

O processo das entrevistas demanda tempo, por isso, o número de entrevistas deve permitir ao entrevistador revivê-las, lembrando de cada dado obtido, cada gesto dos entrevistados, suas pausas, suas falas, o tom da voz e os

locais da sua realização. Pensando nisso, Bauer & Gaskell (2002, p. 71) estabelecem que “[...] *há um limite ao número de entrevistas que é necessário fazer, e possível de realizar. Para cada pesquisador, este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais [...]*”. Ainda segundo esses autores, a entrevista requer tempo para realizá-la, transcrevê-la e para que haja um aprofundamento nos discursos dos entrevistados.

Com as entrevistas individuais, buscamos entender as possíveis causas da evasão discente, partindo da caracterização do aluno evadido dos Cursos de Licenciatura da UENF, os motivos da escolha do curso, expectativa do aluno com o curso e com a UENF, vivência universitária (o docente, desempenho acadêmico, integração do aluno com colegas do curso e principais dificuldades na trajetória acadêmica do aluno) e as causas da evasão. A coleta de dados também permitiu-nos conhecer a trajetória acadêmica do aluno após evadir-se da UENF, bem como a opinião dos familiares dos evadidos sobre a evasão.

1.7. Análise dos dados

O processo de registro escrito dos dados coletados iniciou-se com a transcrição, na íntegra, das entrevistas e para analisar os dados coletados utilizamos a análise de conteúdo. Para Chizzotti (2006, p. 113), escolher entre a multiplicidade de técnicas disponíveis para se analisar um documento, depende da opção do investigador e em função dos objetivos da pesquisa. Segundo o autor essa técnica de análise de dados “*consiste em relacionar frequência da citação de alguns temas, palavras ou idéias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor*”.

E assim, procedemos à leitura sistemática e exaustiva das entrevistas para então extrairmos dos seus textos palavras-chave, termos específicos, frequência com que as palavras e trechos dos depoimentos aparecem, procurando perceber assim como os significados mais evidentes, os ocultos, os valores, preferências e as sutilezas encontradas nas falas dos entrevistados que, relacionam-se ao tema da pesquisa e melhor respondem aos objetivos propostos.

1.8. Estruturação do estudo

Na dissertação com quatro capítulos, o primeiro capítulo é a **Introdução**, onde sinteticamente procurou-se apresentar o tema evasão universitária, os objetivos da pesquisa, a justificativa e limitações deste estudo, a instituição pesquisada, os alunos evadidos, a metodologia aplicada, os instrumentos utilizada na coleta de dados e o tratamento dos dados coletados.

No segundo capítulo denominado **A evasão no ensino superior e suas causas**, o objetivo foi apresentar a fundamentação teórica que consiste na contribuição de alguns autores que analisaram a temática da evasão, no Brasil e em outros países, as perspectivas teóricas sobre o conceito da evasão, definindo as formas da evasão e as causas da evasão encontradas na literatura, apontando medidas propostas por alguns estudos, para minimizar este problema.

O capítulo três descreve **A Evasão nos Cursos de Licenciatura da UENF: mito ou realidade?** Este capítulo descreve como a evasão ocorre na UENF, em cada um dos seus cursos de Licenciatura em Biologia, Física, Matemática e Química, elabora o perfil do aluno evadido, a partir dos dados de registro dos alunos na instituição, o tempo de permanência do aluno no curso, as formas de evasão encontradas e a percepção do Reitor, Pró-Reitora de Graduação, Assessor da Pró-Reitoria de Graduação, Coordenadores e ex-Coordenadores dos cursos, com base nas entrevistas feitas, sobre a temática da evasão.

No capítulo quatro, **Apresentação e Análise dos resultados da pesquisa: A evasão na percepção do aluno evadido**. Este capítulo tem como objetivo o diagnóstico da evasão na UENF, a partir das entrevistas realizadas com os alunos evadidos, considerando as percepções do evadido em relação à escolha do curso, expectativa com o curso e a UENF, vivência universitária, motivos da evasão, opinião dos familiares sobre a evasão e trajetória acadêmica do aluno após evadir da UENF, bem como as interpretações que favorecem a compreensão da realidade investigada e que nos parecem mais relevantes para aprofundar o trabalho de investigação acerca da evasão nos cursos de Licenciatura da UENF. As **considerações finais** e algumas sugestões para minimizar o problema da evasão nos cursos de licenciatura da UENF também constam neste capítulo.

2. A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR E SUAS CAUSAS

A cada ano cresce o número de jovens que procuram e ingressam na educação em nível superior. Entretanto, a realidade nos mostra que nem todos os estudantes atingem seus objetivos de concluírem o curso de graduação. A evasão é um problema persistente e atinge a maioria dos países, originando problemas em qualquer etapa do ensino. No ensino superior brasileiro é uma realidade nos cursos de graduação e por isso tem despertado o interesse de pesquisadores provocando reflexões críticas permanentes sobre como enfrentar este problema, embora as discussões sobre este tema ainda sejam muito limitadas.

A seguir, será feita uma abordagem da evasão no ensino superior, evidenciando que este é um problema que afeta o ensino superior em todo o mundo.

2.1. Análise da evasão no ensino superior

A partir de 1992, o governo federal brasileiro intensificou os estudos sobre evasão no ensino superior brasileiro. Em 1995, a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto realizou um Seminário sobre a evasão nas Universidades Brasileiras, com a proposta de divulgar o desempenho das IES federais. Neste seminário foram apresentados dados relativos ao montante de recursos financeiros que eram investidos nessas instituições e o percentual de evasão dos alunos nos seus cursos de graduação.

Na ocasião, a SESu divulgou que a evasão média nacional nas IFES era de 50% e apontou os baixos índices de diplomação dos estudantes. Esses dados referentes à evasão e diplomação no ensino superior do país apresentados no seminário provocaram muita discussão, revelando um percentual de evasão nas IFES, superior ao das universidades paulistas (USP, UNICAMP e UNESP). O uso de diferentes metodologias nos dois estudos justificou a diferença nos resultados apresentados, inviabilizando comparações entre eles. Assim, com o objetivo do *“aclaramento do real desempenho das IFES, através de metodologia mais adequada”*, o MEC constituiu a Comissão Especial de Assuntos sobre Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras, pelas Portarias da Secretaria de Educação Superior, de 13 e 17 de março de 1995, publicadas no Diário Oficial da União em 18 e 21 de março de 1995, respectivamente (Relatório Final/Comissão, 1996, p. 14).

Essa Comissão buscou desenvolver um estudo sobre o desempenho das Instituições Públicas de Ensino Superior, a partir dos dados sobre a diplomação, retenção e evasão de estudantes, valendo-se das experiências já realizadas nas diferentes instituições de ensino superior públicas do país. De maio de 1995 a julho de 1996, a Comissão realizou seus trabalhos e ao final deste período, elaborou um relatório com os dados quantitativos da diplomação, retenção e evasão nas Instituições de ensino superiores públicas (IESP).

A partir deste período, intensificaram-se as pesquisas sobre evasão no Brasil, no entanto, esta iniciativa que deveria servir de base para outros estudos sobre o tema, foi o único realizado em âmbito nacional e com a participação conjunta da maioria das IESP (89,7%). O que encontramos para servir como referencial teórico deste trabalho foram estudos isolados, de diferentes IES, mas que se complementam.

A Comissão Especial de Estudos sobre Evasão do MEC (1995) define como evadido, o aluno que deixou o curso sem concluí-lo. Em nosso caso, para efeito deste estudo, consideramos evasão, a saída do aluno da Universidade, que não seja pela conclusão do curso.

Por entendermos que não existe unanimidade em relação ao conceito de evasão, notamos que a primeira preocupação da Comissão foi posicionar-se para determinar “qual” evasão o estudo se refere e especifica três modalidades de evasão, do curso, da instituição ou do sistema de ensino superior:

evasão do curso - caracterizada pelo desligamento do curso superior em função de abandono (não matrícula), transferência ou reescolha, trancamento e/ou exclusão por norma institucional;

evasão da instituição - desligamento da instituição na qual está matriculado;

evasão do sistema - abandono definitivo ou temporário do ensino superior. (Relatório Final/Comissão, 1996, p. 28-30).

O conceito de evasão utilizado nesta pesquisa se refere, portanto, à evasão da instituição, embora a coleta de dados permitiu-nos verificar se o aluno evadiu do sistema de ensino superior, conforme resultados apresentados na análise de resultados.

A evasão ocorre em instituições públicas e privadas, podendo ser mensurada e estudada a partir de variados aspectos. A evasão pode ser estudada em uma IES ou em um sistema, ou seja, em um conjunto de instituições. Também pode ser medida por curso, área de conhecimento ou outro âmbito. A abordagem da pesquisa dependerá do acesso aos dados (Silva Filho et al., 2007, p. 64). A revisão da literatura revela, que alguns estudos sobre a evasão, envolvem diversos cursos de uma instituição, não se detendo a um curso específico (Fregoneis, 2002; Lima, 2006; Maia, 1984; Polydoro, 2000; Biazus, 2004).

Palharini (2008, p. 152) destaca que na maioria dos estudos sobre evasão, é notória a preocupação com os índices ou com as formas de medi-la, mas nem sempre esses estudos buscam suas possíveis causas, mediante um estudo qualitativo. Essa concepção, segundo ele, relaciona-se à “*lógica eficientista*”, resultante das críticas do MEC às IFES pelos altos índices de evasão revelados pelo Relatório da Comissão Especial.

A própria definição da evasão já a torna um problema complexo, devido à diversidade de conceitos e formas de abordá-la, conforme encontramos em alguns estudos que veremos a seguir. Porém, é importante destacar que o consenso que detectamos nesses estudos, está relacionado à definição de aluno evadido, ou seja, aquele que não concluiu o curso de graduação.

Segundo Ribeiro (2005, p. 56), evasão é “*o desligamento do sistema de ensino superior, sem transferência externa ou interna, marcado pelo desligamento de uma Universidade e o não ingresso em nenhuma outra*”. O autor não considera evadido, o aluno que porventura ingressa em outra IES. Podemos dizer que este autor considera como evasão, a saída do aluno do sistema de ensino superior (Relatório Final/Comissão, 1996).

No estudo de Machado (2002, p. 138), considera-se evasão, a saída definitiva do aluno da Universidade. Já a mudança do aluno de um curso para outro, dentro da mesma instituição, é considerada migração. Uma outra definição de evasão é “*um processo de abandono, voluntário ou não, do curso em que o aluno está matriculado, por influência positiva ou negativa das circunstâncias internas ou externas a ela*” (González, 2006, p. 3). Nota-se que o primeiro autor mencionado, trata da evasão do sistema de ensino superior, enquanto o segundo aborda a evasão do curso.

Biazus (2004, p. 107) classifica a evasão em definitiva e temporária. Segundo ele, as formas de evasão temporária são o trancamento voluntário de matrícula e a evasão *ex-officio*. Já as formas de evasão definitiva, abrangem o abandono do curso, desistência definitiva e a transferência para outra IES. O autor define ainda como evasão temporária, a interrupção do curso, de um até dez semestres e como evasão definitiva, *“a saída definitiva da universidade, ou seja, é aquela pela qual o aluno se afasta da instituição”*, que não seja por transferência interna, ou seja, passagem de um curso para outro na mesma IES.

Para Palharini (2008, p. 148), a *“elasticidade conceitual”* da evasão, dificulta o seu estudo e padronização entre as IES. Segundo ele, isso se justifica porque as instituições podem adotar diferentes parâmetros para definir o percentual da evasão em seus cursos. Dessa forma, para entendermos como a evasão ocorre nas instituições, devemos conhecer os critérios que são utilizados para classificar a evasão. Por isso, este é um tema complexo, pois em função do critério adotado para identificar os índices de evasão de um curso ou de uma IES, os resultados podem gerar discordância. Cabe ressaltar, ainda, que em uma mesma IES, para um mesmo curso de graduação, a adoção de diferentes metodologias pode *“esconder”* o real dimensionamento da evasão discente.

Uma outra definição de evasão faz menção aos prováveis evadidos, ou seja, os *“alunos que, dentro do regimento, ainda podem retornar à universidade, por não terem sido desligados por ato administrativo, embora estejam caminhando para tal processo”* (Noronha & Santos, 2001, p. 2). De acordo com esses autores, esses discentes ainda não foram detectados pelo sistema de controle interno da instituição, estando inseridos no grupo de alunos que deixaram de se matricular em mais de um semestre, ou que foram reprovados por frequência, em todas as disciplinas em que estiveram matriculados. A classificação de provável evadido não foi encontrada com frequência nos estudos sobre evasão que utilizamos nessa dissertação.

Segundo Polydoro (2000, p.61), a delimitação de critérios para classificar a evasão, resulta em dados fidedignos para o tratamento deste problema. Partindo deste princípio, ela enumera cinco critérios, que isolados ou formando combinações entre si, devem ser levados em consideração, na abordagem da evasão discente nas instituições de ensino superior:

- a) a instância da qual o indivíduo se evade (curso, instituição e sistema);*
- b) a autoria da decisão (evasão voluntária e desligamento pela instituição);*
- c) a forma como o indivíduo se evade (abandono, cancelamento pelo aluno, cancelamento pela instituição, transferência externa, transferência interna, trancamento, entre outras possíveis denominações e significados diferentes observados nas diversas instituições);*
- d) o período de tempo que o indivíduo permanece evadido (evasão definitiva e evasão temporária);*
- e) o momento em que se dá a evasão (ingressante, séries intermediárias ou concluintes) (Polydoro, 2000, p.16).*

Para a realização dos estudos sobre evasão na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Veloso (2000, p. 38) classificou os estudantes em três grupos, a partir das suas características individuais. Segundo ela, no primeiro grupo estão os alunos que merecem uma investigação mais acurada, pois eles permanecem por mais tempo matriculados na instituição e não concluem o curso. No segundo grupo, inserem-se os estudantes que permanecem em média 2,35 semestres matriculados e por último, no terceiro grupo, encontram-se os alunos que ficam 2,12 semestres matriculados no curso e apresentam o menor índice de permanência entre os três grupos. Com base nas hipóteses levantadas pelas Coordenações de Curso na UFMT, ela supôs que os alunos dos segundo e terceiro grupos, podem ser aqueles com baixo desempenho no ensino médio, sucessivas reprovações nos primeiros semestres do curso de graduação, ou ainda, alunos que não tinham informação do curso.

A evasão encontra-se presente em todas as regiões do Brasil, ainda que os seus índices sofram oscilações entre as distintas regiões, variando de acordo com as características das instituições de ensino, do perfil dos alunos e do número de alunos matriculados nos cursos.

Nesse sentido, o estudo de Silva Filho et al. (2007, p. 650) identificou, no período de 2000 a 2005, a evasão média do país, na ordem de 22%. Neste mesmo período, o estudo detectou que as particularidades de cada uma das regiões do Brasil faz com que as taxas de evasão sejam distintas. No mesmo estudo, os autores revelam que nas Regiões Norte e Nordeste, os índices de evasão ficaram abaixo da média nacional (21%), enquanto as regiões Sudeste e Sul acusaram o índice de 22%. Na região Centro-Oeste, a taxa média de evasão foi de 23%, um pouco superior à média nacional.

Apesar de ser um estudo quantitativo, os autores fizeram uma breve análise de alguns desses índices. O índice de evasão encontrado na Região Norte, de acordo com eles, pode ser devido à expansão das IES, fazendo crescer o número de matrículas, atendendo a uma demanda reprimida, mas que posteriormente, não foi feita uma efetiva política para permanência desses alunos nas instituições.

Na Região Sudeste, a taxa de evasão verificada, é devido à grande concentração de alunos no ensino superior do país. Notamos também que, além das disparidades nas taxas de evasão nas diferentes regiões do país, alguns estados, de uma mesma região, apresentam taxas de evasão diversas. Sendo assim, na Região Sudeste, os Estados de Minas Gerais e São Paulo, apresentaram uma taxa média de evasão, inferior à média nacional (22%), mas o Estado do Rio de Janeiro, *“tem uma das mais altas taxas de evasão do país, em torno dos 33%, tendo caído ligeiramente em 2005”* (Silva Filho et al., 2007, p. 651). O mesmo estudo revela, ainda que, na Região Sul, o Paraná apresentou a menor taxa de evasão encontrada, enquanto o Rio Grande do Sul teve o índice de evasão, superior à média nacional. No Centro-Oeste, o Estado de Goiás, teve uma evasão menor que a regional e a nacional, situação oposta de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cujas taxas ficaram acima das médias regionais e nacionais.

A Secretaria de Planejamento (SPL) da Universidade de Brasília (UnB), por recomendação do Tribunal de Contas da União (TCU) para mensurar os custos financeiros envolvidos no processo de ensino nas IFES, calculou o custo/ano do aluno desta instituição. Este custo foi denominado *“custo do ensino”*. Nesse sentido, a SPL calculou os custos por aluno por instituto/faculdade na UnB, em 2002 e 2003. Os dados referentes ao custo/aluno, em 2003, do Instituto de Ciências Biológicas, perfizeram um total de R\$ 6.727,00/ano, já o Instituto de Ciências Exatas, que abrange o Departamento de Matemática, teve um custo anual de R\$ 4.075,00/aluno. O custo anual do estudante no Instituto de Física foi de R\$ 4.845,00 e no Instituto de Química, R\$ 5.124,00/aluno (Silva, 2003). Isso posto nos dá a idéia de que quando consideramos o total de evadidos de uma instituição, a evasão envolve elevados custos financeiros, que são desperdiçados, mas que poderiam estar sendo investidos na instituição.

Biazus (2004, p. 17) considera desperdício financeiro, a evasão, a repetência, o abandono, o uso inadequado dos recursos físicos e tecnológicos, o custo excessivo da educação e a subutilização das pessoas. Em resumo, fica

bastante claro, que a evasão deve ser analisada e enfrentada pelas IES, pois, entre outros fatores, representa desperdício financeiro das verbas públicas, nas instituições públicas e nas IES privadas, ocasionam a diminuição na receita financeira. Nos dois tipos de instituição, esses recursos podem ser utilizados em setores que carecem de verbas para seu desenvolvimento.

Segundo Machado (2005), o aspecto financeiro deve ser considerado no tratamento da evasão. Na opinião deste autor, em meio aos escassos recursos financeiros destinados às Instituições de Ensino Superiores Públicas (IESP), a análise financeira da evasão, causaria maior impacto na formulação de políticas voltadas para a retenção dos estudantes em seus cursos de graduação.

As IES privadas não encontram dificuldade em lançar seu olhar para o aspecto financeiro da evasão discente. Ao fazermos este comentário, tomamos como referência a idéia da educação como serviço, facilmente identificada no estudo sobre uma IES privada.

Segundo Lima (2006, p. 70), a evasão é considerada como uma “*perda*” de recursos financeiros, enquanto a renovação da matrícula, a “*recompra do serviço educacional*”. A autora afirma que algumas IES privadas, possuem um sistema de avaliação institucional para “*gerar informações sobre a percepção dos clientes do serviço educacional prestado pela IES.*” Outro ponto destacado por ela revela, ainda, que para enfrentar a concorrência decorrente do aumento das IES privadas no país, a instituição deve saber perceber a opinião de sua clientela sobre os serviços educacionais oferecidos pela instituição para que assim possa melhorá-los, para satisfação dos seus alunos.

Além do aspecto financeiro da evasão, as instituições devem lançar um olhar cuidadoso sobre os cursos considerados de baixa procura, que segundo alguns estudos, são os responsáveis pelas maiores taxas de evasão no Brasil (Hanglei, 2004; Marques & Pereira, 2002; Gomes, Angerami e Mendes, 1995).

Entre os cursos de baixa procura, os cursos de enfermagem, apresentam números crescentes de vagas ociosas, tendo como consequência um número insuficiente de profissionais no mercado de trabalho. Neste contexto, o estudo de Gomes, Angerami e Mendes (1995, p. 100), a baixa procura pelos Cursos de Enfermagem é um problema que vem sendo discutido desde 1923, com a implementação da enfermagem profissional no Brasil. Os autores apontam que aliada à baixa procura, o curso apresenta uma elevada taxa de evasão, na ordem de

40,70%. Mencionam ainda que, mesmo com a abertura de mais de um vestibular no mesmo ano e com a criação da “reopção”, em 1988, quando os alunos podem escolher outra faculdade da mesma área, desde que haja vagas disponíveis, o curso ficou com vagas ociosas.

Os Cursos de Licenciatura também são considerados de baixa procura, geralmente atribuída ao desprestígio da profissão docente. Porém, o que parece contraditório é que ao mesmo tempo em que há necessidade de formar professores, havendo uma demanda para abertura de novos cursos de licenciatura, existe uma baixa ocupação das vagas nos cursos existentes (Marques & Pereira, 2002).

Muitas vezes, a opção do estudante pela licenciatura pode ser decorrente da sua situação socioeconômica, pois os jovens das classes menos favorecidas, optam pelos cursos menos concorridos, por reconhecerem a dificuldade em serem aprovados para cursos de maior demanda. Também pode ocorrer que o aluno procura o curso de licenciatura, por achar que é o caminho mais fácil de ingressar no ensino superior, ou até mesmo, como segunda opção, por não ter sido aprovado em outro curso de maior demanda.

Segundo Braga, Peixoto e Bogutchi (2001, p. 141), essa opção dos estudantes por cursos menos concorridos para terem maior possibilidade de sucesso e ingressarem no ensino superior, insere-se na seletividade social da escolha na carreira profissional, definida como “*um processo intrínseco ao estudante que reconhece não ter condições de concorrência em cursos de maior prestígio social*”. Outro fato constatado no estudo desses autores, foi o crescimento da demanda pelos cursos noturnos que, segundo eles, apresentam perfil socioeconômico dos extratos menos favorecidos, mas que tiveram um aumento de 82%, em relação aos cursos diurnos da UFMG, no período de 1990 a 1999. Podemos dizer, portanto, que a abertura de cursos noturnos, contribui para a democratização do acesso ao ensino superior.

A realidade brasileira dos alunos que cursam o período noturno é, em geral, caracterizada por estudantes que trabalham durante o dia, para obter recursos financeiros para realizar o curso superior, porém, mesmo com as dificuldades enfrentadas por eles como perda de aulas, cansaço e atrasos, reconhecem que o diploma lhes trará maiores oportunidades para ingressarem no mercado de trabalho (Barreiro & Terribili Filho, 2007).

Em muitos casos, a realidade vivida pelo aluno do curso noturno contribui para que ele evada. A situação pode se agravar se o estudante do período noturno, trabalhar em algum período do dia. A dificuldade em conciliar estudo e trabalho pode desmotivar o estudante, em relação à continuidade dos seus estudos.

No estudo de Unglaub (2003, p. 39), a UNESP estabeleceu uma Comissão para elaborar propostas para os cursos noturnos e verificou que *“as Licenciaturas apresentam, de modo geral, tempo médio de integralização curricular superior ao tempo mínimo estabelecido, elevado índice de evasão, elevado número de matrículas canceladas e suspensas em ambos os turnos”*, devido à impossibilidade dos alunos se dedicarem integralmente aos cursos.

Durante o I Encontro Nacional do Fórum das Licenciaturas, realizado pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), em 1999, com o objetivo de construir novas alternativas para os Cursos de Licenciatura, foram enviados questionários para algumas IES, perguntando se utilizavam programas institucionais voltados para uma discussão interna dos seus Cursos de Licenciatura. Devido ao baixo retorno dos questionários que foram enviados, percebeu-se o pouco interesse pelo assunto. Por outro lado, os questionários que foram devolvidos, continham respostas com pouca informação sobre o que se pretendia apurar (Marques & Pereira, 2002).

Essa visão dos Cursos de Licenciatura como cursos inferiores e secundários, pelas próprias IES, quando comparados aos de bacharelado, não possibilita que haja uma discussão institucional dos seus problemas, como a evasão. Nesse sentido, Hanglei (2001, p. 26) expôs que *“na Universidade pública, bacharelado e licenciatura têm, historicamente, se constituído como cursos separados, com pouca ou nenhuma relação entre si, colocando a licenciatura numa situação de inferioridade”* e por isso, defende a expansão das universidades, atreladas à valorização dos cursos de formação de professores que segundo ela, *“têm um papel estratégico para o desenvolvimento econômico e social do país”*.

A baixa diplomação nos Cursos de Licenciatura diminui ainda mais o número de profissionais, já tão escassos, no mercado de trabalho. Porém, o processo de evasão nas Licenciaturas não ocorre somente em Universidades, mas também em Centros Tecnológicos. O trabalho de Moura & Silva (2007, p. 35) revela que dos 31 que se matricularam no Curso de Licenciatura em Geografia, no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, apenas 09 concluíram os estudos

no período regular de quatro anos. Os autores constataram que a evasão foi maior no primeiro ano do curso e continuou elevada, mesmo após algumas mudanças na estrutura, organização e funcionamento do curso para reduzir a evasão.

Para verificarmos a elevada evasão nas licenciaturas, utilizamos os dados do Relatório Final da Comissão Especial sobre diplomação, retenção e evasão nas universidades públicas brasileiras, referentes aos Cursos de Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Química, de diferentes IES, conforme tabela a seguir:

Tabela 1: Retenção, diplomação e evasão nos Cursos de Licenciatura da UFMT, UEL, UNICAMP e UFSM

Curso de Licenciatura	Instituição	Retenção (%)	Diplomação (%)	Evasão (%)
Biologia	UFMT	43,59	41,03	15,38
Física	UEL	1,91	11,46	86,62
Matemática	UNICAMP	8,89	40,00	51,11
Química	UFSM	16,67	30,56	52,78

Fonte: Relatório Final/Comissão, 1996. Elaborado pela autora.

O estudo de Mazzetto & Carneiro (2002) mostrou uma situação bem peculiar ocorrida na Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao analisarem o perfil dos alunos dos Cursos de Bacharelado diurnos, Química e Química Industrial e da Licenciatura em Química, oferecida no período noturno, verificaram que a Licenciatura apresentou menor taxa de evasão. Os autores atribuem este resultado, à melhoria da eficiência e prestígio do curso de Licenciatura em Química na IES pesquisada.

O Curso de Odontologia, considerado de grande procura, apresentou uma reduzida taxa de evasão, 2,19%, entre os 40 estudantes que ingressaram na UNESP/Araçatuba no período de 1992 a 1999. Esse resultado reflete a confiança dos alunos, no retorno profissional da carreira (Saliba et al., 2006). Mesmo com a baixa evasão no curso, os autores justificam a importância do estudo, devido ao alto custo que representa cada aluno evadido.

Em alguns países latino-americanos, as taxas da evasão no ensino superior são mais elevadas em relação às encontradas no Brasil. No período de 2001 a 2005, a taxa de evasão na Bolívia foi de 73%, no Chile, 54%, na Colômbia de 51%,

Venezuela e Suécia de 52%, Itália, 58% e Uruguai, 72%. Nesse mesmo período, o Brasil apresentou taxas de evasão na ordem de 48%. Entre os países com índices de evasão inferiores aos do Brasil, encontramos o México e Alemanha, cuja evasão no ensino superior é de 30%, enquanto a França possui taxa de evasão de 41% e o Japão, 7% (Silva Filho et al., 2007). A partir desses dados podemos dizer que a evasão é um fenômeno universal.

O documento preparado para a Reunião de Reitores das Universidades Panamenhas, com o objetivo de dimensionar a repetência e a evasão nos sistemas de ensino superior de alguns países, revelou que uma das mais altas taxas de evasão na América Latina foi encontrada na Bolívia, em torno de 73%, até mesmo no curso de Medicina, considerado de grande demanda, acusou índices de 50% de evasão. Segundo ele, a taxa de titulação no ensino superior deste país está estimada em 26,70% (González, 2006).

Na visão de Tinto (1997), as IES devem ter compromisso com o aluno, incentivando-o e investindo recursos na educação dos seus estudantes. Além disso, destaca que é importante o envolvimento de todos os membros da instituição nos programas de retenção dos estudantes, pois segundo ele, o sucesso desses programas reside neste esforço coletivo.

2.2. Possíveis causas da evasão encontradas na literatura

A multiplicidade de fatores envolvidos no processo de evasão torna a apuração desses motivos uma tarefa complexa. Ao observarmos as possíveis causas da evasão discente no ensino superior, muitas vezes percebemos que não existe um único motivo que leva o aluno a desistir do curso, mas essa decisão pode ser determinada por razões de ordem pessoal ou institucional, ou pela multicausalidade, ou seja, articulação de múltiplos fatores (Relatório Final, 2004).

Segundo o Relatório Final/Comissão (1996), as prováveis causas da evasão podem estar relacionadas às características individuais do estudante, aos fatores internos às instituições e aos fatores externos às instituições, conforme abordaremos a seguir.

Entre os fatores referentes às características individuais do estudante, o Relatório Final, destaca os relativos à habilidade de estudo, à personalidade. Também são apontados fatores decorrentes da formação escolar anterior,

vinculados à escolha precoce da profissão, os relacionados às dificuldades do estudante de adaptação à vida na universidade, os decorrentes da incompatibilidade entre a vida acadêmica e as exigências do mundo do trabalho, os resultantes do desencanto ou desmotivação com cursos escolhidos que não foram a primeira opção do estudante, os referentes às dificuldades na relação ensino-aprendizagem, os fatores relacionados à desinformação a respeito da natureza dos cursos e por fim, os decorrentes da descoberta de novos interesses que levam à realização de novo vestibular (Relatório Final/Comissão, 1996).

Já os fatores internos ao curso e às instituições que podem levar a evasão, relacionam-se às questões acadêmicas e didático-pedagógicas, como desinteresse do docente, pequeno número de programas institucionais para o aluno, como Monitoria e Iniciação Científica, cultura institucional de desvalorização da docência na instituição, deficiência na infra-estrutura da instituição (Relatório Final/Comissão, 1996).

Em relação aos fatores externos às instituições que podem levar o aluno a evadir, destacam-se os relativos ao mercado de trabalho, ao reconhecimento social da carreira escolhida; os relativos à desvalorização da profissão, por exemplo, o caso das licenciaturas; vinculados a dificuldades financeiras do estudante e os fatores que estão relacionados, à ausência de políticas governamentais consistentes e continuadas, voltadas ao ensino de graduação (Relatório Final/Comissão, 1996).

Segundo Tinto (1975), é importante conhecer o aluno e os problemas que ele enfrenta na Universidade, pois, este conhecimento serve de base para a construção efetiva de programas de retenção de alunos, assim como é feito nos Estados Unidos. Para ele, o abandono é uma denominação geral para alguns fatores mais específicos embutidos neste conceito e que as causas da saída do aluno da Universidade se reveste de motivos variados, embora geralmente, atribui-se a culpa pelo abandono, ao baixo desempenho acadêmico dos estudantes. Na sua concepção, as causas da evasão devem ser bem analisadas porque o desempenho acadêmico insatisfatório do estudante pode ser resultado de algumas experiências que ele está vivenciando na universidade.

O estudo de González (2006, p. 29) verificou que o aluno evadido do ensino superior, pode retornar aos estudos, na medida em que os motivos que o levaram a abandonar o curso sejam resolvidos em algum momento. De acordo com este autor, a evasão discente está relacionada a algumas atitudes dos estudantes que, de

alguma forma, impede a continuidade das suas trajetórias escolares. Essas atitudes caracterizam-se:

- a) pelo abandono ou suspensão voluntária ou definitiva dos estudos no sistema de educação superior pelo aluno;
- b) pela saída dos alunos devido às deficiências acadêmicas e o baixo rendimento escolar;
- c) pela mudança de carreira ou instituição;
- d) pelo não cumprimento das normas da instituição (González, 2006, p. 29).

No mesmo estudo, foram agrupadas as causas da evasão, em quatro categorias. A primeira, se refere às causas externas ao sistema de ensino superior, a segunda é relativa às causas próprias do sistema e das instituições, a terceira diz respeito as causas acadêmicas e na quarta categoria estão as causas referentes às características pessoais dos estudantes.

Entre as principais causas externas, estão as condições socioeconômicas, tanto do estudante como do grupo familiar (local da residência, nível de instrução dos pais, necessidade de trabalhar para manter a família);

As causas do sistema de ensino e das instituições são o aumento da matrícula dos menos favorecidos, falta de mecanismos adequados de financiamento para ajudar os estudantes carentes, desconhecimento da profissão; ausência de laços afetivos com a Universidade;

Entre as causas de ordem acadêmica são consideradas a formação anterior ao ingresso no ensino superior, a excessiva orientação teórica e escassa vinculação com a prática, falta de apoio dos professores com a orientação dos alunos, falta de informação na escolha do curso, heterogeneidade do aluno, falta de preparado dos docentes para enfrentar os alunos que ingressam nas Universidades.

Entre as causas de ordem pessoal encontram-se às relacionadas à motivação com os estudos, adaptação à universidade e dificuldades de aprendizagem (González, 2006, p. 30).

Pesquisa da Universidade de Campinas (UNICAMP) sobre o trancamento de matrícula e posterior saída da universidade revelou que as principais causas deste tipo de evasão foram os problemas financeiros, seguido da necessidade de trabalhar, dificuldade de integração acadêmica e por fim, a falta de compromisso com o curso. Detectou ainda que em relação aos problemas financeiros, “quando o aluno decide pelo trancamento de matrícula, ele o faz de forma a possibilitar o reingresso [...]”, em caso de alterações positivas em suas condições pessoais e financeiras (Polydoro, 2000, p. 102).

Maia (1984, p. 73-74) ao estudar a evasão no terceiro grau dos cursos de Licenciatura, da Universidade Federal da Paraíba, verificou que a falta de motivação com o curso, os problemas pessoais e casamento foram determinantes para a evasão dos estudantes. Quando os entrevistados atribuem à causa da evasão aos problemas pessoais, observou-se que “os sujeitos demonstram incapacidade de se situarem, de se posicionarem claramente frente ao problema” e assim “tentam ocultar os reais motivos que os levaram a abandonar o curso superior”.

No estudo de Gaioso (2005) as causas norteadoras da evasão são a falta de orientação vocacional e imaturidade na escolha do curso, reprovações sucessivas, problemas financeiros, falta de perspectiva de trabalho, ausência de laços afetivos na universidade, busca de herança profissional, falta de um referencial na família, entrada na faculdade por imposição da família, casamento não planejado e nascimento de filho (s).

Cabe destacar que uma particularidade encontrada no estudo de Gaioso (2005, p. 37) e que não consta nos estudos sobre evasão que utilizamos neste trabalho, é a evasão por motivo de gravidez precoce, ocorrida em uma Faculdade de Engenharia da Paraíba. Neste caso, as estudantes saem do curso de graduação para se dedicarem aos cuidados dos filhos.

No estudo da USP desenvolvido pelo Núcleo de Apoio aos Estudantes de Graduação (NAEG) entre os principais fatores que levam a evasão dos alunos estão os relacionados à realização de outro curso superior, problemas financeiros, problemas de transporte, insatisfação com o curso ou com professores, incompatibilidade dos horários do estudo com o trabalho, problemas com moradia e problemas familiares (Relatório Final, 2004).

No estudo de Ribeiro (2005, p. 57), a dificuldade financeira também aparece entre os motivos da evasão, mas segundo ele, conforme o avançar das entrevistas realizadas no seu estudo, percebeu que outros motivos impossibilitavam os alunos a permanecerem na Universidade, mas atribuía-se a responsabilidade pela saída do aluno, à questão financeira. Segundo o autor, “essas explicações reducionistas da evasão no cotidiano universitário”, impedem que se criem estratégias para lidar com este problema. Ainda segundo ele, a formação básica deficitária e a situação financeira ruim das famílias tornam a evasão nas classes desfavorecidas, “um destino já conhecido”, pois a formação universitária não aparece para essas pessoas, como um projeto de vida.

No Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria e da Universidade Federal de Santa Catarina, os indicadores que mais influenciaram o aluno evadir são a pouca motivação por parte dos professores, aspectos inadequados das salas de aula ao ensino, forma inadequada com que os professores falam nas aulas, não existência de integração entre universidade e empresas para a prática do estágio supervisionado, desconhecimento prévio sobre o curso e pressão familiar na indicação do curso (Biazus, 2004).

Segundo Pachane (1988, p. 113), a saída do aluno da Universidade se dá através das “*rupturas*” que estão relacionadas com as expectativas dos estudantes, com a imagem da Universidade, com o modelo de ensino-aprendizagem, com o passado do aluno e seus valores, vínculos e laços afetivos anteriores à entrada na Universidade, consigo mesmo e com a visão do mundo.

O estudo de Pereira (2003) revela que os fatores que influenciam o aluno a abandonar a instituição estão relacionados aos fatores internos à instituição, como a insatisfação do aluno com a estrutura física da universidade e com a metodologia dos docentes, seguida dos fatores inerentes aos estudantes que são as dificuldades financeiras, dificuldades de acompanhar as atividades desenvolvidas no curso e ingresso em curso que foi a primeira opção do discente.

A incompatibilidade entre horários de trabalho e de estudo, aspectos familiares, precariedade das condições físicas do curso e inadequação curricular foram os fatores apresentados pelos alunos evadidos como responsáveis pela evasão discente, no âmbito da UFC. Quando indagados sobre a satisfação com o abandono do curso, a maioria afirmou estar satisfeita com a decisão tomada (Andriola et al., 2006).

González (2006) aponta como as principais causas da evasão que ocorrem no Brasil, o desconhecimento pela profissão e carreira, a influência da família, problemas financeiros, incompatibilidade entre trabalho e estudo, reprovação acadêmica, falta de perspectiva de trabalho, falta de laços afetivos com a Universidade e problemas familiares. Na UFMT, os principais fatores determinantes da evasão na visão dos Coordenadores de Curso são a necessidade de estar no mercado de trabalho, indecisão com a escolha do curso, falta de base do ensino médio e metodologias utilizadas nas aulas teóricas (Veloso, 2000).

Machado, Melo Filho e Pinto (2005) levantam uma causa da evasão para o Curso de Química que, segundo eles, é específica do Estado do Rio de Janeiro, a

existência de quatro Universidades federais UFRRJ, UERJ, UFF, UFRJ, num raio de 50 km, oferecendo Cursos de Química, mas que realizam isoladamente os seus vestibulares. Segundo os autores, a liberação dos resultados dos processos seletivos para ingresso nessas instituições, ocorre no mesmo período, oportunizando o aluno a fazer sua matrícula em mais de uma instituição, para depois fazer sua opção e evadir das outras. A não existência de um sistema integrado de consulta entre as IES, permite a realização de matrícula em diversas instituições simultaneamente, ocasionando com isso a retenção da vaga, que poderia ser disponibilizada a outro candidato, tão logo fosse detectada a matrícula do aluno em outra instituição.

Na Universidade privada, a redução dos alunos ao longo dos anos, associa-se à crescente taxa de inadimplência dos estudantes, devido ao custo das mensalidades, muitas vezes, com valor superior ao poder aquisitivo dos alunos, além da insatisfação com o curso (Lima, 2006, p. 64). Destaca ainda que esses dois problemas devem ser combatidos pelas IES que planejam expandir-se.

Tinto (1975, p. 101) enumera nove razões que podem levar o aluno a evadir do ensino superior que são as dificuldades acadêmicas, adaptação à vida acadêmica, a socialização com as pessoas na Universidade, os objetivos individuais que segundo ele, podem entrar em conflito com as metas da instituição, comprometimento com as responsabilidades acadêmicas, a questão financeira, a percepção de que a IES não vai desenvolver a potencialidade intelectual do aluno, falta de integração na Universidade e o “*ajustamento*” que são as habilidades do estudante em lidar com as novas situações, principalmente as habilidades para resolução dos problemas.

Apesar de enumerar várias razões que podem levar o estudante a sair do curso de graduação, um fator que deve ser destacado e que recebe muita atenção nos estudos sobre evasão nos Estados Unidos, é a integração do aluno na universidade, considerada fundamental para que o aluno permaneça no curso (Tinto, 2006). Segundo ele, a falta dessa integração no âmbito acadêmico, resulta no isolamento do aluno da vida da instituição, por não ser capaz de estabelecer vínculos pessoais com outros membros da instituição e quando o aluno encontra uma instituição mais adequada as suas necessidades e interesses, evade.

A saída do aluno nas diferentes instituições de ensino compartilha de algumas semelhanças, porém, as especificidades de cada IES e a diversidade dos seus

alunos, revelam a complexidade do problema da evasão e as variadas causas que influenciam a saída do aluno do curso. Percebemos, portanto, que as causas da evasão dos diversos estudos aqui abordados, são coincidentes com as prováveis causas determinantes da evasão, previstas no Relatório Final da Comissão da SESu/MEC. Em minha opinião, este Relatório é um ponto de partida para conhecer os motivos da saída do aluno do curso e embasar novos estudos sobre o tema, além de possibilitar, a adoção de medidas preventivas voltadas à permanência do aluno na Universidade, a partir da sua adaptação às especificidades de cada instituição de ensino superior.

2.3. Propostas para combater a evasão

Uma das grandes dificuldades em adotar medidas que combatam a evasão é devido ao tratamento que é dado a este problema, pois muitas vezes, a evasão é vista como um processo natural do sistema de ensino, impedindo, dessa forma, o seu enfrentamento. Outra forma de lidar com a evasão é tratá-la como um assunto que deve ser ocultado, o que também impede uma reflexão crítica sobre o tema e ações para combatê-la.

O estudo de Gaioso (2005, p. 67) verificou que este tema, é um assunto pouco discutido pelas instituições de ensino superior e a ocorrência da evasão é geralmente “*camuflada*”, devido à conotação pejorativa que é dada a essa questão, de modo que existe a preocupação em não relacionar a instituição pesquisada com este assunto. Dessa forma, entendemos que, os dados não revelados, impedem o conhecimento da dimensão do problema e uma discussão institucional que resulte em ações para minimizá-lo.

Gaioso (2005, p. 33), ao realizar entrevista com uma Coordenadora de uma IESP do nordeste brasileiro sobre evasão, obteve como resposta que: “*assumir a evasão é depor contra a Universidade*” e ainda mencionou que: “*a evasão é um tabu; se a tornássemos pública, as conseqüências seriam imprevisíveis; nunca se sabe o que poderia acontecer, quanto às repercussões e aos cortes de verba*”.

Reis (2007, p.16) no artigo intitulado “Fuga da escola”, publicado no jornal da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), utiliza a palavra “*tabu*”, para dizer que “*é dessa forma que a evasão universitária ainda é tratada pelas Instituições de Ensino Superior*”, por estar associada à ineficiência das instituições. Pressupõe-se

que por este motivo, existem poucos estudos sobre este tema no ensino superior brasileiro e as discussões que envolvem o problema da evasão ficam restritas às instituições onde se realizam as pesquisas.

Biazus (2004) constatou na maioria das entrevistas com os dirigentes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que eles demonstraram não ter uma conscientização das reais causas provocadoras da evasão na instituição, evidenciando mais uma vez que a evasão apesar de ocorrer nas instituições, muitas vezes, a percepção que se tem dela, é camuflada ou até mesmo, não é dada a devida importância a este tema.

A partir da elaboração do Relatório Final, referente à diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação nas IES públicas brasileiras, em 1996, a Comissão do MEC propõe a continuidade dos estudos da evasão e para isso estabelece as seguintes ações, que reproduzimos por sua relevância, apesar da extensão da citação:

Para a continuidade dos estudos, recomenda:

- a) identificar comparativamente os percentuais de diplomação e evasão nos cursos diurnos e noturnos;*
- b) aplicar a metodologia a gerações incompletas com objetivo de identificar tendências mais recentes de diplomação e evasão;*
- c) relacionar os percentuais de diplomação e evasão dos respectivos cursos ao nível sócio-econômico dos candidatos ao Concurso Vestibular;*
- c) realizar pesquisas com egressos para aferir seu grau de satisfação com a formação profissional recebida;*
- d) realizar pesquisas com evadidos, buscando identificar as razões que os levaram a abandonar o curso superior;*
- e) comparar os índices de diplomação e evasão nos cursos superiores das universidades públicas e privadas brasileiras com os de outras instituições internacionais, objetivando compreender tanto as especificidades do caso brasileiro, quanto as questões comuns ao ensino superior a nível internacional (Relatório Final/Comissão, 1996).*

Para melhoria dos índices de desempenho dos alunos no curso:

- a) flexibilizar os currículos dos cursos e redimensioná-los em termos de menor carga horária;*
- b) oferecer atividades de apoio pedagógico a estudantes com dificuldades de desempenho;*
- c) melhorar a formação pedagógica do docente universitário;*
- d) adotar políticas institucionais que valorizem o ensino de graduação, tais como: destinação de recursos orçamentários exclusivamente para a graduação; estabelecimento de sistema de bolsas para a atividade de ensino; implantação de crédito para projeto de pesquisa ou de melhoria pedagógica em ensino; direcionar recursos orçamentários para*

reequipamento e manutenção de laboratórios e bibliotecas; valorização da atuação dos docentes nos cursos de graduação;
e) estabelecer mecanismos de apoio psicopedagógico ao estudante;
f) criar ou ampliar programas de bolsas acadêmicas;
g) elaborar projetos de aprimoramento dos cursos;
h) ampliar programas de convênios para estágios dos estudantes junto a empresas, escolas, etc;
i) desenvolver programas de cultura e lazer nas instituições universitárias.
j) ação pedagógica organizada em disciplinas com altas taxas de reprovação;
l) produção de material de divulgação, junto aos estudantes de ensino médio, a respeito do perfil dos cursos e das possibilidades de profissionalização a eles vinculadas;
m) definição de um sistema público - legislação e registros acadêmicos – que impeça a duplicidade de inserção dos alunos em cursos oferecidos pelas instituições públicas;
n)atualização dos currículos dos cursos e criação de novos cursos que respondam às mudanças sociais contemporâneas - urbanas, culturais, artísticas, tecnológicas, organizacionais, etc, contemplando por igual o desenvolvimento do cidadão e do profissional (Relatório Final/Comissão, 1996).

Abordando diferentes países, o estudo de González (2006) apresentou propostas para minimizar a evasão no ensino superior. Segundo este estudo, na Argentina, as ações de combate à evasão devem promover melhor articulação com o ensino médio, enquanto na Bolívia, a proposta é no sentido de fortalecer a formação pedagógica dos docentes, ampliação dos programas de bolsas para estudantes carentes, apoio pedagógico aos alunos com fraco desempenho acadêmico e melhoria da infra-estrutura. Na Costa Rica, o estudo propõe a capacitação dos docentes, programas de apoio socioeconômico, condições adequadas para a aprendizagem e orientação aos estudantes que estão em risco de evadir.

Noronha & Santos (2001) com base nos resultados de sua pesquisa, teceram algumas recomendações para diminuir a evasão discente, como promover maior integração com o aluno calouro, através de um programa voltado para essa finalidade, desenvolver ferramentas para detectar o provável evadido, antes da sua decisão definitiva de evadir e criação de um núcleo de estágios, ampliando as alternativas para inserção do aluno no mercado de trabalho.

Na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) algumas medidas estão sendo adotadas para reduzir a evasão e promover a retenção dos seus alunos na graduação e para isso, elaborou o Programa de Orientação Pedagógica ao Discente, aperfeiçoamento do sistema acadêmico, flexibilização do currículo e da oferta de disciplinas, além de utilizar programas como prática do esporte e

incentivou a participação em projetos culturais, para integrar o aluno à Universidade. A instituição, também ampliou os convênios para estágios dos estudantes e a divulgação dos cursos de graduação junto aos alunos do ensino médio (Teixeira et al, 2008).

Nos Estados Unidos, a avaliação institucional é um instrumento utilizado por quase todas as instituições de ensino superior, para medir a evasão discente e descobrir as suas causas, embora a estrutura dessa avaliação e os tipos de ações a serem implementadas variam conforme a especificidade de cada instituição. De acordo com Tinto (2006), os sistemas informatizados que fazem parte da avaliação institucional possibilitam suscitar ações voltadas à minimização da evasão junto aos alunos, além de avaliar o funcionamento da instituição. Entretanto, destaca que o sucesso desses programas está no compromisso de cada instituição com a permanência dos seus alunos.

No Brasil, percebemos com este estudo que poucas instituições têm programas direcionados ao combate à evasão discente. O que encontramos nos estudos sobre o tema foram ações isoladas que são colocadas em prática, conforme a percepção que se tem da evasão e da necessidade de enfrentá-la, no âmbito de cada instituição.

Foi assim que Gaioso (2005, p. 34) ao realizar entrevistas com o dirigente de uma IES privada, verificou que a instituição não se preocupa com a evasão dos seus alunos, pois ao perguntar sobre o tema em relação aos Cursos de Engenharia Civil e Direito, obteve como resposta: *“as cobranças são mínimas para que o aluno seja aprovado. Se sai um, há mais de cinco candidatos tentando ocupar a vaga dele, a procura é muito grande ao longo do ano”*.

Nota-se que a crescente procura por uma vaga no ensino superior, reduz a preocupação com os problemas que afetam os alunos nas instituições de ensino, como a evasão, principalmente nas IES privadas, quando elas conseguem manter seus lucros, mesmo com a saída de alguns estudantes, na medida em que novos alunos ingressam nos seus cursos.

Ainda nos referindo ao trabalho de Gaioso (2005, p. 35), a resposta de uma entrevista realizada com um dirigente de uma IES privada, em relação ao Curso de Medicina, enfatizou a importância dos laços afetivos para a integração do estudante na instituição, ressaltando que *“é através desse vínculo que se estabelecem amizades duradouras; sinto prazer em ser considerado o pai acadêmico do aluno”*.

De acordo com este dirigente, a acolhida que se faz com o estudante ao chegar à instituição, aliada ao acompanhamento dos pais ou familiares são imprescindíveis na persistência do aluno no curso.

Na Universidade de Passo Fundo (UPF/RS), foram utilizadas ações institucionais para fortalecimento e sustentação dos cursos de licenciatura, que estavam com baixa procura, através dos programas de bolsas para os alunos da graduação e redução das mensalidades escolares. Essas medidas não só incentivaram os alunos a permanecerem nesses cursos, mas provocaram o seu reaquecimento, fazendo com que a instituição expandisse o número de cursos de licenciatura (Correio do Povo, 2008). O mesmo documento, ao fazer menção à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/RS), evidencia que instituir modificações curriculares e de novos métodos de ensino, aumentou a permanência do aluno no curso e reduziu a evasão.

Atitudes como as dessas universidades reforça nosso entendimento de que a evasão não é um problema de difícil solução, mas para combatê-la são exigidos esforços e discussões amplas e sistemáticas no âmbito das instituições de ensino superior. De acordo com Tinto (2006, p. 19), ainda há muito que caminhar nos estudos sobre evasão, pois a solução deste problema ainda não foi encontrada, embora a adoção de algumas medidas pode ajudar a minimizar este problema e recomenda que: *“esse trabalho exige a junção de forças para um movimento educativo que visa reestruturar o modo como lidamos com a tarefa de educar nossos alunos, pois é através dessa tarefa educativa que devemos avançar”*.

3. A EVASÃO NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UENF: MITO OU REALIDADE?

Na introdução deste capítulo, optamos por revelar os dados da evasão na graduação, no período de 2003 a 2008, por acharmos importante mostrar que a evasão ocorre tanto nos Cursos de Bacharelado, quanto nas Licenciaturas. Para isso, utilizamos os dados apresentados pela Secretaria Acadêmica, no I Fórum de Graduação da UENF, instituído, em 2008, com o objetivo de discutir as diretrizes da graduação da UENF para os próximos seis anos.

Com esses dados verificamos que os Cursos de Agronomia e Zootecnia da UENF apresentaram índices de evasão superiores aos encontrados em alguns cursos de licenciatura. A taxa média da evasão na Agronomia foi de 35,70% e na Zootecnia, 46,00%. Os Cursos de Engenharia de Produção, Engenharia de Exploração, Produção de Petróleo e Engenharia Metalúrgica, apresentaram taxa média de evasão na ordem de 23,30%; 16,50% e 25,10%, respectivamente. Os Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia Civil, Ciências Sociais e Ciências Biológicas, alcançaram índices de evasão, em torno de 30%. No Curso de Licenciatura em Biologia, a taxa média anual da evasão discente foi de 16,80%; enquanto a Licenciatura em Física teve 43,30% de evasão. A Licenciatura em Matemática apresentou o índice de 33,90% e a Licenciatura em Química, 35%.

Neste estudo, o período de abordagem dos cursos é de 2003 a 2007 e com o levantamento de dados percebemos que a evasão se manifesta apresentando índices variados nos cursos e nos semestres. No entanto, o problema se agrava ainda mais quando não há o total preenchimento das vagas oferecidas nos processos seletivos de ingresso na universidade, como vem ocorrendo na UENF. E com isso, a existência de vagas ociosas, principalmente nos Cursos de Licenciatura torna o problema da evasão ainda mais preocupante.

No período de abordagem deste estudo, 2003 a 2007, 250 alunos evadiram dos Cursos de Licenciatura em Biologia, Física, Matemática e Química da UENF, enquanto no mesmo período, 570 alunos se matricularam nesses cursos. Esses dados quantitativos revelam que quase metade dos alunos que ingressam nas licenciaturas da UENF, não concluem o curso e evadem. Abordaremos a evasão em cada um dos cursos de licenciatura mais adiante.

3.1. Formas de evasão encontradas na UENF

A Secretaria Acadêmica da UENF considera como formas de evasão, o abandono, matrícula cancelada, transferência para outra IES e o desligamento do curso. O abandono, a matrícula cancelada e a transferência para outra IES são decorrentes da iniciativa individual do aluno, já o desligamento do aluno do curso, também chamado de jubramento, resulta da aplicação das normas institucionais vigentes na instituição. A transferência interna, embora regulamentada pelas Normas da Graduação, não é considerada pela UENF como forma de evasão, pois apesar da saída do aluno de um determinado curso, ele ingressa em outro curso da instituição. Cabe ainda destacar que as diferentes formas de evasão adotadas pela UENF são previstas no seu regimento interno, baseadas na autonomia didático-científico-administrativa que lhe é conferida por seu estatuto³.

O desligamento do aluno da UENF é regulamentado pelo artigo 21 das Normas de Graduação da UENF (2000):

Art. 21- É cancelado e arquivado o registro acadêmico do aluno que se encontrar em uma das seguintes situações:
a- não efetuar sua matrícula em um semestre;
b- for infrequente em todas as disciplinas em que estiver matriculado no semestre, observado o disposto no artigo 31⁴ destas normas;
c- não concluir o curso de graduação no prazo máximo fixado para sua integralização pelos Colegiados de Curso;
d- for reprovado mais de três vezes numa mesma disciplina obrigatória.

Biazus (2004, p. 107) considera abandono “o caso do aluno que não compareceu à matrícula nem requereu o trancamento nos prazos previstos no calendário escolar; ou, ainda, a do aluno que não requereu a readmissão ou renovação do trancamento”. Na UENF, de forma assemelhada, o abandono caracteriza-se pela saída não formalizada do aluno, ou seja, o aluno evade, sem comunicar a sua saída à instituição. Este estudo revela que o abandono é a forma de evasão mais frequente entre os alunos dos Cursos de Licenciatura da UENF, seguido do desligamento do aluno da instituição. (Apêndice IX).

³ Decreto nº 30.672 que regulamenta o Estatuto da UENF (2002).

⁴ Artigo 31- O graduado em curso da UENF pode, a qualquer momento, nos períodos de matrícula, retornar a UENF para complementar outra habilitação e/ou modalidade do curso em que se graduou, mediante aprovação do Colegiado do Curso. (Normas da Graduação, 2002).

Nota-se que quando consideramos os quatro cursos de Licenciatura, percebemos que o abandono e a matrícula cancelada ocorreram com maior frequência entre os homens, enquanto o desligamento do curso foi mais comum entre as mulheres e as transferências para outras IES ocorreram somente com as mulheres (Apêndice X).

Ainda neste capítulo, será feita uma análise da evasão em cada um dos Cursos de Licenciatura, por entendermos que deste modo, conseguiremos trazer com esta pesquisa, informações mais detalhadas e que podem fazer com que possamos melhor compreender a evasão na UENF.

3.2. O trancamento de matrícula e a evasão

Na UENF, o trancamento de matrícula não é considerado como uma das formas de evasão, porém, a opção em abordá-lo foi por percebermos que foi um recurso muito usado pelos alunos, antes de evadirem definitivamente da Universidade. Desse modo, não podemos deixar de considerar o trancamento de matrícula como parâmetro para o entendimento da evasão.

As Normas de Graduação da UENF (2002) regulamentam o trancamento de matrícula. De acordo com o artigo 24 dessas Normas, “*o trancamento de matrícula é permitido uma única vez, pelo prazo máximo de um ano, porém, em casos excepcionais cabe julgamento da Câmara de Graduação*”⁵.

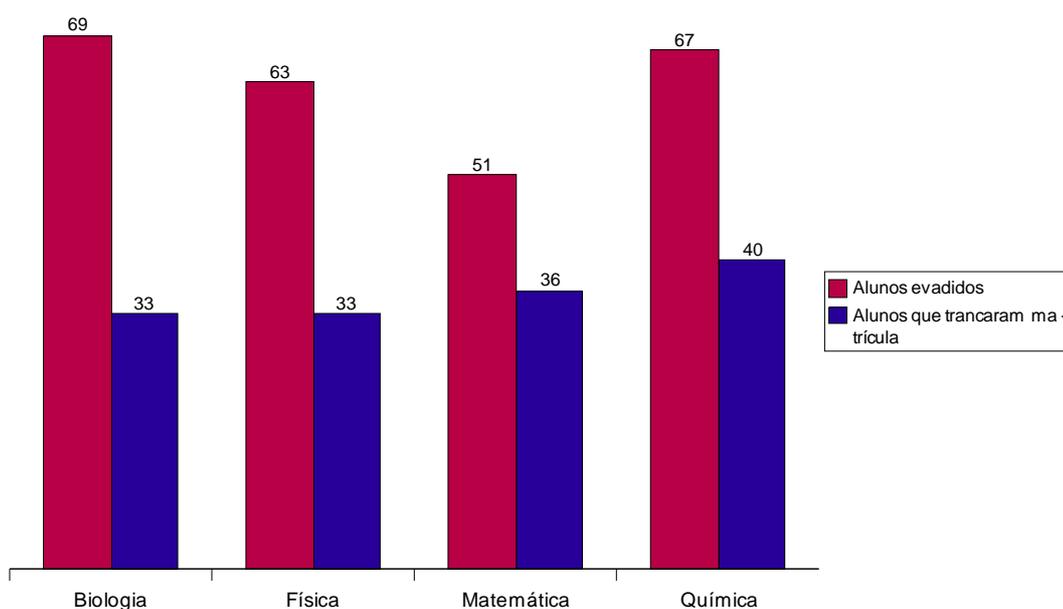
O estudo de Polydoro (2000, p. 86) identificou que mais da metade da evasão no *campus* da IES por ela estudada, ocorreu após os alunos terem efetuado o trancamento de matrícula. Na mesma pesquisa, detectou ainda que no período noturno, o trancamento de matrícula foi mais frequente entre os alunos, por ser neste turno que se concentra grande parte dos estudantes no *campus*. Segundo a autora, a maioria dos alunos, atribuiu como motivos para o trancamento de suas matrículas, os problemas financeiros, seguidos das condições relacionadas a trabalho e à falta de integração acadêmica.

Com base nos dados do histórico de situações dos alunos da licenciatura da UENF, fornecido pela Secretaria Acadêmica, observa-se que o trancamento de matrícula foi utilizado por 142 alunos, entre os 250 que evadiram dos Cursos de

⁵ Instância que define as diretrizes da graduação supervisiona o funcionamento e desempenho dos programas e procede a avaliação geral dos cursos de graduação (Normas de Graduação, 2002).

Licenciatura em Biologia, Física Matemática e Química, no período de 2003 a 2007, ou seja, pouco mais da metade desses alunos, trancaram suas matrículas, no primeiro ano do curso, conforme figura a seguir:

Gráfico 1: Demonstrativo do trancamento de matrícula dos alunos evadidos no primeiro ano do curso



Fonte: Secretaria Acadêmica da UENF. Elaborado pela autora.

Ao fazermos o acompanhamento do retorno dos alunos das licenciaturas da UENF, após o trancamento de suas matrículas, constatamos que, a maioria desses alunos, não retornou para a Universidade. Quando consideramos o total de 142 alunos que efetuaram o trancamento de matrícula, apenas 45 estudantes retornaram a UENF, dando continuidade aos seus estudos, enquanto 14 alunos mantiveram suas matrículas trancadas, dentro do prazo permitido para o retorno à instituição e por isso permanecem regularmente matriculados, porém, 84 estudantes, evadiram.

Esses dados demonstram que o trancamento de matrícula pode ser um indicativo da possibilidade de uma futura evasão da UENF. Ao realizar o trancamento de matrícula, o aluno pode estar adiando sua decisão de evadir.

3.3. A evasão na opinião do Reitor, Pró-Reitora de Graduação e Assessor da Pró-Reitoria de Graduação.

Por entendermos a importância em conhecer a percepção do Reitor, da Pró-Reitora de Graduação e da Assessoria da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) sobre a evasão na UENF, realizamos entrevistas com os docentes que ocupam esses cargos. Dessa forma, na entrevista⁶ com o Reitor da UENF, Prof. Almy Junior Cordeiro de Carvalho, quando foi perguntado sobre a evasão nos cursos de licenciatura, respondeu que “*primeiro é a pouca perspectiva no mercado de trabalho, da profissão de professor [...]*”.

Em seguida, considerou que o aluno do curso noturno tem necessidade de uma assistência social, que deve ser dada pela instituição, para se manter na universidade, pois geralmente os alunos dos cursos noturnos da UENF trabalham, não podem se dedicar integralmente aos estudos e por isso, “*sofrem pressão da pesada carga horária dos cursos*”.

Destacou ainda que a universidade e a família dos alunos são os responsáveis em orientar os estudantes sobre a importância de se qualificarem em uma IES que ofereça cursos de qualidade, embora, nem sempre a família faz essa orientação, devido ao baixo grau de instrução dos pais dos alunos, mas culpa a Universidade e a família pela ausência dessa orientação, que pode levar o aluno a evadir para uma instituição cujo grau de exigência acadêmica é menor, ou seja “*que cobra menos*”:

Eu acho que há uma falta de visão de futuro. Quem já trabalhou com graduação sabe que o aluno desiste de um curso público pra ir pra uma instituição que cobra menos. Às vezes você faz um vestibular pra onde consegue passar e depois paga o preço de não ter uma qualificação adequada. A própria universidade pública tem culpa em não mostrar isso e a família também tem porque não tem essa visão. Os pais não estudaram porque é lá dentro de casa que a gente consegue mostrar. A Universidade não faz o papel de orientador, a família não faz o papel de orientador. Não tem cabimento o aluno desistir de uma escola pública de qualidade que lhe dá uma bolsa para ir para uma escola que não tem a qualidade devida porque ele vai pensar pra conseguir uma pós-graduação, pra passar em concurso.

⁶ Entrevista com o Prof. Almy Junior Cordeiro de Carvalho, realizada em 27/01/2009 (Apêndice I).

Na entrevista⁷ com a Pró-Reitora de Graduação da UENF, Prof^a Lílian Maria Garcia Bahia de Oliveira, quando foi perguntada sobre a evasão nos cursos de licenciatura, ela menciona que, em sua opinião, a evasão pode estar relacionada ao perfil socioeconômico dos alunos e também à cultura familiar em que o aluno está inserido. Assim, em conformidade com a fala do Reitor, acredita que a valoração dos pais em relação ao ensino superior influenciará seus filhos a prosseguirem nos seus estudos ou evadirem. Disse ainda que, geralmente, a procura pelos cursos de licenciatura é feita por alunos que trabalham e pertencem a famílias de baixa renda. Aponta, ainda, que o sistema de créditos em disciplinas na UENF, pode ser favorável ao aluno trabalhador, pois permite que este aluno possa elaborar seu próprio horário, em função da disponibilidade de tempo para os estudos:

Se a gente for olhar o perfil socioeconômico das pessoas que procuram as Licenciaturas e for comparar este perfil com quem já entra na Universidade querendo fazer Engenharia ou outros cursos que não são pra formação de professor, você vai encontrar provavelmente, um nível socioeconômico mais elevado, em média, nos cursos de bacharelado. É lógico que tem exceções, mas aí o que acontece? Essas pessoas que têm mais dificuldade com o nível socioeconômico, [...] são mais vulneráveis em deixar a universidade, por diversos motivos porque tem uma formação deficitária ou porque têm que trabalhar e não têm como conciliar as duas coisas.

As falas do Reitor e da Pró-Reitora de Graduação nos levam a uma reflexão e ao seguinte questionamento: as famílias de renda mais alta valorizam mais os estudos no ensino superior? Algumas idéias reproduzem o senso comum, a respeito da valorização do ensino superior por camadas mais elevadas da sociedade. Se por um lado, a baixa escolaridade dos pais, associada à baixa condição socioeconômica das famílias podem ser um fator impeditivo na orientação dos seus filhos quanto à valorização do ensino superior, o estudo de Nogueira (2004, p. 141) realizado com 25 famílias de grandes e médios (as) empresários (as) de Minas Gerais revela “*um relativo despreço pelo universo escolar, ao qual corresponde um interesse quase apaixonado pelo mundo empresarial (o mundo das “coisas vivas”) e pelos desafios que este lhes coloca*”.

Na pesquisa, essa autora constatou que embora reconheçam o valor simbólico do diploma, os estudos ocupam o papel secundário na preparação profissional desses jovens. Os pais recorrem às estratégias econômicas como

⁷ Entrevista com a Prof^a. Lílian Maria Garcia Bahia de Oliveira, realizada em 19/11/2008 (Apêndice I).

preparar o filho para sucedê-los e inserir o jovem no ramo de negócios da família, pois segundo eles “a formação para o empreendedorismo deve começar cedo e em família. Quando ingressam em uma IES, esses jovens optam por cursos que preparam para o mundo dos negócios como Administração de Empresas.

O Prof. Roberto Weider de Assis Franco, Assessor da Pró-Reitoria de Graduação da UENF, à época, em sua entrevista⁸, embora reconheça que a evasão seja resultado de uma combinação de motivos, nos Cursos de Licenciatura destaca que a evasão ocorre devido ao baixo retorno financeiro da profissão docente:

Não existe um culpado e sim um conjunto de coisas. A evasão não é uma coisa específica da UENF, mas de toda universidade pública como USP e UNICAMP. No caso específico das Licenciaturas, aí não é o caso da Licenciatura da UENF, mas da Licenciatura em qualquer lugar do Brasil. O licenciado ganha pouco.

De acordo com Hanglei (2004, p. 26), na universidade pública, a licenciatura é considerada como um curso complementar e secundário, “reforçando o seu estereótipo de curso fraco”. De acordo com essa concepção, o Prof. Roberto Weider de Assis Franco, considera que a percepção de que os cursos de licenciatura da UENF são “inferiores” aos cursos de bacharelado pode perpassar aos alunos que, ao interiorizarem essa idéia, podem, sentir-se mesmo como inferiores, em relação aos alunos dos cursos de bacharelado:

[...] É como se a licenciatura fosse um nível inferior da graduação. Você tem isso na cabeça das pessoas e isso é muito ruim, porque o aluno que está fazendo a licenciatura pode dizer: eu estou realmente fazendo um curso pior, eu sou pior, a profissão é pior. Isso vai ficando na cabeça das pessoas. O engenheiro de petróleo vai ganhar 10 mil reais enquanto eu vou ganhar 950, que é o piso que o governo federal está dando. Bom, então realmente ele é pior, não é?

A idéia sobre os cursos de licenciatura mencionada anteriormente, como parte da cultura institucional da UENF, pode resultar em consequências negativas para o aluno e a Universidade. Isso porque o aluno pode não querer realizar maiores esforços para acompanhar o curso, supondo que o seu grau de exigência é baixo e que o tratamento dispensado aos alunos das Licenciaturas é diferenciado, ou seja, “mais facilitado”, além de abrir uma futura possibilidade de evadir-se, quando o aluno

⁸ Entrevista com o Prof. Roberto Weider de Assis Franco, realizada em 31/10/2008 (Apêndice I).

verificar por si mesmo que, apesar de ser um Curso de Licenciatura, deve esforçar-se para garantir que tenha êxito no curso.

Sobre isso o Prof. Roberto Weider de Assis Franco expõe:

Uma coisa que eu acho das Licenciaturas é que é muito comum o aluno por ser da licenciatura, ele se acha um coitado. Ele acha que tem que ser favorecido, as coisas têm que ser facilitadas pra ele, porque ele é pobre, porque trabalha e é lutador. Eu tive aluno que disse: - Eu não fiz a lista de exercício porque sou casado. Essa coisa de se fazer de coitado.

3.4. Programas da UENF que podem auxiliar no combate da evasão

Os Programas de Orientação Acadêmica e de Monitoria da UENF são instrumentos institucionalizados que podem auxiliar a combater a evasão discente. Para justificar essa assertiva, recorreremos às Resoluções que regulamentam estes Programas e assim, verificamos que a Monitoria, além de possibilitar ao discente, a ajuda do monitor para melhorar o seu desempenho acadêmico, também visa à integração acadêmica dos estudantes na UENF e o Programa de Orientação Acadêmica, por abordar a evasão, bem como as reprovações em disciplinas que podem levar o aluno a desistir do curso, conforme será visto no Capítulo IV.

A Resolução 001/2004 que regulamenta o Programa de Monitoria tem como objetivos:

Art. 1º - Despertar no aluno de graduação da UENF, que tiver aproveitamento satisfatório, o interesse pela carreira docente e assegurar a cooperação do corpo discente com o corpo docente, nas atividades de ensino, com vistas à melhoria das mesmas.

Art. 2º - Complementar a formação acadêmica do aluno na área de seu maior interesse e oportunizar o repasse de conhecimentos adquiridos pelo monitor a outros alunos.

Art. 3º - Auxiliar os professores na orientação de alunos, visando a execução dos planos de ensino, à integração dos discentes na universidade, inclusive na orientação acadêmica e no estabelecimento de diretrizes de verificação de aprendizagem.

Com o intuito de verificar a participação dos alunos das Licenciaturas no Programa de Monitoria, recorreremos aos dados da Comissão de Monitoria da UENF que elaborou um levantamento dos seus bolsistas em 2006 e 2007, cujos resultados demonstram a pequena participação dos alunos das licenciaturas neste Programa. Em 2006, o total de 61 alunos exerceu a Monitoria e destes, apenas 13, são alunos das licenciaturas, enquanto 48 monitores são alunos dos cursos de bacharelado. O

Curso de Licenciatura em Biologia teve o maior o número de monitores que são alunos dos cursos de Licenciatura, 05, enquanto na Licenciatura em Química, somente 01 monitor, frequentava a licenciatura. Do Curso de Licenciatura em Física havia 04 alunos atuando como monitores e da Licenciatura em Química, 03 estudantes estavam inseridos no Programa de Monitoria.

Do mesmo modo, em 2007, apenas 04 alunos das licenciaturas estiveram inseridos no Programa de Monitoria da UENF, sendo 02 desses alunos do Curso de Licenciatura em Biologia, 01 estudante da Licenciatura em Física e 01 da Licenciatura em Pedagogia. A grande parte dos monitores é dos cursos de bacharelado, 51 alunos. Dessa forma, supomos que a pequena participação dos alunos das licenciaturas nos processos seletivos para Monitoria pode estar relacionada ao baixo rendimento acadêmico desses alunos, uma vez que o programa exige coeficiente de rendimento acumulado e nota na disciplina em que será exercida a monitoria, igual ou superior a 7,0 ou ainda, por não terem disponibilidade de tempo para participarem deste programa.

Assim, quando consideramos o pouco envolvimento dos alunos das Licenciaturas no Programa de Monitoria, presumimos que os alunos das licenciaturas com rendimentos escolares insatisfatórios, encontram por sua vez, dificuldade em conseguir a orientação do monitor para auxiliá-los em suas atividades acadêmicas.

Já o Programa de Orientação Acadêmica, instituído pela Resolução 01/2003, tem por objetivo “*proporcionar apoio logístico aos estudantes da Graduação, quanto às atividades acadêmicas*“. O Programa se estrutura em:

- *Proporcionar a melhoria do desempenho acadêmico dos estudantes e sua melhor integração à vida universitária.*
- *Conscientizar o aluno da importância das disciplinas para a sua formação e para a compreensão dos conteúdos das mesmas.*
- *Orientar o aluno na escolha de disciplinas e nos modos de estudá-las.*
- *Detectar eventuais deficiências do aluno e procurar corrigi-las.*
- *Tentar reduzir o índice de reprovação e a evasão freqüente no início do curso.*
- *Garantir a melhoria na qualidade do curso.*

Na opinião do Reitor da UENF, nos anos iniciais na Universidade, o aluno requer uma orientação permanente, principalmente nas licenciaturas, pois caso não receba, está mais propenso a evadir. Segundo ele, o aluno espera que na universidade alguém lhes mostre os caminhos que deve percorrer para atingir seus

objetivos. Disse ainda que muitas vezes, o estudante espera obter algumas facilidades durante a sua vivência na universidade e quando isso não ocorre, ele pode ir para outra IES. O Reitor menciona que *“é do ser humano buscar o caminho mais fácil. Mas você deve ficar ali orientando que o fácil, vai embora fácil e a Universidade deve fazer isso.”*

A preocupação com a orientação acadêmica na UENF está presente na fala da Pró-Reitora de Graduação. Segundo ela, este assunto está inserido nas discussões do Fórum da Graduação e revela:

A gente se preocupa com a orientação acadêmica e a discussão sobre este assunto está no Fórum da Graduação. Primeiro, é uma coisa de adesão mesmo. Você tem que convencer as pessoas a participarem das coisas.

O convencimento sobre o qual fala a Pró-Reitora de Graduação da UENF, como forma de aderir a um programa institucional, ocorreu na UFC. Nessa instituição, 87% dos coordenadores dos cursos de graduação mostraram-se favoráveis ao resgate da função do professor orientador, para contribuir na diminuição das reprovações e da evasão, porém, apontaram alguns aspectos que consideram *“primordiais para a implementação dessa atividade”*, como a preparação do corpo docente, disponibilidade de tempo para tal atividade e compromisso assumido visando o acompanhamento periódico dos alunos (Andriola et al., 2006, p. 373).

Na opinião da Prof^a Lílian Maria Garcia Bahia de Oliveira, o Fórum da Graduação da UENF vai suscitar discussões sobre as políticas para a graduação na UENF, incluindo a Orientação Acadêmica e valorização da Monitora e destaca que: *“talvez essas normas possam fazer com que os alunos realmente tenham um acompanhamento, principalmente aqueles que estão fazendo as disciplinas pela terceira vez e que estão quase no jubramento”*. Ao compartilhar da mesma opinião da Pró-Reitora, o Prof. Roberto Weider de Assis Franco sugere, que a orientação acadêmica seja efetivamente utilizada, com os alunos que foram reprovados três vezes em uma mesma disciplina, como uma forma de “salvar” esses alunos do jubramento na UENF.

Acreditamos que uma efetiva política de controle acadêmico, visando detectar alunos com mais de uma reprovação em uma mesma disciplina, pode orientar os alunos a procurarem auxílio pedagógico da instituição para evitar que tenham mais

reprovações e sejam jubilados e auxiliar as Coordenações de Curso, para acompanharem os alunos que apresentam sucessivas reprovações durante o curso.

A orientação acadêmica dos discentes vem sendo motivo de preocupação de algumas instituições que utilizam este recurso no combate à evasão. Já vimos o caso da UFC, anteriormente mencionado e na UnB, a preocupação com o desempenho acadêmico dos alunos resultou no lançamento do Manual de Orientação Acadêmica para o Professor de Graduação, com o objetivo de instruir os professores-orientadores a acompanharem mais de perto os discentes, auxiliando-os com as reprovações sucessivas na mesma disciplina, evitando que sejam desligados do curso (Borges, 2008).

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a preocupação com a evasão discente, levou à criação do Programa de Bolsas de manutenção dos estudantes, após verificar que grande número de alunos da instituição é proveniente da escola pública e apresentam dificuldades financeiras, em algum momento do curso. A falta de condições financeiras foi o principal determinante da evasão discente na instituição, após pesquisa realizada pela universidade para conhecer os motivos da evasão dos seus alunos. Da mesma forma, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), procurou-se ajudar os alunos com problemas financeiros por ser este a maior causa da evasão na instituição (Borges, 2008).

O Reitor da UENF demonstra conhecer as necessidades dos alunos das Licenciaturas, quando diz que esses discentes, demandam alguma assistência financeira para que não evadam. Para o Reitor, o programa de bolsas da UENF é de fundamental importância para prover o aluno do curso de licenciatura com algum auxílio financeiro e ressalta:

Nós temos no curso de Licenciatura um corpo de alunos que precisam de um apoio maior do ponto de vista financeiro pra se manter na escola. Ele tem que trabalhar, estudar, cuidar de filho, cuidar da família e ajudar a família. Os nossos alunos da licenciatura precisam da bolsa. A bolsa é importante para esses alunos. Os que ganham bolsa mandam parte do dinheiro para a família [...].

Nota-se, portanto, o interesse da equipe central da Universidade em encontrar caminhos para sanar as dificuldades que redundam na evasão de alunos. Entretanto, não foram mencionados programas que atuam diretamente junto aos professores de disciplinas com maior índice de reprovação, indicando que as

políticas propostas não priorizam os aspectos pedagógicos da instituição.

Na UENF, as bolsas para os alunos da graduação são a Monitoria, Iniciação Científica, Apoio Acadêmico, Extensão e Apoio à Graduação, sendo que apenas as bolsas de Apoio Acadêmico e Apoio à Graduação (esta última é garantida aos alunos beneficiados pela Lei de Cotas) permitem o acesso do aluno ingressante. As demais bolsas exigem do aluno certos pré-requisitos que podem ser adquiridos, após o estudante permanecer matriculado mais de um ano no curso, obtendo rendimento acadêmico satisfatório, para assim, atender, ao que é exigido nas resoluções que regulamentam essas bolsas.

Dessa forma, a inserção no programa de bolsas da UENF exige do aluno, disponibilidade para cumprir determinada carga horária de trabalho nos setores administrativos da UENF ou em laboratórios, que pode inviabilizar a participação dos alunos trabalhadores, conforme comentário dos alunos nas entrevistas que serão tratadas na Análise dos Resultados deste estudo. Cabe, portanto, à Universidade lidar com a necessidade que o aluno tem de trabalhar para assim, criar mecanismos que assegurem a maior permanência destes discentes no curso.

Segundo Ribeiro (2005, p. 64) *“a falta de modelos universitários que abarquem a realidade do aluno-trabalhador, têm contribuído para que a Universidade não se estabeleça como possibilidade de ser parte integrante do projeto de vida desses sujeitos”*.

No sentido de evitar ações para combater a evasão discente, Machado (2002) salienta ser importante que administradores das Universidades utilizem programas oferecendo bolsas aos alunos, não só para evitar a evasão, mas também atuar reforçando o vínculo dos alunos com a Universidade.

Acrescento ainda que deve-se ter a percepção de que os programas para reduzir a evasão não podem excluir os alunos dos cursos noturnos que geralmente trabalham, pois estes, não sendo beneficiados por alguns programas institucionais das Universidades, ou não se sentindo integrados ao ambiente universitário, podem achar que a universidade “não é lugar para eles” e assim, evadem.

A seguir serão apresentados os quatro Cursos de Licenciatura estudados, indicando seus percentuais de evasão no período de 2003 a 2007.

3.5. A evasão no Curso de Licenciatura em Biologia

O curso de Licenciatura em Biologia teve seu funcionamento autorizado para o segundo semestre de 1999, conforme Resolução 01/2000 do Conselho Universitário da UENF. O curso tem por objetivo formar professores de ciências para o ensino fundamental e de Biologia para o ensino médio. Além da formação de professores na área de educação, também habilita os profissionais para atuação como biólogos.

As primeiras vagas para ingresso no curso foram oferecidas no oitavo concurso do vestibular da UENF⁹, realizado nos dias 30, 31 de julho e 1º de agosto de 1999. Ao final do processo seletivo, as 40 vagas oferecidas para o curso foram preenchidas em sua totalidade. Nos últimos cinco anos (2003 a 2007), somente em 2004 e 2005, o curso completou o total das vagas oferecidas no vestibular. Nos outros anos percebemos que houve uma redução na demanda pelo curso que resultou na diminuição no número de alunos matriculados, que ficou abaixo do quantitativo das vagas oferecidas neste processo seletivo (Tabela 2).

A redução na procura pelo curso pode ser verificada nos dados referentes à relação candidato-vaga¹⁰ do vestibular que vem apresentando ligeira redução, com maior percentual observado em 2003. A partir deste dado, podemos dizer que o Curso de Licenciatura em Biologia é considerado de baixa demanda. Por isso, na tentativa de diminuir as vagas ociosas nos seus cursos de graduação, a UENF realiza anualmente processo seletivo extra-vestibular de transferências, externas e internas, reingresso e isenção de vestibular¹¹, porém, como pode ser verificado na tabela a seguir, o objetivo deste processo seletivo não tem logrado êxito, haja vista o baixo preenchimento das vagas disponibilizadas.

A tabela a seguir revela a situação do curso, considerando as vagas oferecidas nos processos seletivos de ingresso na Universidade e os alunos

⁹ O vestibular da UENF foi realizado pela UFRJ, de 1993 a 1996. A partir de 1997, passou a ser realizado pela UERJ, mediante convênio firmado entre as instituições..

¹⁰ Relação candidato-vaga do Curso de Licenciatura em Biologia: 2003 (3,55%), 2004 (2,40%), 2005 (1,95%), 2006 (2,03%) e em 2007 (1,55%). Disponível em: <http://www.vestibular/UERJ.br>

¹¹ Art. 26- A transferência de alunos procedentes de outras instituições do País ou do exterior, assim como de um curso para outro dentro da Universidade, observa a legislação vigente e as normas complementares estabelecidas pela Câmara de Graduação; Art. 29 - Entende-se por reingresso o retorno de aluno que já pertenceu ao corpo discente da UENF; Art. 32 - O candidato à vaga, em cursos oferecidos na UENF, que houver concluído o 3º grau ou equivalente em instituição de ensino superior nacional ou estrangeira, está isento do vestibular (Normas da Graduação, 2002).

matriculados no curso. Pode-se perceber que o curso não conseguiu preencher o total das vagas oferecidas.

Tabela 2: Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no curso de Licenciatura em Biologia, no período de 2003 a 2007

Ano	Vagas oferecidas		Alunos matriculados	
	Vestibular	Outras formas de ingresso (*)	Vestibular	Outras formas de ingresso
2003	40	22	35	10
2004	40	25	40	22
2005	40	05	40	01
2006	40	05	28	-
2007	40	10	30	05
Total	200	67	173	38

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborada pela autora

(*) As outras formas de ingresso são a transferência externa, interna, reingresso, isenção de vestibular e transferência *ex officio*¹².

Esses dados indicam que a maioria dos alunos ingressou no curso através do vestibular. Entre as outras formas de acesso, a transferência externa permitiu o maior número de ingressantes na UENF (33 alunos). Por transferência interna ingressou no curso apenas 01 aluno; por reingresso, 03 alunos e por transferência *ex-officio*, somente 01 aluno entrou no curso. Não houve registro de ingresso na Licenciatura em Biologia, por isenção de vestibular¹³.

Perguntamos ao Coordenador do Curso, Prof. Jorge Hudson Petretski¹⁴ a sua percepção sobre o aluno do curso de Licenciatura em Biologia. Em sua opinião, os alunos do curso podem ser divididos em dois grupos: os que trabalham durante o dia ou parte do dia e os alunos que não trabalham. Para ele, os estudantes que não

¹² Lei 9.536/97 - Art. 1º. A transferência *ex officio* a que se refere o parágrafo único do Art. 49 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, será efetivada entre instituições vinculadas a qualquer sistema de ensino, a qualquer época do ano e independente da existência de vaga, quando se tratar de servidor público federal, civil ou militar estudante, ou seu dependente estudante, se requerida em razão de comprovada remoção ou transferência de ofício, que acarrete mudança de domicílio para o município onde se situe a instituição rebedora, ou para localidade mas próxima desta. Disponível em: [thhp://www.jusbrasil.com.br/topicos/360742/lei9536-97](http://www.jusbrasil.com.br/topicos/360742/lei9536-97)

¹³ Art. 32 - O candidato à vaga, em cursos oferecidos na UENF, que houver concluído o 3º grau ou equivalente em instituição de ensino superior nacional ou estrangeira, está isento do vestibular (Normas da Graduação, 2000).

¹⁴ Entrevista com o Prof. Jorge Hudson Petretski, realizada em 10/06/2008 (Apêndice I).

trabalham podem se dedicar às atividades extra-classe como estágios e nas atividades de pesquisa. Neste sentido, o professor tem que lidar no seu dia a dia na Universidade, com alunos inseridos no mercado de trabalho e que têm, portanto, limitações para sua dedicação ao curso. Assim ele expôs:

As turmas estão menores, mas eu diria que elas estão mais engajadas. Eu acho que hoje estamos formando o profissional que é de fato polivalente. Na verdade vou dizer uma coisa com toda sinceridade, o perfil do aluno melhorou muitíssimo, muitíssimo não, melhorou bastante. Uma parte dos estudantes da licenciatura não trabalha, apenas uma parte deles. Então eu diria que 30 a 40% da turma, talvez até metade da turma, optaram pela licenciatura pra ficar com o dia livre, pra executarem atividade de estágio e frequentarem laboratório. A metade da turma, metade desses profissionais tem um bom perfil pra pesquisa. Você tem também um sujeito que está razoavelmente bem treinado pra ensino. Eu acho que, os que trabalham durante o dia, não podem estagiar. Eu acho que eles vão ser bons professores, porque eles estão com uma formação razoável.

A partir dos dados que constam nos livros de matrícula, como gênero, estado civil, tipo de escola e ano de conclusão do ensino médio, cidade de origem do aluno e idade, procurou-se caracterizar o aluno evadido do curso de Licenciatura em Biologia. Nota-se que do total de 69 alunos evadidos do curso, a maioria é mulher, 40, enquanto a minoria, 29, é homem.

Em relação ao estado civil, constatamos a predominância dos solteiros, pois em relação ao total dos evadidos do curso, 58 estudantes são solteiros. Este dado contraria a idéia que vigora no senso comum de que os alunos dos cursos noturnos são em sua maioria, casados. Outro aspecto que a pesquisa destaca foi que a maioria dos alunos, 48, concluiu o ensino médio na escola pública, advindos principalmente da escola pública estadual, 37 discentes, seguida da escola pública federal, 07 estudantes e da escola pública municipal, 04 alunos. Da escola particular vieram 21 alunos.

O critério que adotamos nesta pesquisa para os cursos aqui abordados foi considerar a idade dos alunos evadidos na ocasião do ingresso na UENF. Dessa forma, em relação à faixa etária, do total dos alunos evadidos, a maioria ao entrar no curso, tinha entre 17 e 25 anos (50), com destaque para o reduzido número de alunos com 17 anos, pois apenas um dos ex-alunos tinha essa idade quando ingressou na UENF. Dessa forma, concluímos que grande parte dos evadidos do curso compõe-se de estudantes jovens, contrapondo com a idéia de que nos cursos

noturnos, há predomínio de alunos mais velhos, mas não podemos deixar de considerar os 06 ex-alunos que ao ingressarem na instituição tinham idade acima de 35 anos, ainda que representem um número bem reduzido de alunos, ingressaram tardiamente no ensino superior. Entre estes alunos, observamos que um deles tinha 54 anos quando ingressou no curso, sendo esta a maior idade encontrada nos estudantes da Licenciatura em Biologia (Apêndice VIII).

Em relação à cidade de origem dos evadidos, do total de 69 alunos que saíram do curso, 46 estudantes são de Campos dos Goytacazes, o que nos faz supor que a população local procura a UENF para realizar seus estudos. Por outro lado, observamos o reduzido número de alunos evadidos que são de outros estados (Apêndice VII).

A tabela abaixo demonstra que quando fazemos uma análise por ano da evasão, os dados revelam os seus elevados índices em determinados períodos do curso, além de evidenciar que a evasão ocorre em todos os anos, com maior quantitativo de deserção, nos anos de 2005 e 2007, nem sempre acompanhado da evolução no número de alunos matriculados, o que torna ainda mais crítico o problema da evasão discente no curso.

Tabela 3: Número de Alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Biologia

Período	2003		2004		2005		2006		2007		Total	
	1º S	2º S	1º S	2º S								
Nº alunos evadidos	04	05	01	08	04	09	08	04	16	10	33	36
Total	09		09		13		12		26		69	

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborada pela autora

Ao investigarmos as formas de evasão no Curso de Licenciatura em Biologia, constatamos também que a maioria dos alunos, 54, evadiu por decisão própria. Dessa forma, por cancelamento de matrícula evadiram 03 alunos e por transferência para outra IES, evadiram 04 discentes. Cabe destacar que a totalidade desses alunos que evadiram por transferência foram para uma IES privada e entre esses alunos, 03 deles, retornaram para suas instituições de origem.

Acrescentamos que os alunos evadidos por transferência para outras IES, ingressaram na UENF por transferência externa, ou seja, vieram de outras instituições.

O abandono do curso foi a forma de evasão mais frequente na Licenciatura em Biologia, perfazendo o total de 47 alunos que saíram do curso, sem notificar a UENF, da decisão tomada. Já o jubramento, forma de evasão prevista nas normas de graduação da instituição que resulta no cancelamento da matrícula do aluno foi aplicado em 15 estudantes, desligando-os da Universidade (Apêndice IX).

Vemos assim que a forma de evasão caracterizada como abandono, os alunos ocupam a vaga por um período de até seis meses e quando não efetuam a matrícula no semestre seguinte, fica configurado o abandono. Somente neste momento, considera-se o aluno como evadido. Por isso, achamos importante o acompanhamento sistemático dessa forma de evasão, com a criação de medidas administrativas que consigam detectar o abandono do curso em menor período de tempo, para reocupação das vagas ociosas, preenchendo essas vagas com novos alunos.

Embora exista no curso, predomínio das mulheres, houve uma pequena diferença na frequência do abandono entre os homens, 24 e mulheres, 23. O desligamento e a matrícula cancelada foram mais frequentes entre as mulheres, enquanto a transferência externa ocorreu somente com as mulheres (Apêndice X).

Para verificarmos a evasão nos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas em algumas IES, o Relatório do MEC, verificou a ocorrência dos índices de evasão de 51,55% na Universidade de Brasília (UnB); 43,02% na Universidade Federal de Goiás (UFG), enquanto na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi de 50% e na UFMG foi de 17,82%, no período de 1987 a 1989 (Relatório Final/Comissão, 1996). Esses dados revelam que a evasão no curso varia em função da instituição, da região em que está inserida e do perfil dos seus alunos.

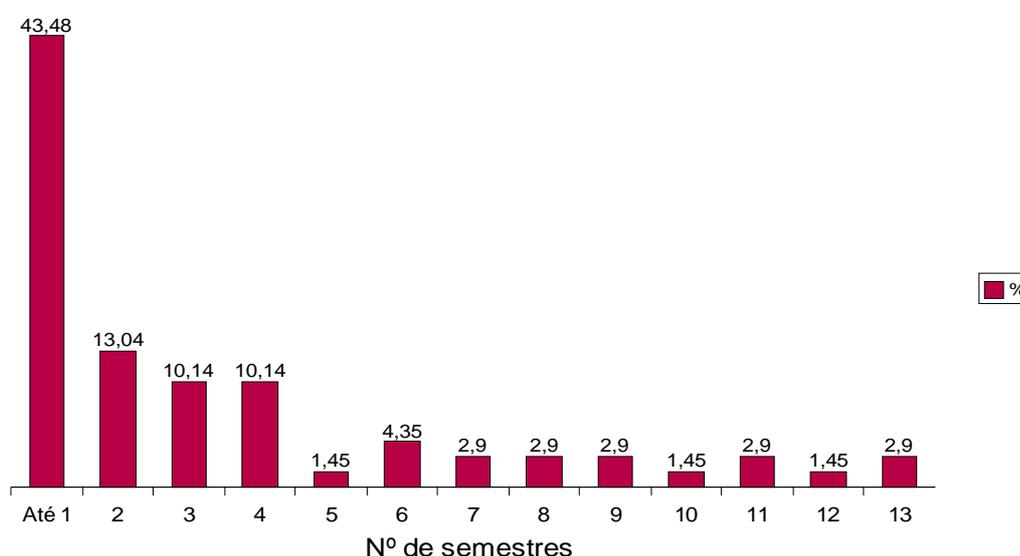
Embora reconheça que a evasão ocorre no Curso de Licenciatura em Biologia, ao ser perguntado se existe uma preocupação da Coordenação do Curso com a evasão, o Prof. Jorge Hudson Petretski disse que “*não*”, justificando essa resposta ao mencionar que a evasão no curso é similar à evasão nos Estados Unidos e por isso, segundo ele, é um “*índice normal*” de evasão:

No curso de Licenciatura em Biologia, a evasão ficava na faixa de 20 a 30%. Se você somar a evasão, ao longo de todo o curso, talvez chegue a 30%, talvez mais. Na verdade outro dia eu estava lendo um artigo sobre isso. O índice de evasão de 36% é o índice americano, é normal. Eles têm um coeficiente de aproveitamento de 64%. O índice europeu é um pouquinho superior, se não me engano, chega na faixa de 80%.

Com a fala do Coordenador do Curso, percebemos que a “naturalização” da evasão, impossibilita um olhar mais cuidadoso sobre este problema. Quando tomamos o total dos alunos matriculados e evadidos, no período de 2003 a 2007, encontramos uma taxa de evasão no curso, na ordem de 32,70% , índice muito próximo à projeção feita por Prof. Jorge. Porém, o cálculo da taxa de evasão em cada ano separadamente, tomando como base os alunos matriculados e os evadidos no mesmo ano revela que, em 2005 e 2006 a evasão ficou em torno de 30%, conforme o esperado pela Coordenação do Curso, mas em 2007, alcançou a taxa de 74,28%.

É oportuno considerar que o curso não tem conseguido preencher a totalidade das vagas oferecidas por vestibular, nem pelo processo seletivo de transferências, reingresso e isenção de vestibular, conforme vimos anteriormente e por isso, o problema da evasão no curso, torna-se ainda mais preocupante e não pode ser considerada como uma situação “normal”. Para melhor entendimento da evasão não podemos deixar de considerar o momento em que ela ocorre. Este dado leva em consideração o tempo em que o aluno permaneceu no curso e se a evasão ocorreu nas séries iniciais, intermediárias ou finais. A figura abaixo revela o período em que o aluno evadido permaneceu no curso.

Gráfico 2: Tempo de permanência no curso de Licenciatura em Biologia



Da mesma forma como ocorre na maioria das IES do Brasil, os dados referentes ao tempo de permanência no curso revelam que do total de 69 alunos evadidos, 39 evadem no primeiro ano do curso, principalmente no primeiro semestre. Deste total, 16 alunos não completaram o primeiro semestre do curso, 14 concluíram o primeiro semestre, enquanto 09 alunos evadiram no segundo semestre. Portanto, a evasão de 56,52% dos alunos da Licenciatura em Biologia no primeiro ano do curso, reduziu a população que ingressou no segundo ano.

Além da evasão, a redução dos alunos aptos a ingressarem no segundo ano, pode ser devido às reprovações em disciplinas que impem o fluxo regular do aluno no curso e também ao sistema de créditos que permite ao aluno elaborar o seu próprio horário, podendo cursar, menor número de disciplinas, de acordo com a sua disponibilidade de tempo para os estudos.

Segundo Tinto (1997), o aluno evade logo no início do curso pela incapacidade de adaptar-se à vida acadêmica e social da Universidade. Para ele, mesmo os estudantes com uma vida social mais dinâmica fora do *campus*, podem ter problemas de adaptação na instituição, devido às exigências que lhes são impostas pelo curso.

Porém, alguns alunos têm permanência prolongada nos cursos de graduação das instituições e entre esses discentes, alguns concluem o curso, enquanto outros evadem. Na UENF, as Normas de Graduação (2000) estabelecem que para integralização curricular nos cursos de graduação “*O tempo máximo de duração dos cursos de graduação da Universidade será de $2N-1$ onde N = tempo de duração de cada curso*”, em semestres. Para os Cursos de Licenciatura, a duração do curso é de 08 semestres e o tempo máximo que o aluno pode permanecer no curso são 15 semestres. Após este período, aplicam-se as normas institucionais, desligando o aluno do curso. Consideramos para efeito deste estudo, como permanência prolongada, o período que ultrapassa o tempo regular de oito semestres no curso.

Apesar de não parecer muito significativo, 08 alunos permaneceram no curso por período superior a oito semestres até evadirem. O que pretendemos com essa abordagem é dizer que para o estudo da evasão, não se deve somente atentar para os alunos que permanecem pouco tempo no curso e evadem, mas também para os alunos que permanecem no curso por mais tempo e após esse tempo, também evadem.

Outra preocupação que devemos ter é com o elevado número de reprovações em determinadas disciplinas, reveladas com a análise dos extratos escolares dos alunos evadidos. Como já foi dito anteriormente, as reprovações resultam em pontos de retenção e impedem o fluxo normal do aluno no curso, contribuindo, portanto, para a permanência prolongada do estudante ou então, para uma futura evasão. O Coordenador do Curso de Licenciatura em Biologia reconhece a existência dos pontos de retenção no curso e declara:

Eu diria que tem um ponto de retenção, por volta do 3º semestre e também tem um ponto de retenção por volta do 6º e 7º semestres. Disciplinas como Biologia Evolutiva, Imunologia são disciplinas que acabam sim, reprovando bastante e são o bicho papão do curso na UENF. Na verdade, acho que existem quatro bichos papões: Biologia Tecidual, Imunologia, Bioquímica Geral e Biologia Evolutiva.

A partir do levantamento da Secretaria Acadêmica referente ao número de reprovações em disciplinas dos alunos matriculados nos cursos de licenciatura, verificamos que entre as disciplinas mencionadas pelo Prof. Jorge Hudson Petretski, Bioquímica Geral, apresentou o maior quantitativo de reprovações, entre os alunos matriculados no curso, 100, no período de 2003 a 2007. A disciplina Biologia Evolutiva teve 57 reprovações, Imunologia, 50 e Biologia Tecidual, 68.

Destaca-se que o elevado número de reprovações ocorre no primeiro ano do curso, período de adaptação do aluno à Universidade. Essa constatação condiz com o depoimento do Coordenador do Curso ao dizer que “*as disciplinas das séries iniciais demandam que o aluno tenha um conhecimento dos conteúdos obrigatórios do ensino médio*”, muito embora tenha destacado que os pontos críticos do curso ocorrem com disciplinas que não são do primeiro ano¹⁵, com exceção da disciplina Bioquímica Geral, oferecida no segundo semestre do curso. Os dados revelam a criticidade do primeiro ano do curso, devido ao alto índice de reprovações. Acrescentamos que nem sempre é possível ingressar em uma Universidade com prévio conhecimento de determinados conteúdos, devido à carência de professores nas áreas de Biologia, Física e Química, principalmente nas escolas públicas de ensino médio. Este fato pode influenciar o desempenho acadêmico dos alunos.

¹⁵ A disciplina Biologia Evolutiva é oferecida no 5º período e as disciplinas Biologia Tecidual e Imunologia são oferecidas no 6º período do Curso de Licenciatura em Biologia da UENF, conforme verificado na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Biologia.

Para verificar os pontos de retenção em disciplinas referentes ao primeiro ano do curso, período de maior evasão discente, 39 alunos, a análise dos extratos escolares dos alunos evadidos mostraram que as disciplinas do primeiro semestre com maiores ocorrências de reprovações, foram Química Geral I com 05 alunos reprovados, Ciência e Sociedade e Dinâmica da Terra, com 02 alunos reprovados em cada uma dessas disciplinas e quanto às disciplinas do segundo semestre do curso que mais reprovaram foram Bioquímica Geral e Biologia Celular I tendo sido reprovados 09 estudantes em cada uma das disciplinas e Zoologia dos Invertebrados I, com 05 alunos reprovados. Esses dados quantitativos podem parecer pouco significativos, mas devemos considerar que a maioria dos alunos que evadiu do curso no primeiro ano, o fez, antes de completar o primeiro semestre letivo e por isso, nos seus extratos escolares não constam notas.

Já a análise dos dados do Histórico de Situações dos Alunos da Licenciatura emitido pela Secretaria Acadêmica demonstra que o trancamento de matrícula foi utilizado por 29 alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Biologia, que representa 42% do total dos evadidos do curso. Deste total, 19 estudantes evadiram e 10 retornaram ao curso. Quando consideramos os trancamentos por gênero, as mulheres foram as que mais trancaram matrícula, 19 alunas, mas também configuram entre a maioria que retornou à instituição, 06 estudantes. Com esses dados, constatamos que o trancamento de matrícula indica a possibilidade de uma futura evasão e por isso deve ser considerado nos estudos sobre a evasão discente na UENF.

Outro ponto que devemos analisar é o trancamento de disciplinas que também foi utilizado pelos alunos evadidos. Presume-se que os alunos trancam disciplinas por estarem com dificuldades no seu acompanhamento ou por terem reprovações sucessivas na mesma disciplina, cursando-a em outro momento. Nas conversas com os evadidos ouvimos que algumas vezes, o aluno quando reprovado por um determinado professor, tranca a disciplina e volta para cursá-la quando for ministrada por outro docente, tentando assim, obter aprovação.

A partir da análise dos extratos escolares dos alunos que evadiram no primeiro ano do curso, apuramos trancamento nas disciplinas Bioquímica Geral, Dinâmica da Terra, Biologia Celular, Zoologia dos Invertebrados I, Anatomia Vegetal, Biologia dos Vegetais Superiores, Genética Evolutiva, Biologia Celular I, Ecologia Geral, Ciência, Arte e História I, Inglês Instrumental II, Zoologia dos Invertebrados II.

No entanto, os maiores índices de trancamento ocorreram na disciplina Bioquímica Geral e em Dinâmica da Terra. Essas disciplinas também configuram entre as que mais reprovam no curso, evidenciando problemas que necessitam de tratamento pedagógico. Além do trancamento em disciplinas e matrícula, é importante verificar a diplomação dos alunos, ou seja, quantos alunos se matricularam no curso e destes, quantos concluíram o curso de graduação, assim como o tempo que o estudante permaneceu no curso até concluí-lo.

Os dados do Curso de Licenciatura em Biologia nos mostram que dos 45 alunos que se matricularam no Curso em 2003, diplomaram-se no tempo regular do curso, 27 alunos, enquanto 06 alunos tiveram permanência prolongada, ou seja, permaneceram no curso por mais de 04 anos, até concluírem o Curso de Licenciatura em Biologia e 07 estudantes evadiram. Em 2004, 62 alunos se matricularam no Curso de Licenciatura em Biologia e entre estes, 19 estudantes diplomaram-se no período regular de 04 anos no curso, 07 estudantes concluíram o curso após permanecerem na UENF por 05 anos e 13 evadiram. Podemos extrair desses dados que os alunos não concluintes, no período regular do curso, evadiram ou tiveram permanência prolongada no curso, até concluí-lo.

Verificamos a diplomação dos alunos em algumas IES que constam no Relatório da Comissão da SESu/MEC e assim, encontramos na UnB, o índice de diplomação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no período de 1987 a 1989 de 45,49% e na Universidade Federal de Goiás, no mesmo período, de 50%, enquanto a Universidade Estadual Paulista (UNESP) apresentou o percentual de 74% (Relatório Final/Comissão, 1996). Os dados refletem que o entendimento da evasão perpassa pela necessidade de uma análise da retenção e da diplomação dos estudantes. Partindo do pressuposto de que para garantir a permanência do estudante e a conclusão do curso, a Universidade deve agir preventivamente nas situações de evasão e retenção, perguntamos ao Prof. Jorge Hudson Petretski, se ele utiliza algumas ações para combater a evasão discente, ele então respondeu:

Eu acho que se o índice de evasão chegasse em algum momento a níveis absurdos do tipo 80 a 90% de evasão, aí sim eu ficaria preocupado. Mas eu considero o índice de evasão de 10%, 30% como normal e saudável. Eu vi isso no Fundão¹⁶, vi isso em vários cursos, eu gostaria de ter as estatísticas aqui até pra avaliar.

¹⁶ Forma como é chamada a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ), localizada na Ilha do Fundão, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php

Quando se considera o índice de evasão no curso como “*normal e saudável*” deixam de serem tomadas algumas medidas que poderiam minimizar a evasão ou mesmo evitá-la. A meu ver não há evasão saudável, o que existe de fato é uma saída de alunos do curso, na maioria das vezes, sem oficializá-la e isso pode “camuflar” o seu real dimensionamento. A “naturalização” da evasão pode colocar em risco o futuro do curso, haja vista a redução da procura pelo curso, conforme verificado na relação candidato-vaga no vestibular no período de 2003 a 2007, já abordado na página 49.

3.6. A evasão no Curso de Licenciatura em Física

Outro curso analisado é o de Licenciatura em Física que teve sua autorização de funcionamento, aprovada no Conselho Universitário da UENF, para início das atividades no primeiro semestre de 2000. O curso ofereceu 30 vagas para o período noturno, conforme nos mostra a tabela a seguir:

Tabela 4: Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Física

Ano	Vagas oferecidas		Alunos matriculados	
	Vestibular	Outras formas de ingresso (*)	Vestibular	Outras formas de ingresso
2003	30	06	19	-
2004	30	36	27	06
2005	30	16	27	02
2006	30	30	10	02
2007	30	30	10	-
Total	150	118	93	10

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborado pela autora

(*) As outras formas de ingresso no Curso de Licenciatura em Física são a transferência externa, reingresso e isenção de vestibular.

Em 2000, 28 alunos se matricularam no curso. Até 2002, o curso manteve todas as suas vagas preenchidas, mas em 2003 há uma redução no número de alunos matriculados, apresentando uma recuperação na taxa de ocupação do curso,

em 2004 e 2005. O curso volta a ter uma queda considerável no número de matrículas nos anos de 2006 e 2007.

Situação similar à encontrada no Curso de Licenciatura em Biologia, além do vestibular, grande parte dos alunos ingressaram no Curso de Licenciatura em Física da UENF por transferência externa. Dessa forma, detectamos que 05 alunos entraram no curso por transferência externa, 03 por reingresso e apenas 02 por isenção de vestibular. A partir dos dados demonstrados na tabela anterior, encontramos uma baixa taxa de ocupação no curso, associada à baixa demanda, demonstrada pela relação candidato-vaga do vestibular¹⁷, que apresentou redução entre 2003 e 2006, tendo apresentado um ligeiro aumento em 2007.

Na opinião do Assessor da PROGRAD, Prof. Roberto Weider de Assis Franco, que também atua como docente no Curso de Licenciatura em Física da UENF, o baixo retorno financeiro da profissão de professor, é um dos motivos que levam os estudantes a procurarem cursos diversos das Licenciaturas:

É muito fácil convencer uma pessoa a fazer licenciatura em Física porque tem mercado de trabalho. O difícil é convencer uma pessoa que essa é uma profissão importante. Agora o triste que eu acho é você ter no caso da Física, eu estou falando no caso da física não porque eu sou da Física, mas porque a situação da Física não é só no Brasil, é no mundo inteiro, no Brasil pode ser pior por vários aspectos, mas aqui no Brasil, eu acho pior porque as pessoas vão receber pouco. Como outras profissões a profissão de professor é importante, mas vai receber pouco, o aluno vai para a engenharia, por exemplo, porque vai ganhar mais dinheiro.

O Curso de Licenciatura em Física da UENF é oferecido no período noturno, com tempo mínimo de integralização curricular de 8 semestres e máximo de 15 semestres. A carga horária mínima a ser cumprida é de 2.907 horas, sendo 2.057 horas de disciplinas obrigatórias, 170 horas de disciplinas optativas, 408 horas de estágio supervisionado, 68 horas para Monografia e 204 horas de Atividades acadêmico-científico-culturais.

Segundo o Coordenador do Curso, Prof. Juraci Aparecido Sampaio¹⁸, a matriz curricular da Licenciatura em Física contempla disciplinas que são importantes na formação do aluno e está sendo reformulada para atender às novas exigências do curso.

¹⁷ Relação candidato-vaga do Curso de Licenciatura em Física: 2003 (3,47%), 2004 (1,47%), 2005 (1,53%), 2006 (0,97%) e em 2007 (1,27%). In. www.vestibular/UERJ.br

¹⁸ Entrevista com o Prof. Juraci Aparecido Sampaio, realizada em 19/09/2008 (Apêndice I)

Disse ainda que o curso requer do aluno certa organização e dedicação com os estudos. Sobre isso ele tece os seguintes comentários:

A exigência do curso não é grande, mas não tem como tirar o que o aluno tem que saber para sua formação. O que ele vai fazer são disciplinas que demandam tempo, muito estudo. A nova matriz curricular que a gente fez, está bem distribuída, mas tem uma grande carga horária. O curso não é simples, tem que se dedicar muito como qualquer curso superior.

Os alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Física são, em sua maioria do sexo masculino, 53 alunos, enquanto as mulheres, 10, representam a minoria desses alunos. Sobre a masculinização na área de Ciências Físicas, partimos de um dado real, de que Brasil há somente 15% das mulheres trabalhando nas Universidades, nos departamentos de Física, assim como nos Estados Unidos, onde também é pequena a participação das mulheres nesta área, 15% e ainda, da mesma forma como ocorre na Alemanha, com a participação de apenas 4% das mulheres atuando na área das Ciências Físicas (Rezende & Ostermann, 2007).

No estudo sobre a questão de gênero nas ciências, as autoras acima levantaram a problemática da pouca participação feminina nas carreiras científicas em vários países. Apesar dos poucos estudos no Brasil sobre este tema, elas afirmam que na literatura internacional, essa questão vem sendo levantada há 25 anos sob vários enfoques. Ainda segundo as autoras, a percepção da ciência como algo masculino é construído socialmente, pois a imagem masculina da Física é reforçada pela mídia, livros, na escola e mesmo que não intencionalmente, as famílias desencorajam as filhas a seguirem carreiras em ciência.

Em relação ao estado civil, uma minoria dos alunos evadidos do Curso é casada, 07 estudantes, sendo a maioria formada pelos alunos solteiros, 56. No que tange à idade, a maior parte dos alunos do curso são jovens, sendo que a quase totalidade dos alunos está na faixa etária de 17 a 25 anos, 50 estudantes. De 26 a 40 anos temos 11 estudantes e apenas 02 alunos pertencem à faixa etária acima de 40 anos, ou seja, são alunos que ingressaram na UENF aos 44 anos de idade, representando a pequena participação dos estudantes mais maduros no curso (Apêndice VIII).

De forma similar à encontrada na Licenciatura em Biologia, grande parte dos alunos evadidos, 43, concluíram o ensino médio em escolas do sistema público de ensino. Os ex-alunos que concluíram o ensino médio em escola particular

representam a minoria, 20, em relação do total dos alunos que vieram da escola pública. Quando fazemos a distinção entre escola pública federal e estadual, verificamos uma quantidade muito próxima entre o total de alunos oriundos dessas escolas, de forma que 21 alunos vieram da escola pública federal e 22 alunos da estadual. A análise dos dados revela que a maioria dos alunos matriculados no Curso é de Campos dos Goytacazes.

A opinião do Coordenador do Curso de Física, Prof. Juraci Aparecido Sampaio, condiz com a realidade encontrada em relação à cidade de origem e escola que concluíram o ensino médio, ao dizer que os estudantes do Curso “normalmente são alunos de Campos e da região, são alunos que trabalham e a maioria deles estudou em escola pública”. A fala do Prof. Roberto Trindade Faria Junior¹⁹, ex-coordenador do Curso, também encontra respaldo nos dados acima mencionados, quando disse em seu depoimento: “é na licenciatura que tem a maior quantidade do povo de campos” [...] e acrescenta dizendo que “Nos cursos de licenciatura, os pais começam a conhecer a universidade, através dos filhos [...]”. A tabela a seguir mostra a evasão no Curso de Licenciatura em Física da UENF:

Tabela 5: Número de Alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Física

Período	2003		2004		2005		2006		2007		Total	
	1º S	2º S	1º S	2º S								
Nº alunos evadidos	-	02	02	08	10	08	10	-	13	10	35	28
Total	02		10		18		10		23		63	

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborada pela pesquisadora

A escolha do curso, sem o devido conhecimento deste pode ser um dos fatores responsáveis pela evasão do aluno. No seu discurso, o Coordenador do Curso de Licenciatura em Física afirma que o jovem, muitas vezes não tem certeza do que deseja fazer no ensino superior e destaca que “O aluno ainda não tem a definição daquilo que ele quer, às vezes muitos chegam e dizem: Ah, eu vou fazer Física, mas eu quero Engenharia. Não estão muito certos do que eles querem”. Na

¹⁹ Entrevista com o Prof. Roberto Trindade Faria Júnior, realizada em 24/06/2008 (Apêndice I).

medida em que foi questionado sobre a saída do aluno da UENF e do dimensionamento da evasão no Curso, respondeu que “a evasão é grande, eu até pedi à Secretaria Acadêmica um levantamento, pra eu ver quantos alunos entraram e quantos se formaram na UENF”.

Na fala do Coordenador do Curso percebe-se o desconhecimento do real dimensionamento da evasão, embora saiba da sua ocorrência. Presume-se que isso pode ser resultado da falta de uma discussão institucionalizada sobre este tema. O Prof. Roberto da Trindade Faria Júnior, ex-coordenador do Curso de Licenciatura em Física ao ser perguntado sobre a evasão no Curso de Física, disse:

Olha já foi terrível, a gente está tentando melhorar, a evasão na física é internacional. A Física sempre teve poucos alunos no mundo inteiro. Isso aí não é só local. Se você for na UERJ, também forma poucos. Na nossa região, Licenciatura em Física tem pouca procura. Nem a UERJ às vezes consegue lotar uma turma de Física. Eu fico achando que na UENF, a procura pelo curso está tendo uma melhora razoável.

Verifica-se que embora exista o entendimento de que a evasão na área de Física ocorre em escala mundial, na UENF, a ausência de divulgação e análise dos dados sobre a evasão leva ao desconhecimento de sua dimensão e pode estar impedindo uma discussão interna sobre o tema que resulte em ações para minimização deste problema.

No que se refere às formas da evasão, da mesma forma em que o abandono configura-se como a forma de evasão mais frequente no Curso de Licenciatura em Biologia, na Licenciatura em Física, a maioria dos alunos também evadiram por abandono do curso. Essa constatação baseia-se nos dados quantitativos da evasão, ao revelarem que do total de 63 alunos que evadiram do curso, 50 estudantes evadiram por iniciativa própria, ou seja, 41 estudantes evadiram por abandono do curso e 09 por cancelamento de matrícula. A aplicação das normas da UENF ocasionou o desligamento de 13 alunos da instituição. Não houve nenhuma ocorrência de evasão discente por motivo de transferência para outra IES.

O abandono também foi a forma de evasão que ocorreu com mais frequência com os alunos ingressantes no curso diurno de Física da UFRJ, no período de 1993 a 2001, seguido das transferências para outros cursos diversos da Física. Os autores consideram como fator que mais contribuiu para a saída dos alunos do curso, a deficiência dos conteúdos adquiridos no ensino médio e que são

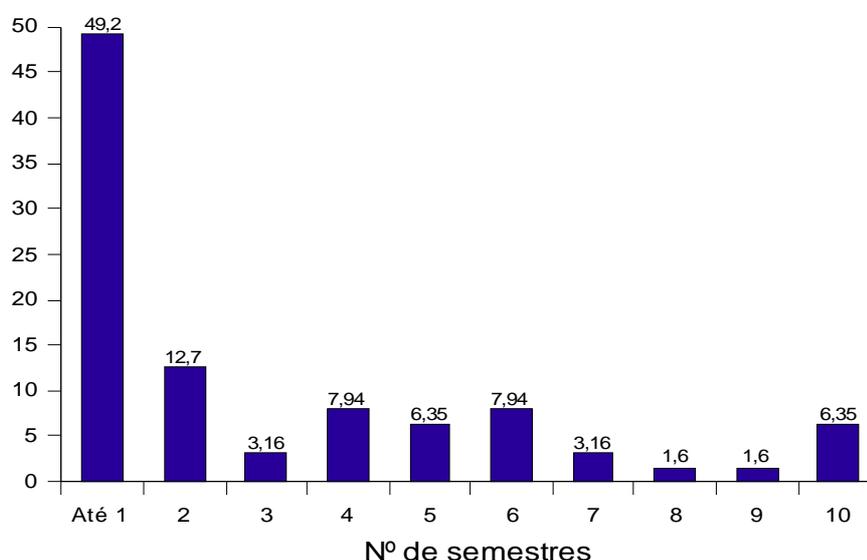
necessários aos estudantes quando ingressam no ensino superior (Barroso & Falcão, 2004).

Na UENF, os possíveis motivos da saída do aluno do Curso, segundo o Prof. Juraci Aparecido Sampaio, estão associados à deficiência da formação no ensino médio, dificultando o desempenho acadêmico do aluno. Também menciona a realidade vivida pelos estudantes que trabalham, e que por isso não têm tempo para se dedicarem integralmente aos estudos. O Professor ainda se refere aos estudantes que dependem do deslocamento diário para Campos, por residirem em outras cidades:

A evasão é devido à deficiência do ensino médio. Muitos alunos trabalham. Nos alunos da licenciatura, a deficiência é muito grande porque como eu te falei eles vêm de escola pública. Muitos deles não tiveram Física com professor formado em Física, ou Matemática. Eles não tiveram aquela formação básica de qualidade [...] Um outro item da evasão é que tem os alunos não moram em Campos. O aluno tem que viajar 2 horas pra chegar na UENF e mais 2 horas pra chegar em casa, imagine 4 horas só de viagem.

As dificuldades vivenciadas pelos estudantes podem determinar o momento da evasão, ainda no primeiro ano do curso, como acontece para a maioria dos alunos do Curso de Licenciatura em Física, da mesma forma como ocorreu no Curso de Licenciatura em Biologia da UENF. A tabela abaixo demonstra que 39 alunos (61,90%) evadiram no primeiro ano do curso.

Gráfico 3: Tempo de permanência do aluno evadido no Curso de Licenciatura em Física



Arruda & Ueno (2003, p. 164) denominam de “efeito do primeiro ano”, as quedas acentuadas no número de matriculados entre a primeira e segunda série do Curso de Física da UEL. Constataram que 36% dos alunos do bacharelado e 42% dos alunos da licenciatura não se matriculam no segundo ano do curso. Segundo os autores, os alunos do bacharelado, quando superam essa fase inicial e passam pelo primeiro ano do curso, têm grande possibilidade de concluí-lo, mas na licenciatura a situação é mais crítica porque “a retenção incide ano a ano, o que dá uma menor taxa de terminalidade”.

Na concepção do Professor Juraci, a grande incidência da evasão no primeiro ano do curso acontece pela não adaptação do aluno à nova realidade encontrada na Universidade. O aluno acha que a Universidade vai ser um prolongamento do ensino médio. Porém, ele se depara com uma realidade bem diversa daquela a qual está habituado e começa a perceber as suas limitações pessoais, em relação a essa nova realidade. Dessa forma, ao não conseguir adaptar-se, evade.

Mas para o Prof. Juraci Aparecido Sampaio, a vivência do aluno na Universidade é responsável pelo seu amadurecimento, ou seja, o aluno vai aprender a buscar o conhecimento e se adaptando às exigências que requer o ensino superior. Podemos observar que isso de fato ocorre, pois a partir do segundo ano na instituição, a evasão é menor, embora ainda ocorra:

A gente diz que o crivo do curso é o primeiro ano. O aluno acha que simplesmente vai chegar na universidade e é como era antigamente, lá no ensino médio. Depois que ele passa no primeiro ano, ele com certeza vai saber correr atrás. Acho que o papel da universidade também é este. O aluno tem que saber como procurar as coisas, não é o professor que vai colocar tudo na mão. Ele tem que aprender a procurar. Por exemplo, a gente chega às aulas e vai deduzir a teoria, como se chegou naquela equação. Agora em casa, o aluno tem que pegar aquela equação e usar aquela equação, não vou chegar em sala de aula e falar: é assim que usa. Até ele aprender como é o processo de aprendizagem científica e tudo em que está envolvido, demora um tempo.

Muitas vezes, a adaptação na Universidade não é tão fácil para o estudante, pois os alunos depois de ingressarem na instituição passam por situações conflituosas que começam com o processo seletivo do vestibular. Após isso ocorre o ingresso na Universidade, as novas metodologias de ensino, a separação da família e a saída da adolescência, fazendo o aluno vivenciar “uma série contínua de rupturas” seja com suas expectativas iniciais, ao ingressar na Universidade, seja

com a forma anterior de ensino, com a família e com o passado do estudante e ainda deve saber lidar com as decepções que podem surgir, em relação à Universidade ou ao curso (Pachane, 1998, p. 118).

Na UFMA, a evasão no Curso de Licenciatura em Física, alcançou o elevado índice de 70%, logo no primeiro semestre, com o crescimento deste índice até o quarto semestre (76%). Como principal motivo para a evasão dos estudantes do curso foi apontada “*a falta do conhecimento de conceitos básicos dos conteúdos do ensino fundamental e médio, especialmente, relativos aos conceitos de Matemática e Física*” (Pereira & Lima, 2007, p. 3).

Segundo o Prof. Roberto Trindade Faria Júnior, no Curso de Licenciatura em Física da UENF “*o maior problema dos alunos no primeiro ano do curso, não é com as disciplinas de Física, mas com as disciplinas de Matemática, como Cálculo*” e atribui essa dificuldade à falta de base do ensino médio. Compartilha da mesma opinião do Prof. Roberto Trindade Faria Júnior, o Professor Juraci Aparecido Sampaio, ao revelar que os alunos do Curso de Licenciatura em Física têm muita dificuldade com a matemática básica. As dificuldades apresentadas na disciplina de Cálculo é, segundo ele, resultado da precária formação do aluno no ensino médio. Sobre isso declara:

Os alunos que entram por reingresso e que já são formados em Matemática, ou formados em outra coisa, têm dificuldade imensa em Cálculo. Como um aluno formado em Matemática reprova em Cálculo? [...] Se o aluno consegue passar no primeiro ano que é Cálculo I e Cálculo II, ele fecha tudo.

Os depoimentos denotam um entendimento de que a elevada evasão de alunos no primeiro ano do curso é um problema que já foi detectado. Essa constatação pode possibilitar futuras ações voltadas para a permanência do aluno no curso e ainda, levar em consideração o processo de aprendizagem dos estudantes nas séries iniciais, uma vez que, os dados da Secretaria Acadêmica apontam as disciplinas Cálculo Diferencial e Integral I, Física Geral I, Bioquímica Geral I e Química Geral I entre as disciplinas que mais reprovaram os alunos das Licenciaturas.

Entretanto, a análise dos históricos escolares dos alunos evadidos revelou que a disciplina Cálculo Diferencial e Integral I reprovou 08 alunos, Física Geral I,

reprovou 06 estudantes do curso e 12 alunos foram reprovados em Química Geral I. Essas disciplinas foram as que mais reprovaram os alunos evadidos no primeiro semestre do curso. Do segundo semestre, a disciplina Cálculo Diferencial e Integral II foi a que mais reprovou, 12 discentes.

Perguntamos ao Prof. Juraci Aparecido Sampaio, sobre a utilização do Programa de Monitoria no Curso de Licenciatura em Física, pois a Monitoria, pode auxiliar os alunos com dificuldades em disciplinas, a melhorarem o seu desempenho acadêmico. Ele respondeu dizendo que: “[...] *as turmas são pequenas, então não tem porque ter monitor pra dez alunos*”. Disse ainda que o aluno quando tem dúvida em relação a alguma disciplina, ele procura diretamente o professor ou então, o Coordenador do Curso. Pelo que foi exposto, percebe-se que o aluno fica condicionado à disponibilidade do professor ou coordenador atendê-lo e em caso de não terem disponibilidade, o aluno não recebe assistência pedagógica.

Como vemos, o tratamento é pessoal e não institucionalizado, pois depende da boa vontade dos professores e da coordenação do curso, além de dar um alto grau de autonomia ao docente para resolver a seu modo as solicitações dos alunos, que nem sempre pode ser melhor para o estudante. Percebemos também que as disciplinas que mais reprovam são detectadas pelo sistema acadêmico da graduação da UENF e são verificadas no dia a dia do curso, pela coordenação e demais docentes, que ministram aulas na graduação. Talvez, ampliar a utilização da Monitoria no curso e proceder a uma reavaliação nas práticas educativas dos docentes. Essas medidas podem ajudar a reverter o quadro de reprovação dos estudantes em algumas disciplinas, principalmente naquelas que apresentam grandes índices de reprovação.

Na opinião do Prof. Roberto Trindade Faria Júnior, existem alguns obstáculos que impedem a efetiva implementação da Monitoria e um deles é a dificuldade em conseguir alunos para atuarem como monitores. Em sua opinião, existe na UENF, uma cultura que confere certo “*status*” à bolsa de iniciação científica. Assim ele expõe:

Claro, é muito importante a monitoria, bastante. Mas para a monitoria precisamos ter uma idéia genial pra captar mais mão de obra porque é uma concorrência desleal com a iniciação científica. Pra ser monitor precisa de um coeficiente de rendimento igual a 7 e fazer prova. Eu acho até mais fácil o acesso pra iniciação científica do que pra monitoria, e quantos monitores largam a monitoria, pela bolsa de iniciação científica. Tem que mudar a cultura de que a iniciação científica é que é o must.”

Percebemos que os alunos com dificuldades acadêmicas quando não encontram apoio pedagógico, recorrem aos trancamentos em disciplinas e de matrícula. A partir dos dados do levantamento da Secretaria Acadêmica referente ao trancamento de matrícula, constatamos que no curso de Licenciatura em Física, 63 alunos evadiram, no período de 2003 a 2007 e destes, 28 trancaram matrícula (44,44%). O número de alunos que retornou a UENF após o destrancamento de matrícula é muito pequeno, ou seja, apenas 02 alunos (7,14%), deram continuidade aos estudos. Da mesma forma como ocorre no Curso de Licenciatura em Biologia, o trancamento de matrícula também sinaliza uma possível evasão também na Licenciatura em Física. Em relação ao gênero, constatamos que o trancamento de matrícula foi mais utilizado pelos homens, 25. Este dado talvez possa ser explicado pela maioria de homens no curso.

Vencidas as dificuldades no curso, o aluno que não evadiu, pode concluí-lo. Nesse sentido verificamos a terminalidade no Curso de Licenciatura em Física, a partir dos dados de conclusão do curso de 2006 e 2007, obtidos na Secretaria Acadêmica, detectamos um reduzido número de alunos que concluem o curso, no período regular de 04 anos. Em 2003, 19 alunos se matricularam no curso e destes, somente 05 concluíram os estudos, após decorridos 04 anos do curso e 03 estudantes, se graduaram, após permanecerem 05 anos no curso. Apuramos que entre o total de matriculados em 2003, 10 estudantes evadiram do curso. Em 2004, dos 33 alunos que se matricularam no curso neste ano, apenas 11 se graduaram no tempo regular do curso e 12 evadiram. Esses dados demonstram que a evasão é superior ao número de concluintes no tempo normal do curso, que é de 4 anos.

A partir destes dados, podemos concluir que a terminalidade no curso de Licenciatura em Física é muito baixa. Isso posto, confirma a necessidade de adotarem medidas preventivas e urgentes que contribuam para fixar o aluno no curso, com o devido monitoramento dos alunos com sucessivas reprovações em uma mesma disciplina para assim, evitar o alto índice de evasão. Na UEL, o estudo de Arruda et al. (2006, p. 423) encontrou uma taxa média de terminalidade no Curso de Licenciatura em Física de 24,20%. Os autores argumentam que, em alguns cursos, o baixo índice de alunos que concluem o curso, considerado o que se encontra abaixo de 20%, assume "*contornos dramáticos*".

Da mesma forma, Barroso & Falcão (2004), no estudo sobre o curso de Física da UFRJ, no período de 1993 a 2001, verificaram de um lado o baixo número de

concluintes do curso, em relação ao número de ingressantes e de outro, o elevado número de abandonos que ocorre no primeiro ano do curso. Eles constataram que os estudantes que permanecem no curso, levam de 8 a 10,5 semestres para concluí-lo e que a instituição através de um trabalho pedagógico apropriado está atuando junto aos alunos com deficiências prévias de conteúdo ou mesmo pela não adaptação com os métodos de estudo para reduzir o fracasso nas disciplinas das séries iniciais do curso.

Perguntamos então ao Coordenador do Curso de Licenciatura em Física da UENF, o que vem sendo feito para resolver os problemas da evasão discente e do reduzido número de estudantes que concluem o curso, para sabermos se existem ações direcionadas para combatê-los. O Professor Juraci Aparecido Sampaio nos respondeu dizendo que como medida para reduzir as reprovações em algumas disciplinas, está sendo feita uma modificação na matriz curricular do curso e sobre isso ele explica:

A gente refez alguma coisa na grade curricular para resgatar a falta de base do aluno com a Matemática simples. Antigamente, o aluno chegava no curso e já entrava direto em Mecânica. O que ele tem agora? Ele tem um curso de Matemática Básica Elementar, para tentar resgatar algumas coisas que o aluno não aprendeu no ensino médio. Daí ele começa com a disciplina de Cálculo e Introdução à Física. A Introdução à Física, não é para o aluno aplicar as formas matemáticas complexas. É simplesmente rever conceitos para o aluno se situar no curso.

Além da reorganização da matriz curricular, o Prof. Juraci revela que tem convocado os alunos para que juntamente com ele, analisarem a grade curricular e o seu extrato escolar, com o objetivo de observar se os pré-requisitos exigidos para cursarem determinadas disciplinas e o número de créditos mínimos por semestre exigidos na UENF estão sendo cumpridos.

Dessa forma, destaca a importância do acompanhamento acadêmico dos alunos, devido à imaturidade com que muitos deles chegam à Universidade para assumirem sozinhos as responsabilidades e exigências do curso. Ainda falou que no caso da Licenciatura em Física, a ausência do orientador acadêmico faz com que o Coordenador do Curso assumam também a função na orientação acadêmica dos discentes. Sobre isso ele respondeu:

Com certeza, deveria ter algum local em que o aluno fosse se orientar, para dar mais informações pra ele. Os alunos muitas vezes não conhecem nem as regras da Universidade. Eles acham que podem ir trancando disciplinas a torto e à direita e que isso não vai prejudicá-los no futuro. Então o que eu estou tentando fazer agora com a mudança da nova grade? Entreguei pra eles a nova matriz curricular e falei assim: vocês vão me fazer um "x" nas disciplinas que estão ficando pra trás para poder acompanhar esses alunos. Pelo que eu percebo, os alunos estão muito imaturos ainda.

De acordo com a Resolução do Programa de Orientação Acadêmica da UENF, em caso de impossibilidade do professor orientar o aluno, o coordenador assume essa função. Mas, o que podemos perceber na Licenciatura em Física, foi que o Coordenador assumiu a função de orientador acadêmico, por entender que há necessidade de um acompanhamento de cada aluno do curso. Essa estratégia adotada pelo Prof. Juraci Aparecido Sampaio, indica uma forte preocupação com os discentes e também com o curso. Mais uma vez é uma forma não institucionalizada de implementar uma Resolução que já existe na instituição, desde 2003 e que deveria estar sendo utilizada pelos cursos de graduação da UENF. Ainda segundo o Prof. Juraci Aparecido Sampaio, não adianta ter um orientador acadêmico se o aluno não recorre a ele. Para o Coordenador do Curso, o aluno deve estar consciente das suas responsabilidades e dos seus direitos na universidade e assim, em caso de encontrar-se com dificuldades acadêmicas, deve procurar algum professor para auxiliá-lo:

Eu sempre falo pros alunos: - aluno vocês tem que procurar ajuda com o professor. Ele tem que ir lá me procurar pra tirar a sua dúvida. Eu sempre falo, não tem porque ter receio do professor.

3.7. A evasão no Curso de Licenciatura em Matemática

O terceiro curso de licenciatura analisado neste trabalho teve sua autorização para o funcionamento do Curso de Licenciatura em Matemática concedida através da Resolução 01/2000 do Conselho Universitário da UENF em 11 de junho de 1999. O primeiro vestibular para o curso, realizou-se nos dias 30, 31 de julho e 1º de agosto de 1999, oferecendo 30 vagas para o período noturno, tendo recebido 112 inscritos. Os 30 alunos que foram aprovados ingressaram no curso no primeiro semestre de 2000, apresentando uma boa procura pelo curso, completando assim,

todas as vagas oferecidas pelo curso. A procura pelo Curso de Licenciatura em Matemática declinou²⁰, a partir de 2003, resultando no surgimento das vagas ociosas. A tabela abaixo, nos esclarece essa situação:

Tabela 6: Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Matemática

Ano	Vagas oferecidas		Alunos matriculados	
	Vestibular	Outras formas de ingresso (*)	Vestibular	Outras formas de ingresso
2003	30	14	11	02
2004	30	24	25	15
2005	30	08	27	08
2006	30	10	15	02
2007	30	10	07	04
Total	150	66	85	31

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborado pela autora

(*) Transferência externa, interna, reingresso, isenção de vestibular e transferência *ex-officio*.

Da mesma forma como ocorre nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física, o processo seletivo de transferências, reingresso e isenção de vestibular oferece vagas extravestibular para minimizar o número de vagas ociosas. O Curso de Licenciatura em Matemática, mesmo com este edital, apresentou uma taxa de ocupação de 53,70%, ficando com 46,30% de vagas ociosas, no período de 2003 a 2007. Conforme já verificamos nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física, também ocorre na Matemática que entre as outras formas de ingresso, grande parcela dos alunos ingressam no curso por transferência externa, 28 alunos, provenientes de outras IES. Por reingresso, ingressou apenas 01 aluno no curso, assim como por isenção de vestibular, além de 01 caso de ingresso no curso por transferência *ex-officio*. Entretanto o vestibular é a forma de acesso mais utilizada pelos estudantes que ingressam no Curso de Licenciatura em Matemática.

Por que os alunos não procuram o Curso de Licenciatura em Matemática? A resposta a essa pergunta encontra-se no estudo de Jesus (2006, p. 3) que procurou respondê-la através das entrevistas com os alunos concluintes do ensino médio em

²⁰ Relação candidato-vaga do Curso de Licenciatura em Matemática: 2003 (2,33%), 2004 (1,60%), 2005 (1,37%), 2006 (1,33%) e em 2007 (0,87%). In. www.vestibular/UERJ.br

uma escola pública, de uma cidade do Distrito Federal e obteve como maioria das respostas dos entrevistados que não escolheriam este curso. Ela acredita que este resultado é devido à disciplina Matemática *“ser considerada entre todas as disciplinas, a mais complicada e de difícil aprendizado, e tem sido ensinada de maneira tradicional e distanciada da realidade do aluno”*. No mesmo estudo, a autora revela ainda que, grande parte dos alunos desconsiderou a possibilidade de escolher um curso de licenciatura para sua graduação, pois além da satisfação pessoal, muitos desses estudantes entrevistados disseram que desejam obter crescimento profissional, aliado ao prestígio social da carreira escolhida.

Sobre a desvalorização da profissão docente mencionada pelos alunos entrevistados em seu trabalho, Jesus (2006, p. 10) nos leva à reflexão por trazer um dado novo, referente à possibilidade de realização profissional através da profissão docente. Assim ela diz que: *“é preciso desmistificar que a profissão de educador é um sacerdócio, com grande valor social, mas sem valorização”*, pois o aluno formado em Licenciatura em Matemática tem um vasto campo no mercado de trabalho, seja como docente, em escolas públicas e particulares, cursos preparatórios para concursos e vestibulares, ou em empresas que contratam profissionais formados em matemática para o departamento financeiro e estatístico.

Perguntamos ao Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl²¹, Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática da UENF, qual o perfil do aluno que o curso vai formar. Como resposta, ele nos disse que *“O perfil do profissional que o curso vai formar é o professor de matemática. Esse professor atua no ensino fundamental e médio, da 5ª a 8ª série e depois no segundo grau completo”*. Quando perguntado sobre a matriz curricular do curso, o Coordenador nos disse que a Licenciatura em Matemática tem uma carga horária *“pesada”* e por isso, se aproxima muito da carga horária de um curso de bacharelado:

Se você comparar a nossa grade curricular com a grade curricular de outras licenciaturas, você vai ter uma parte específica de Matemática muito pesada. A grosso modo, o nosso curso é um curso de bacharelado com algumas disciplinas pedagógicas, que dão o rótulo de licenciatura. Falta muito pouco para o nosso curso ser de bacharelado.

Resta-nos saber se a evasão está associada à organização curricular do curso. Para isso, procedemos a um levantamento da evasão e começamos pelo perfil dos alunos evadidos. Os estudantes que evadiram do Curso de Licenciatura

²¹ Entrevista com o Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl, realizada em 23/09/2008 (Apêndice I).

em Matemática são, na sua maioria homens, 27, embora a diferença por gênero não seja significativa, pois as mulheres totalizam 24 alunos evadidos. Quanto ao estado civil, a maioria dos evadidos é de solteiros, perfazendo 42 alunos, enquanto a minoria é composta por discentes casados, 09.

A maior parte desses alunos, em torno de 80% concluiu o ensino médio em escola pública, ou seja, 26 estudantes que evadiram do curso concluíram o ensino médio na rede pública estadual, 15 discentes são provenientes da rede pública federal e uma parcela mais reduzida, constituída por 10 alunos veio da rede particular de ensino. Em situação análoga à encontrada nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física, na Licenciatura em Matemática constatamos o elevado número de evadidos de Campos dos Goytacazes (65%) e somente 02 alunos evadidos vieram de outros estados (Apêndice VII).

Cabe ainda destacar a grande presença de jovens no curso, ou seja, de alunos na faixa etária própria ao acesso no curso superior. Os dados revelam que mais da metade dos evadidos, 34 alunos, estão na faixa etária que vai até 25 anos. Convém destacar que encontramos um aluno que ingressou no curso aos 17 anos e na faixa etária acima dos 40 anos, houve apenas um aluno evadido que ao ingressar na UENF tinha 47 anos de idade (Apêndice VIII).

O Coordenador do Curso, ao ser perguntado sobre o perfil do estudante da Licenciatura em Matemática disse que geralmente este aluno não se dedica ao curso em tempo integral. Segundo ele, a necessidade de conciliar estudo e trabalho faz com que o aluno-trabalhador não alcance um rendimento acadêmico satisfatório:

Nosso aluno, nossa clientela é aquela que trabalha durante o dia e estuda à noite. A grande maioria dos nossos alunos tem esse perfil. Raras as vezes a gente encontra um ou outro estudando em bibliotecas. [...] O rendimento desse aluno, que trabalha, fica abaixo do rendimento daquele aluno que pode se dedicar em tempo integral.

O aluno que trabalha é uma realidade cada vez mais presente no ensino superior brasileiro, mas que também ocorre em países do primeiro mundo, como nos Estados Unidos, onde pelo menos uma parte dos estudantes exerce atividades remuneradas, enquanto estudam (Unglaub, 2003, p. 80). No Brasil, grande parcela dos estudantes, precisa trabalhar para custear seus estudos no ensino superior e por isso, é cada vez mais crescente, o contingente de alunos que estuda no ensino superior noturno. Muitos desses estudantes, principalmente os que trabalham,

encontram no período noturno, a chance de poderem estudar e manter-se em alguma atividade em outro período do dia, porém, são alunos que não podem dedicar-se integralmente aos estudos e geralmente frequentam a IES somente nos horários das aulas.

De acordo com Unglaub (2003, p. 17), o aluno que trabalha e frequenta o curso noturno pode conseguir um bom desempenho acadêmico, se estiver motivado com o curso, pois segundo ele, “*a motivação é a mola mestra para a ação*”. Disse ainda que o desempenho acadêmico, entendido como “*os resultados alcançados pelos estudantes em seus exames e testes*”, não envolve somente a questão das notas, como também o esforço do aluno para obtê-las e dessa forma no seu entendimento o aluno, principalmente o que apresenta baixo desempenho acadêmico, precisa de orientação educacional por parte da instituição, em relação aos hábitos com os estudos, administração do tempo, escolha de disciplinas, metas a alcançar, orientação financeira e auxílio com os problemas particulares.

A tabela abaixo revela a evasão no curso de Licenciatura em Matemática e evidencia as alterações da evasão ao longo dos semestres.

Tabela 07: Número de Alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Matemática

Período	2003		2004		2005		2006		2007		Total	
	1º S	2º S	1º S	2º S								
Nº alunos evadidos	01	01	02	05	05	16	01	04	08	08	17	34
Total	02		07		21		05		16		51	

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborada pela autora

Em 2003 ocorreu o menor número de alunos evadidos, apenas 02, enquanto em 2005, 21 estudantes deixaram de frequentar o curso. Quando consideramos o total de alunos matriculados em 2005, acusamos um elevado percentual de evasão na ordem de 60%.

Segundo o Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl, foi com este trabalho que ele teve o primeiro contato com os dados quantitativos da evasão no Curso de Licenciatura em Matemática e em função disso, mostrou-se muito surpreso ao conhecer os

índices de evasão por semestre, achando esses números bastante expressivos. Com isso, concluímos que o desconhecimento da dimensão da evasão no curso impede a adoção de medidas para combatê-la:

Nunca precisamos ou quantificamos essa questão. Talvez seja uma coisa interessante, um acompanhamento, mas nós não temos. Dá um trabalho de conclusão de curso, de iniciação científica, ver como está a evasão na Matemática. Pelo que eu estou vendo aqui, aumentou. De 2005 a 2007 aumentou. É um número bastante grande. A gente tem por volta de 80, 90 alunos, quase 30%. A grosso modo, quase 30% dos nossos alunos.

É interessante observar que a análise da evasão como disse o Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl “a grosso modo”, considerando o total de alunos matriculados e evadidos em dado número de anos, revela um resultado que não é o mesmo quando consideramos a evasão ano a ano, pois dessa forma, o cálculo da evasão no curso pode revelar percentuais muito maiores do que a idéia que se tem dela. Por isso, neste estudo, trabalhamos com o número de alunos evadidos por semestre.

Muitos podem ser os motivos que levam o aluno a evadir do curso de graduação, assim como são muitos os motivos que levam pesquisadores a buscarem as causas da evasão discente no ensino superior.

Perguntamos então ao Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl, a que ele atribui a evasão dos alunos no curso sob sua coordenação e ele então nos respondeu que a evasão ocorre “*Pelas próprias dificuldades do dia a dia que impõem restrições, principalmente aos alunos que trabalham*”. Entretanto, segundo o Prof. Nilson, além do trabalho, existe um conjunto de fatores que pode contribuir para a ocorrência da evasão e assim, relata:

Na realidade é um conjunto de fatores. Não se pode especificar somente um fator. Para o aluno que trabalha, é a falta de tempo, às vezes dificuldade de se relacionar com os colegas pra manter um grupo de estudo, ou mesmo um horário pra estudar.

Embora a ênfase da fala do Coordenador do Curso recaia sobre o aluno que concilia trabalho e estudo, ele disse que no curso, também encontramos no curso estudantes que só se dedicam aos estudos. O estudo de Pachane (1998) constatou que os Cursos de Licenciatura em Matemática e Física da USP constituem-se dos mais baixos índices de alunos que trabalham, enquanto no Curso de Química

encontra-se o maior número de alunos que exercem alguma atividade profissional. Isso posto, serve para mostrar que com a investigação científica consegue-se derrubar mitos, muitas vezes tidos como certos, assim como a idéia que permeia o senso comum de que os cursos noturnos de licenciatura são frequentados quase que exclusivamente por alunos que trabalham.

A idéia de que o curso noturno é para o aluno trabalhador, advém da possibilidade do aluno realizar alguma atividade durante o dia, ou pela facilidade de acesso ao curso, já que muitas vezes, a precária formação obtida no ensino médio pode impedir a aprovação em uma carreira mais concorrida, ou ainda considerar que os cursos de Licenciatura têm menor grau de exigência. Desse modo, às vezes, o aluno, embora não perceba, não escolhe o curso, mas *“encaminha-se para a única oportunidade ocupacional que o contexto no qual ele se encontra lhe mostrou”* (Enge, 2004, p. 17).

Para alguns alunos, as dificuldades encontradas no curso podem adiar a conquista do diploma, principalmente aqueles que frequentaram o ensino médio em escolas públicas e apresentam dificuldade de aprendizagem em determinados conteúdos. Ao ingressarem na Universidade, a defasagem do conhecimento adquirido em relação ao exigido pode resultar em reprovações em disciplinas.

Na opinião do Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl, as disciplinas que mais reprovam no Curso de Licenciatura em Matemática da UENF são Cálculo Diferencial e Integral I e Matemática Elementar que são da responsabilidade do Laboratório de Ciências Matemáticas.

Fregoneis (2002) constatou no seu estudo que as disciplinas que mais reprovam nas séries iniciais do Curso de Matemática, são do próprio Departamento de Matemática e que com as reprovações, quase dois terços dos alunos deixam de passar da primeira para a segunda série.

Os dados obtidos com o levantamento da Secretaria Acadêmica da UENF, referentes às disciplinas que mais reprovaram os alunos das licenciaturas, no período de 2003 a 2007, revelaram que entre as disciplinas do primeiro semestre do curso, Cálculo Integral e Diferencial I é a disciplina que mais reprova seguida de Matemática Elementar I. No segundo semestre, Física Geral I foi a disciplina que mais reprovou os estudantes dos cursos de licenciatura da UENF.

A partir da verificação dos extratos escolares dos alunos evadidos, constatamos 16 reprovações em Cálculo Diferencial e Integral I e 08 reprovações

em Matemática Elementar. Também encontramos 8 reprovações na disciplina Geometria Elementar I.

Em relação ao segundo semestre do curso, a disciplina Física Geral I teve 06 reprovações entre os evadidos. As reprovações em disciplinas podem levar o aluno a trancar a disciplina e até mesmo trancar a matrícula na UENF. Quando associamos o trancamento de matrícula com a evasão, verificamos um reduzido número de alunos que retomam os estudos, após o destrancamento da matrícula. Isso pode ser notado no curso de Licenciatura em Matemática da mesma forma como a verificada nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física. Poucos alunos retornam aos estudos após o trancamento de matrícula.

Os dados do histórico de situações dos alunos das Licenciaturas nos permitiram constatar que dos 32 alunos que trancaram suas matrículas, apenas 07 reabriram as matrículas, evidenciando a baixa taxa de retorno ao curso, enquanto 25 estudantes evadiram do curso. O trancamento de matrícula parece configurar como uma forma de adiar uma futura evasão.

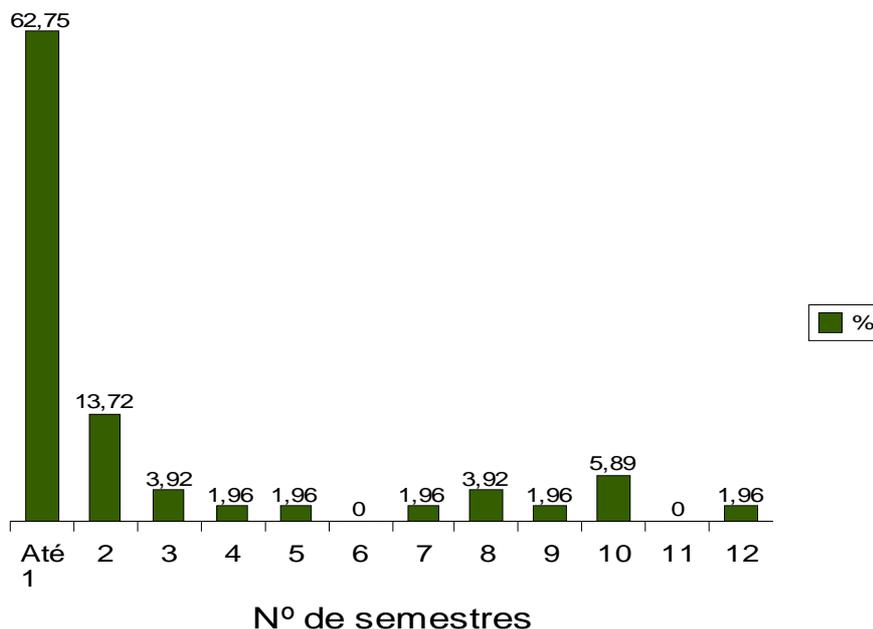
Outra constatação é que entre os alunos que retornaram, a maioria é do sexo masculino (05). Da mesma forma como ocorreu nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física, o trancamento de matrícula na Licenciatura em Matemática indica a possibilidade futura da saída do aluno da UENF.

Quanto à forma de evasão do curso, o abandono foi mais frequente (Apêndice IX) e ocorreu com maior incidência entre os alunos que efetuaram o trancamento de matrícula. De forma diversa ao que ocorreu nos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física, as mulheres são a maioria entre os alunos que abandonaram o Curso de Licenciatura em Matemática. Já os homens são maioria entre os que foram desligados do curso e trancaram matrícula (Apêndice X).

No estudo de Fregoneis (2002, p. 68), o número de matriculados da primeira para a segunda série diminuiu em torno de 65%, reduzindo a população ingressante no Curso de Matemática, resultado de reprovações em disciplinas e dos altos índices de evasão no primeiro semestre do curso.

Na UENF essa tendência é comprovada, devido ao grande número de estudantes que evadem no primeiro ano do curso, conforme nos mostra a figura abaixo:

Gráfico 4: Tempo de permanência do aluno evadido no Curso de Licenciatura em Matemática



O tempo regular no Curso de Licenciatura em Matemática para que o aluno possa concluí-lo é de 04 anos, porém alguns alunos permanecem no curso, por período superior a 04 anos, sendo considerados por este estudo, como estudantes com permanência prolongada no curso e nem sempre, conseguem concluí-lo com êxito. O relatório de dados de conclusão do curso de 2006 e 2007 da Secretaria Acadêmica nos mostra que, em 2006, dos 13 alunos que se matricularam no curso, apenas 05 estudantes colaram grau, após permanecer o tempo regular no curso, 04 anos e 04 alunos terminaram o curso, após permanecerem 05 anos na UENF. Entre os alunos que ingressaram no curso em 2003, 02 estudantes evadiram do curso. Em 2004, a situação parece mais crítica, pois, dos 40 alunos que ingressaram no Curso de Licenciatura em Matemática, apenas 10, concluíram o Curso de Licenciatura em Matemática, em 04 anos, enquanto 16 alunos que ingressaram neste mesmo ano, evadiram do curso. Esses dados nos revelam que existem poucos alunos que conseguem concluir o curso, no período regular de 04 anos e a maioria, ou permanece no curso por mais de 04 anos, ou evade. Sugerimos que seja feito um acompanhamento dos alunos com permanência prolongada nos cursos.

Arruda et al. (2006) constatou no seu estudo que o Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), uma baixa taxa de terminalidade no curso, encontrando uma taxa de evasão de 46,9%, superior à de

concluintes 43,3%. Os dados do Relatório Final/Comissão (1996), também revelam a baixa taxa de diplomação dos alunos do Curso de Licenciatura em Matemática de outras IES. Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), essa taxa é de 40% e na USP o percentual é de 21,03%. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), a diplomação alcança o patamar de 42,72.

Perguntamos ao Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl, se existem ações direcionadas para combater a evasão de alunos no curso, então ele respondeu que: *“Vimos a necessidade de modificar a grade curricular, dada a necessidade do aluno”*. Sobre o Programa de Monitoria, ele nos disse que é utilizado no curso: *“Todo semestre nós consultamos os professores sobre a demanda de monitores. Os monitores são bem solicitados pelos alunos”*. E sobre o Programa de Orientação acadêmica disse que não está sendo utilizado no curso e ao ser perguntado sobre sua participação em uma discussão interna sobre a evasão na UENF, informa que: *“Não participo. Existe? Se existir, eu participaria com muito prazer”*.

3.8. A evasão no Curso de Licenciatura em Química

O quarto curso que estudamos nesta dissertação é a Licenciatura em Química. A Resolução 02/2000, do Conselho Universitário da Universidade, em 30 de junho de 1999 autorizou o funcionamento do curso de Licenciatura em Química da UENF. Obtida a autorização, ainda em 1999, quando foi realizado o nono Concurso Vestibular, foram oferecidas 30 vagas para o curso, no período noturno. O Vestibular realizou-se nos dias 05 e 19 de dezembro de 1999, para o ingresso no 1º semestre de 2000.

Neste ano, o curso teve 28 alunos matriculados. Nos dois anos seguintes, as 30 vagas oferecidas pelo vestibular foram preenchidas. A partir de 2003, o curso sofreu algumas variações no número de alunos matriculados, em função da sua demanda, que vem sofrendo uma redução, ao longo dos anos²². O decréscimo no número de alunos que se matriculam no curso, quando associado à evasão, torna a situação um pouco preocupante. Da mesma forma como ocorre com as Licenciaturas em Biologia, Física e Matemática, Na Licenciatura em Química, além do vestibular, utiliza-se outras formas de ingresso na UENF, como recursos para

²² Relação candidato-vaga do Curso de Licenciatura em Química: 2003 (3,33%), 2004 (2,30%), 2005 (1,97%), 2006 (2,37%) e em 2007 (1,80%). Disponível em: www.vestibular/UERJ.br

minimizar as vagas ociosas, mas que ainda não tem conseguido atrair uma quantidade de alunos para preencher as vagas que são disponibilizadas para o ingresso dos estudantes, conforme demonstra a tabela a seguir:

Tabela 08: Número de vagas oferecidas e alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Química

Ano	Vagas oferecidas		Alunos matriculados	
	Vestibular	Outras formas de ingresso (*)	Vestibular	Outras formas de ingresso
2003	30	05	25	01
2004	30	27	29	03
2005	30	06	28	06
2006	30	05	24	01
2007	30	19	22	01
Total	150	62	128	12

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborado pela autora

A forma de ingresso que predominou no curso foi o vestibular, mas entre as outras formas de acesso ao curso, por transferência externa ingressaram 08 estudantes e por reingresso, 04 alunos. Não houve entrada de alunos no curso por isenção de vestibular, nem através da transferência *ex-officio*.

Perguntamos ao Prof. Luis César Passoni, ex-coordenador da Licenciatura em Química, qual o perfil do aluno que ingressa no Curso e em resposta ele nos disse que os alunos podem ser divididos entre dois perfis, os que trabalham, seja em alguma atividade relacionada à área de química ou na indústria do petróleo, seja em uma ocupação em área diversa da química e os que não trabalham e por isso, podem dedicar-se mais ao curso, inclusive com atividades nos laboratórios.

Ressalta o pequeno número de alunos que se dedica à profissão docente, apesar de frequentar o curso de licenciatura e menciona ainda, a ausência de dados sobre a evasão discente, o que provoca o desconhecimento deste problema e expôs:

A gente não tem um estudo quantitativo da evasão. A impressão que a gente tem, pela convivência com os alunos, é que a maioria dos nossos alunos não trabalha, se dedica exclusivamente ao estudo. Alguns trabalham em alguma coisa relacionada com a exploração do petróleo. Muitos são Técnicos em Química, e por serem Técnicos em Química notadamente são formados no CEFET, esses alunos já têm alguma atividade na área, em alguma indústria na região. Pouquíssimos são os que se dedicam ao ensino mesmo, apesar do curso ser de licenciatura, de fato. Eu acho que a grosso modo esse é o nosso perfil do estudante. Ele se dedica em tempo integral ao curso porque a gente percebe pelo grande número desses alunos em laboratório. Outra parte expressiva é técnico em química, trabalha como técnico e outra parte tem alguma atividade durante o dia, não relacionados com a química, e fazem o curso apenas no período noturno mas isso é uma minoria.

O estudo de Vianna, Aydos e Siqueira (1997) analisou o perfil dos alunos nos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Química da UFMS, constatando que o maior índice de alunos que trabalham estão no Curso noturno de Licenciatura, demonstrando que o curso no período noturno é viável ao aluno trabalhador. No mesmo estudo, buscando entender os motivos que levaram esses alunos a optarem pelo Curso de Licenciatura, verificaram que a pontuação obtida por eles no exame vestibular não permitiria a aprovação para outros cursos mais concorridos. Com isso, concluímos que a escolha do curso está, portanto, associada, ao contexto social em que o aluno está inserido.

Nesse sentido, Borges & Carnielli (2005) salientam que há um limite na democratização do acesso dos estudantes no ensino superior. Segundo esses autores, a seletividade já tem início na inscrição para o processo seletivo de acesso à Universidade, com os candidatos de maior poder aquisitivo concorrendo a cursos mais prestigiados socialmente, enquanto os estudantes de menor renda concorrem a cursos de baixo prestígio social, embora ressalte que uma minoria de alunos de baixa renda, conseguem ingressar em cursos mais concorridos.

No curso de Licenciatura em Química da UENF, no período de 2003 a 2007, os alunos evadidos totalizam 67 estudantes, sendo em sua maioria, do sexo feminino, 41 alunos, enquanto os homens são minoria, 26. Os estudantes solteiros perfazem 60 alunos, com predomínio sobre os casados, 06 alunos, além de verificarmos apenas 01 estudante que informou ser separado.

Em relação ao tipo de escola freqüentada pelos evadidos no ensino médio, constatou-se que a grande parte dos alunos evadidos, 53, concluíram o ensino médio na escola pública, principalmente na escola pública federal, 30 alunos, seguida da estadual, 23 estudantes. Da rede particular de ensino vieram 14 alunos.

Em conformidade aos outros cursos de licenciatura anteriormente estudados nesta pesquisa, a maioria dos alunos evadidos é da cidade de Campos dos Goytacazes, sendo a minoria proveniente do Estado do Espírito Santo. Este índice que nos faz supor que o Curso exerce baixa atratividade aos alunos que não são do Estado do Rio de Janeiro (Apêndice VII).

Quanto à faixa etária dos alunos evadidos, percebemos que não difere muito dos outros cursos de Licenciatura da UENF. A grande concentração dos alunos é de jovens, na faixa etária entre 17 a 25 anos. Esses estudantes encontram-se na idade própria ao ingresso no curso superior. Não houve nenhum aluno que ingressou no curso aos 17 anos. Uma pequena parcela de alunos pertence a faixa etária que está acima de 30 anos. Somente um aluno ingressou no curso aos 40 anos e acima dessa idade, não houve ingresso de nenhum aluno, no período e 2003 a 2007 (Apêndice VIII).

Os dados do Relatório da Comissão para estudos sobre evasão (1996) revelam que a evasão ocorre nos Cursos de Licenciatura em Química de diferentes IES. Para o período de 1987 a 1989, encontramos altas taxas de evasão que na UEL foi de 77,46%; na Universidade de Brasília (UnB), de 86,32% e na Universidade Federal da Bahia (UFBA) encontramos o percentual de 84,97%. De acordo com o mesmo relatório, as menores taxas de evasão encontradas nas Universidades abordadas pela pesquisa foram da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), de 50% e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com 33%. A tabela abaixo nos mostra as taxas de evasão na UENF.

Tabela 09: Número de Alunos evadidos por semestre no Curso de Licenciatura em Química

Período	2003		2004		2005		2006		2007		Total	
	1º S	2º S	1º S	2º S								
Nº alunos evadidos	02	08	04	06	06	13	04	08	04	12	20	47
Total	10		10		19		12		16		67	

Fonte: Secretaria Acadêmica. Elaborada pela autora

Com base nos dados da tabela acima mencionada, é possível constatar que somente no curso de Licenciatura em Química em todo período de abordagem desta

pesquisa, a saída de alunos foi maior, em cada ano, no 2º semestre do curso. Também podemos notar que em 2005 houve o maior número de alunos que evadiram do curso, perfazendo uma taxa de 55,89% de evasão, quando comparada aos alunos matriculados no mesmo ano. Em 2003 e 2004, ocorreu a menor saída de alunos do curso, mas mesmo assim, as taxas de evasão são superiores a 30% neste período, perfazendo 38,46% e 31,25% respectivamente.

Perguntamos ao ex-coordenador do Curso de Licenciatura em Química, Prof. Luis César Passoni, a sua percepção em relação à evasão no curso e ele nos revelou que desconhece a dimensão deste problema. E disse: "*Então, eu não sei exatamente o tamanho dessa evasão. Eu tenho a impressão de que essa evasão não é muito grande*".

Nota-se que após ser mostrado o quantitativo dos alunos evadidos, ele se mostrou surpreso com a realidade verificada no curso, em relação aos números da evasão e disse:

De 2003 até 2007, são 5 anos. Digamos que entram 30 alunos por ano, que dá um total de 150 alunos. A gente tá completando aí de 25 a 28 alunos por ano. Mas, isso dá 50% de evasão? Então a evasão é grande, não é tão pequena quanto eu imaginava.

Ainda sobre a evasão, o Prof. Luis César Passoni perguntou: "*a maioria desaparece, não é?*" Para responder essa pergunta analisamos as formas de evasão no curso e como resultado constatamos que a maioria constituída de 59 alunos, evade por iniciativa própria.

A aplicação de normas da instituição incidiu sobre a minoria dos alunos evadidos. Essa minoria totaliza 08 estudantes. Isso nos faz concluir que a maioria dos alunos simplesmente "*desaparece*" da Universidade, haja vista que o abandono foi muito frequente entre os evadidos, ou seja, 51 alunos evadiram por abandono. Em ordem de frequência, depois do abandono, 08 alunos desligaram-se do curso, 07 estudantes cancelaram suas matrículas e por fim, 01 aluno solicitou transferência para outras IES (Apêndice IX).

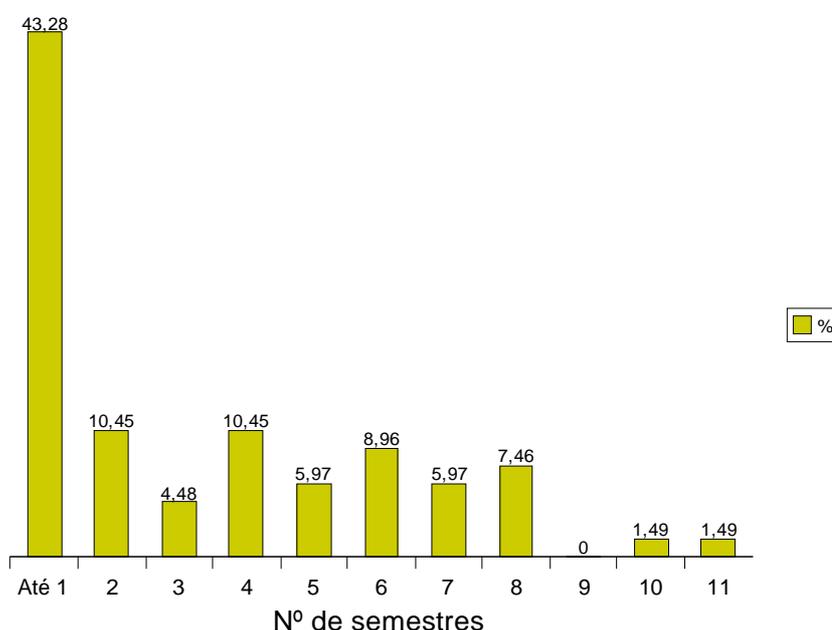
Em relação ao gênero, o abandono e o desligamento do curso foram mais utilizados pelas mulheres enquanto os homens são maioria entre os que cancelaram as matrículas, embora em número muito próximo ao das mulheres e a transferência para outra IES foi solicitada por evadido do sexo feminino (Apêndice X).

Para explicar o tipo de saída do aluno do Curso de Química da UnB, Cunha, Tunes e Silva (2001, p. 265) agruparam os alunos evadidos, de acordo com as formas de evasão que são o abandono do curso, desligamento voluntário, desligamento por não cumprimento de condição e mudança de curso. Posteriormente, constataram que assim como no Curso de Licenciatura em química da UENF, o abandono foi a forma de evasão mais frequente entre os alunos.

É importante destacar que 80% dos alunos entrevistados para este estudo quando foram entrevistados, manifestaram a preferência pelo Curso de Licenciatura em Química da UENF, porém, após evadir, 60% desses estudantes, optaram em fazer outro curso, em IES particular. Portanto, nem sempre a preferência pelo curso ou determinada área de conhecimento, retém o aluno no ensino superior, impedindo-o de evadir.

Além do modo como o aluno evade, também devemos considerar o momento da evasão, ou seja, o tempo em que o aluno permaneceu no curso até evadir. Com base no levantamento efetuado, a partir dos dados obtidos na Secretaria Acadêmica, podemos afirmar que para os cursos de Licenciatura deste estudo, encontramos maior ocorrência da evasão no primeiro ano do curso. A figura abaixo demonstra este fato no Curso de Licenciatura em Química:

Gráfico 5: Tempo de permanência do aluno evadido no curso de Licenciatura em Química



Segundo Machado, Melo Filho e Pinto (2005, p. 42), as medidas preventivas para combater a evasão devem ser tomadas no primeiro ano do curso, devido ao grande índice de evasão neste período, no Curso de Química da UFRJ. Destacam que quando o aluno consegue passar pelo primeiro ano do curso, tem grandes chances de concluí-lo, mesmo para os alunos que apresentam certo grau de dificuldade com algumas disciplinas.

Com o objetivo de investigar as possíveis ações para minimizar a evasão no curso, ao perguntarmos sobre este assunto ao Prof. Luís César Passoni. Ele nos disse que *“Por enquanto, Rodrigo²³ está fazendo um levantamento da evasão para depois haver ações”*.

No Curso de Química da UFRJ, primeiramente tentou-se conhecer as principais causas da evasão e posteriormente, adotaram algumas *“atitudes”* para minimizar a evasão. Deste modo, para cada um dos motivos encontrados e que poderiam resultar na evasão discente, a universidade adotou medidas que pudessem favorecer a permanência do aluno no curso. Entre as medidas adotadas, constam visitas aos Institutos de Química, organização da *“Semana da Recepção”*, voltada para inserir os alunos ingressantes na Universidade, introdução da disciplina obrigatória Seminários para que os alunos pudessem saber os diferentes perfis do profissional de Química e por último, recorrer a verbas de projetos de professores para custear bolsas aos alunos com dificuldades financeiras (Machado, Melo Filho e Pinto, 2005, p. 42). Segundo os autores, essa foi uma experiência de sucesso, por conseguir reduzir o índice de evasão no curso de Química da UFRJ.

Perguntamos ao Prof. Luís César Passoni o que pode estar dificultando a vida do aluno no Curso de Licenciatura em Química da UENF e chama a atenção de professores e da Coordenação do Curso. Sobre isso, ele respondeu mencionando as reprovações em disciplinas e a *“atitude”* de alguns professores em sala de aula:

A gente já observou em algum momento durante o curso, disciplinas com o índice de reprovação muito alto. Mas a gente tem procurado agir nesse sentido. O que se nota, sem nenhum estudo estatístico, apenas pela convivência, pela impressão, este estudo está sendo feito agora pelo Rodrigo. A gente percebe que é muito pelo professor que está na disciplina, alguns são muito mais rigorosos que outros. Isso leva a uma retenção.

²³ O Prof. Luis César Passoni se refere ao atual Coordenador do Curso de Licenciatura em Química da UENF, Prof. Rodrigo Oliveira.

Neste sentido, Vianna, Aydos e Siqueira (1997, p. 213) enumeraram algumas dificuldades encontradas por estudantes de cursos noturnos e que também são a causa dos baixos rendimentos escolares, como o cansaço pelo trabalho diário, a má alimentação, falta de tempo pra estudar, currículos inadequados e falta de apoio administrativo. Segundo ele, as dificuldades enfrentadas pelos alunos no curso ocasionam reprovações em disciplinas, mas que também podem estar relacionadas com as deficiências do aluno em determinados conteúdos do ensino médio.

No Curso de Licenciatura em Química da UENF, as dificuldades do aluno podem estar relacionadas à formação deficiente no ensino médio, devido ao grande número de alunos oriundos do sistema público de ensino. Sobre este assunto, o Prof. Passoni destaca que os alunos do curso apresentam dificuldade nas disciplinas Português e Matemática, conforme revela no seu depoimento:

Eu diria pra você que é muito preocupante a falta de domínio em disciplinas básicas como Português e Matemática. Então a gente tem aqui as disciplinas experimentais. São disciplinas em que são feitos relatórios escritos, onde a pessoa descreve o experimento que ela fez. A gente percebe nesses relatórios muita dificuldade, ou mesmo quando a prova é discursiva, nossas provas costumam ser discursivas, quando o aluno tem que escrever alguma coisa, a gente percebe muita dificuldade com Português. Outra dificuldade que a gente percebe é com a Matemática. Por exemplo, a regrinha de três é algo que a gente usa muito na Química, mas essa questão da regrinha de três também é uma deficiência e é coisa de ensino médio porque o Cálculo aqui na UENF deveria vir na frente da Matemática básica, e a gente percebe a deficiência da Matemática básica [...]

A partir do que foi relatado pelo Prof. Passoni e para adotar o mesmo critério dos outros cursos que estamos abordando, investigamos as disciplinas que mais reprovam no primeiro ano do curso, por ser este o período de maior evasão discente. Assim, as disciplinas Cálculo Diferencial e Integral I e Química Geral I apresentaram maiores índices de reprovação entre os alunos evadidos do curso e essas disciplinas estão entre as que mais reprovam no curso, segundo levantamento da Secretaria Acadêmica.

Com este levantamento de disciplinas cursadas e oferecidas no primeiro semestre de 2007, a disciplina Química Geral I teve 86 alunos matriculados e 35 foram reprovados, acusando um índice de reprovação, na ordem de 40,70%. Com relação ao evadidos, encontramos 22 reprovações em Cálculo Diferencial e Integral I

e 21 reprovações em Química Geral I. Consideramos este número significativo, por não considerar os alunos que evadem antes de completarem o primeiro semestre no curso e por isso nos seus históricos escolares não constam notas em nenhuma disciplina. Nesse sentido, é importante detectar as disciplinas que mais reprovam no curso pode orientar a implementação de ações que reduzam as reprovações nessas disciplinas.

Perguntamos então ao Prof. Luis César Passoni, o que vem sendo feito para auxiliar o aluno em suas deficiências acadêmicas e ele respondeu que no curso utiliza-se a Monitoria, porém, logo após, complementou dizendo: “*com a monitoria, a gente tem uma dificuldade. Nós não encontramos monitores*” e acrescenta ainda que a pouca utilização da Monitoria no curso, inibe a solicitação de mais vagas deste Programa. Ressaltou também que na UENF, embora o valor da bolsa de monitoria seja similar ao da bolsa de iniciação científica, os alunos optam pela segunda por acharem que esta última confere mais *status*.

A mesma constatação, em relação à procura pela Bolsa de Monitoria também foi mencionada pelo ex-coordenador do Curso de Licenciatura em Física. Fica evidenciado, portanto, que na UENF existe a cultura de valorização das atividades de pesquisa e como a bolsa de iniciação científica está vinculada a essas atividades, passa então a ser considerada de maior *status* na UENF.

Levando-se em consideração que o aluno no curso pode passar por três situações diversas, ou seja, ou ele conclui, ou evade, ou então, permanece prolongadamente no curso, a partir dos dados de conclusão dos cursos de licenciatura em 2006 e 2007, verificamos que entre os 26 alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Química, em 2003, apenas 10 alunos se graduaram, após decorridos 04 anos de permanência no curso e 05 estudantes concluíram o curso, após permanecerem 05 anos no curso. Entre o total de estudantes matriculados em 2003, verificamos que 08 evadiram do curso. Em 2004, dos 32 alunos que se matricularam na Licenciatura em Química, 14 concluíram o curso, sendo que destes, 11 discentes concluíram o curso no tempo regular de 04 anos e 03 estudantes permaneceram mais de 04 anos no curso até se formarem. Apuramos que do total dos estudantes matriculados em 2004, 13 alunos evadiram do curso.

Os dados revelam que os Cursos de Licenciatura em Química nas diferentes IES, apresentam um reduzido número de alunos que concluem o curso. Na UFC, o estudo de Mazzetto & Carneiro (2001, p. 1207) revelou o reduzido número de alunos

que concluem o Curso de Licenciatura em Química, pois dos 49 alunos ingressantes entre 1995 e 1996, apenas 7 se graduaram, dentro do prazo de 4 anos, indicando uma baixa terminalidade dos estudantes que conseguem integralizar o curso em tempo regular, os demais ficam retidos no curso ou então, evadem. Segundo esses autores, os alunos que concluem o curso são os que exercem atividade profissional de docência e tiveram maior empenho para terminarem o curso, ou então, esperam que o curso lhes abra uma possibilidade de conseguir trabalho.

Na UEL, a taxa de terminalidade no Curso de Licenciatura em Química também foi considerada baixa, com percentual de apenas 49,70%, enquanto o Bacharelado em Química apresentou um maior percentual de alunos concluintes, na ordem de 81,50% (Arruda et al., 2006, p. 428). No mesmo estudo os autores consideram que a permanência do aluno no curso, vai depender se o aluno vai ou não gostar do processo de aprendizado que envolve a disciplina de Química ou então se está disposto a investir neste aprendizado.

Depois de discorrer sobre a evasão nos quatro Cursos de Licenciatura constatamos que a evasão na UENF é uma realidade. A evasão como ato muitas vezes silencioso do aluno, pode ser reveladora de uma realidade que tentamos descobrir. No capítulo seguinte ao dar voz ao aluno evadido, esperamos compreender melhor este assunto.

4. Apresentação e análise dos resultados: a evasão na percepção do aluno evadido

Neste capítulo serão apresentados os resultados deste estudo, abordando separadamente cada um dos Cursos de Licenciatura em Biologia, Física, Matemática e Química, por entendermos que desta forma chegaremos a uma melhor compreensão da evasão, a partir dos dados coletados, respeitando a especificidade de cada um dos cursos.

Nesse sentido é central para este trabalho investigar as possíveis causas da evasão discente, mesmo sabendo que analisar a evasão, exige considerar a complexidade que envolve este tema. No entanto, para descobrir os motivos que levam à evasão discente nos cursos de Licenciatura da UENF, nada mais esclarecedor do que saber o pensamento dos alunos evadidos, sua opinião sobre a evasão e como eles constroem sua trajetória na universidade até evadirem, por serem eles os sujeitos que foram diretamente afetados, ao desistirem do curso no qual estavam matriculados.

As experiências trazidas pelos alunos nas entrevistas expressaram aspectos importantes sobre a trajetória acadêmica de cada um deles e deixavam clara a relevância de articular a evasão com o que foi vivenciado por eles, enquanto permaneceram no curso.

Abordaremos alguns itens, comuns a todos os cursos para melhor compreensão da evasão e verificaremos as semelhanças entre as licenciaturas aqui abordadas. Para isso, elaboramos o perfil do aluno evadido, acrescentando, a trajetória acadêmica do aluno após evadir da UENF e procuramos saber os motivos da escolha do curso, a expectativa com o curso e/ou Universidade, o que ocorreu com os ex-alunos durante sua vivência universitária, abordando neste item o desempenho acadêmico do discente, a relação com os docentes, as principais dificuldades enfrentadas. Após essa investigação, conheceremos as causas da evasão, segundo a opinião do aluno evadido, e posteriormente passaremos a abordagem da integração com colegas do curso e com servidores da UENF, a opinião dos entrevistados sobre a estrutura universitária e por fim, a opinião dos familiares com a evasão. A saída do aluno da Universidade ganha voz, para responder à pergunta central deste estudo: Por que os alunos evadem?

4.1. O Curso de Licenciatura em Biologia

Introdução à apresentação dos alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Biologia, escolhidos aleatoriamente e disponíveis para a entrevista, que serão apresentados individualmente, a seguir, de forma a auxiliar o entendimento de suas respostas às questões formuladas. A participação exclusiva de mulheres nas entrevistas no Curso de Licenciatura em Biologia, mesmo não tendo sido intencional, resulta do grande contingente feminino que constitui a maioria dos alunos evadidos do curso.

Sobre a questão de gênero na Biologia, Osada & Costa (2006, p. 289) apontam que essa área é considerada “*equitativa do ponto de vista do gênero, e se avaliada pela participação de alunos e alunas na graduação e na pós-graduação, a carreira poderia ser considerada feminina*”.

Do sexo feminino temos ABL, solteira, de Campos dos Goytacazes. Ela reside em imóvel próprio com três pessoas e destas, duas contribuem para a renda familiar que é superior a cinco salários mínimos. Até o momento da entrevista, trabalha como servidora pública municipal, desde 1999, com a carga horária de 40 horas semanais. Seus rendimentos mensais estão na faixa entre dois e quatro salários mínimos. É filha de pais analfabetos, sendo a sua mãe dona de casa e o seu pai, cozinheiro de um estabelecimento comercial.

Após concluir o ensino médio no ano de 1992, em escola pública estadual, ingressou na UENF por vestibular, em 1999, quando tinha 27 anos, permanecendo no curso por doze semestres. Foi desligada do curso, em 2007, por jubramento, devido à reprovação por média e frequência em todas as disciplinas que cursava no semestre. Reprovada mais de uma vez na disciplina Bioquímica Geral, Biologia dos Vegetais Inferiores e mais de três vezes em Fisiologia Vegetal. As reprovações nesta última disciplina, resultaram no seu desligamento da UENF. Após evadir, ingressou em uma IES particular. Sobre isso, ela disse: “*eu faço Biologia na UNIVERSO²⁴ e me formo agora, no final de 2008. Eu aproveitei muitas disciplinas que eu fiz na UENF.*”

Outra aluna entrevistada foi EBG, do sexo feminino. Solteira, reside em Campos dos Goytacazes e mora com seus pais. Sua família é composta por cinco

²⁴ A Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) é uma instituição particular de Ensino Superior.

peças e apenas duas contribuem para a renda familiar que pertence a faixa de dois a quatro salários mínimos e enquanto estudava na UENF, não exercia atividade remunerada. Atualmente possui bolsa de trabalho de quinze horas semanais, com remuneração de meio salário mínimo. Sua mãe possui o terceiro grau completo e é professora estadual. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto e é motorista.

Em 2005, concluiu o ensino médio em uma escola pública estadual e aos 18 anos, ingressou na UENF, por vestibular. Permaneceu na UENF por dois períodos, obtendo reprovação nas disciplinas Química Geral I e Bioquímica Geral. Após o término do primeiro semestre no curso, trancou matrícula e não retornou para a UENF, abandonando o curso. Sobre sua trajetória acadêmica, após evadir da UENF, ela revela: “*agora eu faço Geografia no CEFET*”²⁵.

O terceiro perfil apresentado é o de GRL, sexo feminino, solteira. Moradora da cidade do Rio de Janeiro, bairro de Nilópolis. Enquanto estudava na UENF, dividia apartamento com outras estudantes e não trabalhava. Disse que recebe auxílio financeiro referente à pensão do pai, já falecido, no valor inferior a um salário mínimo, mas que ajudou a custear as suas despesas em Campos. A sua família é composta por quatro pessoas, mas apenas uma contribui para a renda familiar, que está na faixa entre dois e quatro salários mínimos. A escolaridade de sua mãe é o ensino médio completo e é dona de casa e o seu pai possuía o ensino fundamental completo e era servidor público federal.

Ela fez o ensino médio em uma instituição particular de ensino e em 2005, quando ainda tinha 17 anos, ingressou na UENF, por vestibular, mas não concluiu o primeiro semestre do curso e por isso, consta no seu histórico escolar, reprovações por média e frequência em todas as disciplinas. Evadiu por aplicação de normas institucionais, sendo desligada do curso. Quando foi perguntada se ingressou em uma outra IES, respondeu: “*eu estou fazendo Fonoaudiologia na UFRJ*”²⁶.

Ainda mostrando outra representante do sexo feminino, temos QGM, sexo feminino, casada e não possui filhos. Mora em Campos dos Goytacazes e duas pessoas compõem sua família. Todos contribuem para a renda familiar que está na faixa de dois a quatro salários mínimos. Trabalha desde 2001, como servidora pública municipal, contratada pela Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes,

²⁵ O Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) é uma instituição pública de ensino médio e superior.

²⁶ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

com a carga horária de trinta horas semanais, recebendo rendimentos mensais de um salário mínimo. A escolaridade de sua mãe é o ensino fundamental incompleto e do seu pai, o ensino médio completo. Sua mãe é dona de casa e seu pai, contador.

Em 2000 concluiu o ensino médio em instituição de ensino pública estadual e passou a estudar em uma instituição particular de ensino superior de Campos dos Goytacazes, quando ingressou na UENF, em 2003, no processo seletivo de transferência externa e por isso, obteve isenção de algumas disciplinas já cursadas. Permaneceu no curso por sete semestres, mas em sua trajetória acadêmica, trancou a disciplina Genética Básica e teve mais de uma reprovação nas disciplinas: Bioquímica Geral, Biologia dos Vegetais inferiores, Biologia Celular II e Anatomia Vegetal. No segundo semestre de 2006, solicitou transferência para a universidade de origem, evadindo da UENF, por iniciativa própria. No comentário feito pela ex-aluna sobre o ingresso em outra IES ela falou que *“eu fui pra UNIVERSO e não me arrependi não. Graças a Deus, terminei a faculdade. Fiz Biologia”*.

Demonstrando a maioria de representantes do sexo feminino entre os alunos da Licenciatura em Biologia, temos VSM, sexo feminino, solteira, residente na cidade do Rio de Janeiro, bairro de Vila Isabel. No período em que estudava na UENF, não trabalhava e em Campos dividia moradia com outras estudantes. No Rio de Janeiro, mora em casa própria. Sua família é composta de cinco pessoas, sendo que dessas, duas contribuem para a renda familiar que é superior a cinco salários mínimos. A sua mãe possui o ensino médio completo e trabalha como servidora pública estadual como professora. Seu pai possui o ensino médio completo e é comerciante.

Fez o ensino médio em uma instituição particular, concluído em 2004 e ingressou na UENF em 2005 por vestibular, com 19 anos, mas não terminou o primeiro semestre letivo. Evadiu por aplicação de normas institucionais, tendo sido desligada do curso por ter sido reprovada por média e frequência em todas as disciplinas nas quais estava matriculada. A sua trajetória acadêmica após a saída da UENF foi retratada pelo seguinte comentário: *“eu passei na UNIRIO²⁷ e estou fazendo Enfermagem”*.

Nota-se, portanto, que as alunas que evadiram do Curso de Licenciatura em Biologia são solteiras, três delas residem em Campos, tendo concluído o ensino

²⁷ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO)

médio na rede pública estadual de ensino e duas evadidas moram no Rio de Janeiro e concluíram o ensino médio em escola particular e tiveram diferentes trajetórias acadêmicas na UENF.

A escolha do Curso

Durante as entrevistas com os alunos evadidos um dos momentos mais esclarecedores foi saber das circunstâncias em que a escolha do curso foi realizada, por entendermos que o aluno quando está satisfeito com o curso, tem mais chance de permanecer nele e, portanto, uma menor chance de evadir. Com as respostas dos entrevistados, notamos a diversificação dos motivos que levaram o aluno a escolher o curso e que são de fundamental importância para a compreensão da evasão. Quando o estudante escolhe uma profissão a seguir, ele imagina o que vai fazer no seu dia a dia, mas geralmente a escolha do curso é feita muito cedo, enquanto o jovem ainda não tem maturidade para escolher a profissão que vai seguir para o resto de sua vida e assim, a escolha profissional é permeada por momentos de angústia e estresse (Castilho & Maximino, 2006, p. 44).

Nas respostas dos entrevistados, a identificação pessoal com a disciplina Biologia foi apontada por alguns alunos, como justificativa para a escolha do curso. Dessa forma, nos parece que ao escolherem o curso de Licenciatura em Biologia, vislumbravam a possibilidade de obterem êxito, por gostarem da disciplina e por acreditarem que também gostariam do curso. O entrevistado ABL, disse: *“eu sempre me interessei pela área de Ciências Biológicas”*.

Da mesma forma, outro entrevistado, GRL, menciona: *“o que me levou a escolher o curso foi porque eu sempre gostei muito de Biologia”*, embora afirme que tentou vestibular para outras instituições, nos cursos de bacharelado e declara que: *“Eu tentei vestibular pra UFRJ, pra Biologia e pra Rural²⁸, pra Engenharia Florestal, mas fui fazer UENF”*. O relato deste entrevistado sugere que sua opção pela licenciatura foi devido a sua não aprovação para um curso de bacharelado. Situação similar foi a vivenciada pelo entrevistado VSM que tentou vestibular para outras Universidades, mas a facilidade de acesso ao curso o influenciou na sua escolha: *“eu escolhi Biologia porque era fácil passar no vestibular, mas eu tentei pra outras*

²⁸ A entrevistada refere-se à Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Universidades também, federal e estadual”.

A influência do professor do ensino médio também aparece como um dos motivos para a escolha do curso. Segundo Brito (2007, p. 430), nas respostas de 11% dos estudantes da amostra estudada por ele, a escolha profissional foi influenciada por um “*professor exemplar*” do ensino médio. A entrevistada EBG, recorda em sua fala, dos bons exemplos de alguns professores do ensino médio que influenciaram sua escolha pelo curso de Licenciatura em Biologia. Assim ela expôs:

No meu segundo grau eu sempre gostava muito de biologia, sempre gostei. Eu tive bons professores, mas eu estudei em escola pública. É difícil você ter professores bons em escola pública. Os de biologia foram. Eu tive sempre sorte de ter bons professores e eu sempre tive vontade de fazer licenciatura. Eu fiz três vestibulares. Passei nos três. Depois saiu o resultado da UENF e fui pra lá (EBG).

Outro motivo apresentado foi o da entrevistada QGM, ao dizer que sua opção pelo curso foi: “*por lidar com animais, vegetais, vida*”, mas citou que tentou vestibular para outras IES e sobre isso, ela disse: *Eu tentei vestibular pra UNIVERSO, pra, Biologia, tentei faculdade de Direito, passei, mas só fiz matrícula na UENF.* Com as respostas dos evadidos, não percebemos interesse dos alunos em se tornarem professores.

Perguntamos aos ex-alunos, o motivo da sua opção pela UENF. Alguns desses alunos disseram que reconhecem a UENF como uma boa Universidade e também que “*a UENF é uma universidade renomada*” (EBG), enquanto a entrevistada ABL disse: “*eu queria fazer UENF porque é uma universidade bem falada. O ensino na UENF é bom*”. Essas foram as respostas dos alunos que residem em Campos e podem ser resultado da boa reputação da UENF, na região em que está inserida. No entanto, nenhum dos entrevistados mencionou que buscaram informações sobre o curso que pudesse auxiliá-los em sua decisão para a escolha do curso.

Da mesma forma, na UFC, 40% dos evadidos escolheram o curso de graduação sem ter qualquer informação sobre o mesmo, ou seja, “*deixando totalmente ao acaso o acerto na eleição de sua futura profissão*” (Andriola et al., 2006, p. 369). A falta de informação sobre o curso e a instituição pode ser responsável pela decepção do aluno, levando-o a evadir.

Expectativa com curso e com a UENF

Ao ingressar na universidade, o aluno cria expectativas em relação ao curso e à vida universitária. Segundo Pachane (1998, p. 27), as expectativas transformam-se em “alegrias” quando o aluno, ao ingressar no ensino superior, descobre que a idéia que ele tem da Universidade, se confirma. Este foi o caso do entrevistado QGM, ao admitir que: “*melhorou, mas quando a gente entra na faculdade pública, a gente tem uma visão, quando chega lá, é totalmente diferente*”. Já a entrevistada VSM, em relação a sua expectativa com o curso e a UENF, revela que: “*foi boa*”.

Por outro lado, percebemos que algumas expectativas criadas antes do ingresso no curso, não estão de acordo com a realidade observada e dessa forma, os alunos podem ficar desmotivados. Foi o que ocorreu com a entrevistada GRL que, ao se sentir menos realizada no curso, admite: “*fiquei chateada porque era um período pós-greve e atrasou o semestre. [...] teve professor que não ia dar aula, que saíam cedo e depois queriam correr com a matéria*”.

Na UFC, os docentes opinaram sobre algumas ações que poderiam combater a evasão e entre elas, encontra-se “*Tornar as aulas mais interessantes e unir teoria e prática*” (Andriola, 2006, p. 377). Neste sentido, a entrevistada ABL revela que a partir de sua experiência pessoal, considerou a prática mais motivadora e após ingressar no curso, desmotivou-se :

No início eu achei que não era bem o que eu queria. Eu tinha feito estágio na UENF, no laboratório de Ciências Ambientais e tinha gostado. Quando eu fui fazer o curso, achei bem diferente da prática. Não era muito aquilo que eu vi no laboratório (ABL).

Acreditamos que uma investigação acurada do curso deve ser feita quando o aluno não está seguro de sua opção ou por não ter as informações necessárias que possam auxiliar na escolha profissional do estudante, contribuindo para que não haja conflito entre as expectativas criadas antes do ingresso na universidade e as experiências que vai vivenciar após a sua entrada na instituição. Desta forma, mudanças nas expectativas dos alunos podem levá-los a evadirem da universidade.

Vivência universitária

Os jovens quando entram na Universidade são confrontados com estímulos e desafios. Desta forma, entende-se que a relação entre professor e aluno pode ser um fator de motivação dos estudantes, em relação ao curso. A motivação surge na medida em que os professores, mantendo um ambiente colaborativo com os alunos, de troca de idéias, orientando o discente em relação ao curso e à profissão escolhida, criam um ambiente de respeito e confiança, fazendo com que esses alunos se sintam “*felizes*” e “*menos perdidos*” (Silva, Manier e Passos, 2006, p. 270).

Por isso, é de fundamental importância analisar a percepção dos estudantes a respeito do trabalho desenvolvido pelos docentes do curso. Assim como as práticas docentes podem estimular o aluno no processo de ensino-aprendizagem, também podem desmotivá-lo. Quando analisam os docentes, os entrevistados do Curso de Licenciatura em Biologia consideraram que:

Os professores são bons, mas faltava didática e interesse. Alguns ajudavam o aluno, mas a maioria não tinha interesse em ajudar não. [...] Os alunos que estudam à noite, muitos trabalham e eles querem cobrar desempenho igual aos alunos que vivem no laboratório e que não trabalham. Não pode cobrar o mesmo desempenho. Os alunos que trabalham não podem ficar no laboratório direto. Os professores acham que todos devem ficar (ABL).

São professores muito secos. Parece que estudar é tudo. [...] Só querem que a gente tenha tempo “pra” UENF e a realidade não é essa. Eles não tinham paciência pra explicar, mandava a gente pegar um livro. [...]. Pra você ter uma idéia, tem uns pesquisadores na UENF que eles sabiam tanto, tanto, mas não sabiam passar a matéria (QGM).

Um fato que nos chama a atenção são os depoimentos dos ex-alunos que trabalham. As suas falas nos mostram que o aluno trabalhador requer do professor tratamento diferenciado, por não poder dedicar-se integralmente aos estudos. Alguns estudantes se sentem excluídos de algumas atividades na Universidade, pela indisponibilidade de tempo devido ao trabalho. Neste caso, o trabalho traz uma série de limitações ao aluno “*que permanece numa luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer*” (Zago, 2006, p. 235). Tanto é assim que a entrevistada QGM lembra que “*eles davam mais atenção pra quem é exclusivo da UENF*”, se referindo aos alunos que não trabalham e por isso, podiam frequentar bibliotecas e laboratórios, no período em que não tinham aula, dedicando uma maior

parte do seu tempo aos estudos. Mas por outro lado, para receber essa “atenção” do professor, o aluno deve procurá-lo e podemos supor que isso nem sempre ocorre, conforme destaca a entrevistada EBG: “os professores atendem bem os alunos, mas eu não procurava muito por eles”. Já a entrevistada VSM revela a disponibilidade dos professores para atenderem os alunos: “os professores são bons, atendem a gente bem. A gente podia tirar dúvidas com eles”.

Segundo a entrevistada QGM, uma das dificuldades que enfrentou no curso foi entender o conteúdo ministrado em sala de aula, com material didático na língua inglesa e lembra que “*tinha uma pessoa que é peruana, dando aula de Genética. Genética já é difícil e a transparência era em inglês, a gente ficava assim ...* (a entrevistada ficou de boca aberta). De qualquer forma, não se pode omitir este fato, pois a instituição deve ficar atenta a certas práticas docentes, usadas com os estudantes. Cabe ao professor, criar um ambiente favorável à aprendizagem dos seus alunos. No entanto, percebemos na fala da entrevistada que isso não foi verificado.

Os argumentos dos ex-alunos que trabalham perpassam pela maior necessidade de terem mais tempo para os estudos, atribuindo o desempenho acadêmico pouco satisfatório, à falta de tempo. Este é o caso a entrevistada QGM quando diz que “*o meu desempenho acadêmico era razoável porque o tempo que eu tinha pra estudar era feriado, sábado à noite e domingo*”. Apesar de partilharem opiniões similares, a entrevistada ABL menciona que encontrou dificuldade em relação ao tempo para os estudos, associado à carência na sua formação, que a levou a ter dificuldade na tradução do material didático que estava em inglês e por isso, o seu desempenho acadêmico foi razoável:

Faltava tempo pro estudo. Tinha matéria que só tinha livro em inglês e a maioria do pessoal não tinha curso de inglês, ficava difícil. A gente recorria ao pessoal do bacharelado que traduzia os textos e a gente estudava. Não dava tempo nem pra estudar, ainda mais pra traduzir (ABL).

Para Unglaub (2003, p. 56), a motivação, faz com que o aluno utilize estratégias para conseguir um bom desempenho acadêmico, administrando e organizando melhor o seu tempo para os estudos. Em seu estudo, ele revela que durante as entrevistas com alunos de graduação, constatou que a motivação torna os alunos mais dispostos para o estudo e na preparação dos trabalhos, melhorando

o desempenho acadêmico. Na fala da entrevistada EBG, foi possível perceber que a falta de motivação com o curso influenciou negativamente o seu desempenho acadêmico:

Meu desempenho acadêmico era de médio pra ruim. Pelas minhas notas eram de médio pra ruim. Acho que pela minha não adequação ao curso, o curso não combinava comigo. Eu estudando era nota ruim, eu não estudando, notas ruins. No primeiro período eu tava mais animada, mas aí foi começando mais a parte da Biologia, aí mesmo que minhas notas eram ruins (EBG).

Por outro lado, os alunos evadidos GRL e VSM, quando disseram que suas notas eram boas, basearam-se nas suas percepções sobre a vida universitária relativa a apenas um período do semestre letivo, pois, quando observamos os históricos escolares desses alunos, verificamos que não havia notas em disciplinas.

A partir da análise dos históricos escolares dos alunos evadidos, verificamos algumas reprovações em disciplinas. Nesse sentido, o maior índice de reprovação foi encontrado na disciplina Bioquímica Geral I. Além desta, constam nos históricos escolares dos ex-alunos, reprovação nas disciplinas Química Geral I, Biologia dos Vegetais Inferiores, Fisiologia Vegetal e Genética Básica.

As dificuldades com disciplinas podem levar o aluno a solicitar o seu trancamento. Por este motivo, a entrevistada QGM, trancou a disciplina Genética Básica duas vezes, que segundo ela, foi em função da dificuldade em acompanhar o conteúdo dado em sala de aula. Disse ainda que já pensava em sair da UENF, quando tentou trancar sua matrícula: “[...] *tentei trancar. Eu tinha medo de ir pra uma faculdade particular e não ser o que eu queria, de não ser reconhecida pelo MEC, dos professores não serem bons [...]*”.

Quando analisamos os extratos da ex-aluna QGM, constatamos que em seis semestres, ela cursou menos de oito créditos mínimos obrigatórios em disciplinas na graduação²⁹ e mesmo fazendo poucas disciplinas, foi reprovada duas vezes em Biologia Celular II, Zoologia dos Invertebrados I, Bioquímica Geral e em Anatomia Vegetal. Na disciplina Bioestatística, teve uma reprovação. Sobre seu desempenho, ela disse que: “*os professores jogam muita responsabilidade em cima da gente*” (QGM). A ex-aluna se refere à necessidade de buscar informações, além daquelas

²⁹ Regulamentação do Art. 22 das Normas de Graduação que fixa em 08 (oito) o número mínimo de créditos que o aluno deve cursar em cada período letivo em que estiver matriculado. (2001)

dadas em sala de aula pelo professor, para poder atender às exigências do curso. Já a ex-aluna ABL, não utilizou trancamento da disciplina fisiologia Vegetal, mas foi reprovada quatro vezes nesta disciplina e jubitada da UENF. A aluna expressou sua dificuldade com a disciplina, dizendo: *“eu fiquei enrolada com Fisiologia Vegetal”* (ABL).

EBG efetuou o trancamento de matrícula, quando estava no terceiro semestre do curso, sendo reprovada em Química Geral I no primeiro semestre e em Bioquímica Geral, no segundo semestre. Sobre o motivo do trancamento de sua matrícula, a ex-aluna revela: *“eu fiz um trancamento de matrícula na UENF. Foi no terceiro período. Eu fui obrigada a fazer porque eu tinha perdido numa disciplina que era pré-requisito pra outra. Aí eu desisti e tranquei”* (EBG). As outras duas alunas que foram entrevistadas evadiram antes de completar um semestre no curso e por isso, não constam nos seus extratos escolares, as disciplinas cursadas na UENF.

Ao perguntarmos aos ex-alunos sobre o que poderia melhorar o seu desempenho acadêmico, a resposta que aparece com mais frequência e que está relacionada aos alunos que trabalham é terem mais tempo pra estudar, seguida da necessidade de estarem motivados com o curso, atribuindo a eles próprios, a possibilidade de melhorarem as suas notas, isentando os professores e a instituição deste processo.

Outro quesito que abordamos na vivência do aluno na Universidade relaciona-se à integração com os colegas na Universidade. O estudo de Pachane (1998, p. 97) identificou quais seriam os relacionamentos pessoais mais significativos e que marcam o crescimento pessoal desses alunos, após o ingresso na universidade. A maioria dos entrevistados (85%) atribuiu aos amigos, seguidos de pais e familiares e depois, professores e orientadores, como responsáveis por esse crescimento. Ainda segundo o autor, entre as razões apresentadas para a importância desses relacionamentos estão a ajuda ou apoio e proximidade ou facilidade de acesso a essas pessoas. Neste caso, os amigos são um apoio, no caso de necessidade.

Quando perguntados sobre a integração com colegas do curso, um aspecto que se destaca na resposta da maioria dos entrevistados, é o fato de encontrarem os colegas, somente nos horários de aula, conforme destaca ABL: *“eu não tinha contato fora da UENF não, só na aula mesmo”*. Notamos que apenas a entrevistada QGM menciona que: *“[...] às vezes eu ia à tarde lá na UENF, estudar com eles”*, se referindo a alguns colegas de curso, cujas amizades tiveram início no ensino médio.

Consideramos que o pouco tempo de vivência na Universidade, pois alguns alunos evadiram antes de completar um semestre na UENF, pode ter sido responsável pela pouca integração entre os alunos do curso. Como exemplo, temos a entrevistada VSM, ao dizer que: *“eu não conheci muita gente não”*.

Perguntamos aos alunos evadidos sobre algumas dificuldades encontradas por eles, enquanto estavam no curso, por entendermos que dessa forma, as respostas obtidas poderão nos auxiliar no entendimento da evasão. Desta maneira, os alunos de outras cidades citam os gastos financeiros como principais dificultadores para a permanência no curso, conforme depoimento da entrevistada GRL, ao esclarecer que *“a distância de casa e o gasto para ficar em Campos”*. Da mesma forma, VSM menciona que: *“a despesa, porque a UENF era longe de minha casa”*.

Outro fator que aparece nas falas das entrevistadas como dificuldade vivenciada em suas trajetórias acadêmicas é a relação entre professor/aluno, conforme a fala da entrevistada QGM, ao dizer que: *“a dificuldade é com os professores que não ajudam”*, enquanto ABL menciona: *“falta de tempo pra estudar e professor que não ajuda o aluno”*. É relevante considerar que as opiniões dessas alunas fazem parte da realidade do aluno que trabalha e estuda. Talvez por isso, solicitam tratamento diferenciado pelo professor e ao mencionarem *“falta de ajuda”* referem-se às exigências dos professores com os alunos, sendo eles trabalhadores ou não. Já a entrevistada EBG, ao falar sobre suas dificuldades durante o curso disse que: *“[...] foi a falta de estímulo com o curso”*.

Na opinião do Prof. Jorge Hudson Petretski, a relação entre professor e aluno, deve ser no sentido de orientar o aluno na busca do conhecimento. De acordo com ele, o professor deve desafiar este aluno a buscar constantemente o conhecimento, cumprindo com as exigências do curso. Nesse sentido, o professor vai mostrar ao aluno o caminho, mas o aluno é que vai trilhar este caminho, usando a orientação do professor de forma produtiva:

[...] O meu papel não é guiar ninguém do ponto A pro ponto B. É morder os calcanhares. Para os alunos, eu “tô” mais pra pastor alemão do que pra messias. [...] O papel da universidade é não atrapalhar muito o sujeito pra que ele possa florescer. Agora, não tem que deixar usar o orkut não, use o seu tempo de forma mais produtiva.

No que diz respeito à estrutura física da UENF, a maioria dos comentários foram favoráveis à instituição, com algumas críticas em relação à quantidade de livros disponíveis aos alunos, conforme comenta EBG: “as bibliotecas são muito boas, apesar de pecarem um pouco pela falta de exemplares atuais, mas atende bem o aluno”. De igual modo, opina QGM: “salas de aula, laboratório, biblioteca. Isso tudo na UENF é 10”. A entrevistada GRL comparou a UENF, uma Universidade mais “jovem” à UFRJ e sobre isso ela diz que: “na UENF era tudo muito novo. As salas eram novas, muito boas. Tudo organizado, limpo. Na UFRJ tem cheiro de mofo”. Outro comentário positivo da estrutura da UENF foi o de ABL: “laboratórios e bibliotecas são bons. Salas de aula também”. Percebe-se que os alunos de outras cidades reivindicam alguns serviços da instituição para minimizar o impacto dos gastos financeiros necessários para se manterem na Universidade, como é o caso de VSM que revela: “a estrutura da UENF é boa. Precisa de bandeirão e alojamento”.

Causas da Evasão

Um dos momentos mais importantes deste estudo foi buscar saber o que leva um estudante a evadir, após ingressar em uma Universidade pública. Por isso é de fundamental importância conhecermos a opinião do aluno evadido. Diante da multiplicidade de fatores envolvidos na evasão discente, a incompatibilidade entre a vida acadêmica, as exigências do mundo do trabalho e as dificuldades de ensino-aprendizagem, relacionados às características individuais dos estudantes, estão entre as prováveis causas da evasão discente (Relatório Final/Comissão, 1996, p. 116-117). Dois de nossos respondentes do Curso de Licenciatura em Biologia, evadiram da UENF, devido a essa combinação de fatores, como podemos observar nos depoimentos a seguir:

Eu não tinha muito tempo pra estudar por causa do trabalho. Eu perdi três vezes e ia ser jubilada³⁰. Os professores me disseram pra tentar novamente o vestibular e voltar pra fazer só essa disciplina. Eu pensei que não era isso que eu queria. Ia me atrasar muito. Decidi então sair da UENF e ir pra outra faculdade (ABL).

³⁰ Na UENF, os alunos reprovados mais de três vezes numa mesma disciplina, são jubilados da Universidade e tem o seu registro acadêmico cancelado, conforme regimento interno da Universidade. O aluno jubilado pode retornar a UENF, mediante realização de novo vestibular.

Foi a falta de tempo. Eu não consegui terminar por causa do meu serviço, porque emprego tá difícil aqui em Campos. Eu já estou há 7 anos trabalhando na prefeitura de Campos, como é que eu ia largar o meu emprego? Não dá. Eu vi que os professores não tinham paciência em explicar pra gente que trabalhava. Eles davam mais atenção pra quem era exclusivo na UENF, a quem só estudava na UENF e não trabalhava. Quem sai da faculdade é quem trabalha e quem fica na UENF é filho de papa!³¹ (QGM).

Deve-se considerar que quando o aluno deixa o curso por não dispor de tempo para suas atividades acadêmicas, geralmente é visto como responsável pela sua evasão. Porém, quando ele não consegue cumprir o que lhe é exigido pelo curso, nem sempre é por problemas pessoais, mas pode de um sistema de ensino, que parece distante da realidade desses estudantes. Neste caso, desconsidera-se a parcela de responsabilidade da estrutura do curso, que pode ser inadequada ao aluno-trabalhador (Ribeiro, 2005, p. 66). Outra causa da evasão apontada nas entrevistas e que também se refere às características individuais dos alunos, é o desencanto ou desmotivação com o curso, presente no depoimento da entrevistada EBG:

É a minha não adequação, acho que eu não me encontrei no curso. [...] o curso é muito bom, parece que dificuldade mesmo eu não tinha estímulo pra ir, não me achar no curso mesmo, essa era minha dificuldade, ter que ir, estudar, que eu não tinha estímulo pra fazer as coisas. Por não me achar no futuro fazendo aquilo. Eu tava fazendo Licenciatura. Então seria uma professora. O professor está a vida toda estudando aquilo. Então eu pensava até agora eu não consigo estudar, não gosto [...] Como eu vou passar a vida toda estudando uma coisa, que não me estimula? (EBG)

No último grupo de entrevistados do curso, os problemas financeiros, já apontados como dificultadores para a permanência no curso, influenciaram os alunos a evadirem. Dessa forma, a causa da evasão relaciona-se aos fatores externos às instituições (Relatório Final/Comissão, 1996, p. 122-123).

Eu dividia apartamento com 02 pessoas e a despesa ficava alta. A média de gastos era de R\$ 600,00 por mês. Ficava apertado. Eu vivo da pensão do meu pai (GRL).

Eu tinha que pagar aluguel, refeição. Eu dividia a casa com outras meninas e tinha dificuldade de ver quem ia fazer a comida e eu acabava comendo fora e isso elevava ainda mais as despesas. Se a UENF tivesse alojamento e bandeirão, melhoraria muito pro aluno que vem de fora (VSM).

³¹ Expressão usada pela entrevistada para se referir aos alunos que são mantidos pelos familiares, estudam e não trabalham.

Nota-se que as dificuldades apontadas pelos entrevistados nos seus depoimentos, são também os motivos da evasão. Geralmente, nos estudos sobre evasão discente, os aspectos financeiros aparecem relacionados ao pagamento das mensalidades nas IES particulares (Gaioso, 2005; Lima, 2006). Em nosso estudo, a mudança de cidade e a necessidade de adaptação a um diferente ritmo de vida para se manter na Universidade, implica para o estudante e sua família, maiores gastos financeiros. Neste caso, a renda da família pode ser determinante para a saída do estudante da instituição.

Opinião dos familiares sobre a evasão

A família pode influenciar os filhos no momento de tomarem alguma decisão sobre suas vidas, por isso, perguntamos aos alunos a opinião dos seus familiares em relação à saída da UENF. Notamos que, com alguns estudantes, essa opinião foi decisiva para que a evasão ocorresse principalmente com os ex-alunos que não residem em Campos dos Goytacazes, que ao ingressarem na UENF, tiveram que abandonar o convívio da família, os amigos e ainda fixar residência em outra cidade, que requer algum custo financeiro para custearem os seus estudos. As falas abaixo refletem a opinião dos familiares: Inserida nessa situação, GRL relata que: *“a minha mãe chorava toda vez que eu ia pra Campos e eu também chorava muito. Ela achou melhor eu ir pra casa. A despesa tava muito alta”*. Outra entrevistada, VSM também declara: *“Eles me apoiaram pra ficar em casa e fazer um curso aqui no Rio”*.

O depoimento da aluna EBG demonstra que houve discordância nas opiniões dos seus pais pelo reconhecimento da boa reputação da UENF e sobre sua saída, explica: *“meu pai falou que o que eu decidisse estava certo. Agora mamãe ..., ela não gostou muito da idéia, ainda mais porque a UENF tem um nome, uma universidade pública que é difícil de passar e eu passei”*, enquanto entrevistada QGM, obteve o apoio da família, após apresentar problemas de saúde, devido às exigências do curso, revela: *“olha, eles me apoiaram no final que eles viram que eu fiquei quase doida, tive depressão. Me apoiaram porque o apoio da família é muito importante”*.

Muitas vezes, as facilidades acadêmicas de algumas IES são um atrativo aos alunos, por serem menos exigentes, facilitando a permanência dos estudantes que

trabalham, mas não dispõem de muito tempo para se dedicarem aos estudos. Neste caso, vale até mesmo o pagamento de mensalidade em uma IES particular, para alcançar êxito e concluir o curso: *“Meus pais reclamaram porque a UENF é uma universidade pública e a UNIVERSO, eu tenho que pagar”*. A ex-aluna, após evadir da UENF, ingressou em uma IES particular. A entrevistada QGM, destaca que seja em uma IES pública ou particular, o que importa é conseguir concluir o curso, e relata:

Quando você passa em um concurso, não importa se você estudou na UENF ou estudou em faculdade particular. No caso o que vale é o seu esforço, o currículo ajuda, mas quando você passa no concurso não tem isso, não é a faculdade pública que vai te fazer um nome e fazer você um bom profissional. Antes, em Campos, não tinha UENF, entendeu? (QGM)

Durante as entrevistas, notamos que o apoio da família minimizou a responsabilidade que teriam que assumir, caso decidissem sozinhos, evadirem do curso.

Quando perguntamos sobre a possibilidade de retornarem a UENF, quatro entrevistados, num tom de dúvida, disseram que não sabiam, enquanto uma das entrevistadas fez o seguinte comentário: *“A UENF me deixou uma imagem boa. Você me trouxe hoje boas recordações da UENF. Quem sabe um dia eu volto pra UENF? (GRL)”*

4.2. O Curso de Licenciatura em Física

A caracterização do aluno evadido

Para caracterização dos alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Física, entrevistamos cinco pessoas. Curioso notar que todos são do sexo masculino. Não houve a intenção em conhecer somente a opinião dos homens sobre a evasão, mas podemos dizer que seguindo a tendência da masculinização dos Cursos de Física do Brasil, há prevalência dos homens no Curso de Licenciatura da UENF. No estudo do perfil dos alunos do Instituto de Física da UFRJ, ao constatarem o reduzido número de mulheres que ingressam no curso, Barroso & Falcão (2004, p. 7)

concluíram que “o curso é eminentemente masculino”.

O ex-aluno APA, sexo masculino, solteiro, trabalha como bancário, desde 2000, com carga horária de quarenta horas semanais e rendimentos mensais superiores a cinco salários mínimos. Na data da entrevista, estava trabalhando em uma agência bancária na cidade de Macaé, mas reside em São Fidélis, em imóvel próprio. Sua família é composta por cinco pessoas e três contribuem para a renda familiar. A renda da família é superior a cinco salários mínimos. Sua mãe cursou o ensino fundamental completo e é dona de casa. O seu pai possui ensino fundamental incompleto e é servidor público municipal.

Concluiu o ensino médio no ano de 2000 em instituição pública federal de ensino e em 2003, aos 20 anos, ingressou na UENF, permanecendo no curso por sete semestres. Obteve reprovação por média, mais de uma vez, nas disciplinas Química Geral I, Noções Básicas de Informática, Física Ondulatória e Eletricidade e Magnetismo. Trancou a disciplina Eletricidade e Magnetismo por um período. Evadiu por iniciativa própria, por abandono de curso. Na ocasião da entrevista, não havia retomado seus estudos ao ensino superior e nos disse que “*Eu continuo trabalhando em Macaé, trabalho na Caixa Econômica Federal*”.

Já o ex-aluno JDT, também do sexo masculino, solteiro, ingressou na UENF em 2005. Mora em Campos dos Goytacazes em imóvel próprio, com seus pais e mais dois irmãos, totalizando cinco pessoas, mas apenas duas contribuem para a renda familiar que está na faixa de dois e quatro salários mínimos. Sua mãe, dona de casa, possui pós-graduação. O seu pai tem o ensino médio completo e é servidor público estadual.

Concluiu o ensino médio em 2004, em uma instituição pública federal. No ano seguinte, em 2005, ingressou na UENF, aos 18 anos e enquanto estudava na UENF, não trabalhava. Na época da entrevista, possuía bolsa de trabalho, com carga horária semanal de doze horas, com rendimentos mensais de um salário mínimo. Enquanto estudava na UENF, cursou apenas um semestre letivo e foi reprovado na disciplina Química Geral I. Evadiu por iniciativa própria, por abandono do curso. Sobre sua trajetória acadêmica após evadir da UENF nos revela que: “*eu estou no último período. Eu faço Matemática no CEFET*”.

Também do sexo masculino, SSD é solteiro, servidor público estadual desde 2002 e recebe vencimentos mensais acima de cinco salários mínimos. Mora em Campos dos Goytacazes, em imóvel alugado, com sua mãe que possui o ensino

médio completo e é pensionista. Assim, são duas pessoas que contribuem para a renda familiar que é acima de cinco salários mínimos. O seu pai, já falecido, possuía o segundo grau técnico. Coursou o ensino médio em escola particular e concluiu o ensino médio em 1985.

Ingressou na UENF por transferência externa, em 2005, aos 35 anos e permaneceu no curso por dois semestres. Conseguiu ser dispensado de cursar a disciplina Noções Básicas de Informática e foi reprovado mais de uma vez em Cálculo Diferencial e Integral I. Desligado da UENF, no primeiro semestre de 2006, após aplicação das normas institucionais, por ter sido reprovado por média e frequência em todas as disciplinas do semestre. Após evadir da UENF, ele comenta que: *“estou tentando reingresso pra UENF, pro mesmo curso, só falta fazer a entrevista. Eu estou voltando”*.

Morador em Campos dos Goytacazes, TPS é do sexo masculino, solteiro e não trabalha. Reside com seus pais, em imóvel próprio, com mais quatro pessoas e destas, duas contribuem para a renda familiar que é superior a cinco salários mínimos. Sua mãe tem o 2º grau completo e é Técnica em Biblioteconomia e seu pai possui ensino fundamental incompleto e trabalha como operador de máquinas.

Ele fez o ensino médio em escola particular, tendo concluído em 2002. Não trabalhava quando ingressou na UENF em 2003, por vestibular. Em sua trajetória acadêmica, trancou a disciplina História e Filosofia da Ciência e foi reprovado nas disciplinas Noções Básicas de Informática, Cálculo Diferencial e Integral I e Química Geral I. Após concluir o primeiro semestre do curso, evadiu por iniciativa própria, por abandono do curso. Após evadir da UENF, ele disse que: *“eu passei no vestibular do ISECENSA³² e faço Engenharia de Produção”*.

Outro entrevistado é TSA, da cidade do Rio de Janeiro, mora no bairro de Jacarepaguá, do sexo masculino e solteiro. Mora com seus pais em residência própria. A renda da família é superior a cinco salários mínimos. Enquanto estava na UENF, não trabalhava e morava com outros estudantes. Na ocasião da entrevista, informou que possuía bolsa de trabalho com rendimentos mensais de um salário mínimo. A sua mãe tem o ensino médio completo e é servidora pública federal e o seu pai possui o ensino fundamental completo e é taxista.

³² ISECENSA Institutos Superiores do CENSA. Instituição de ensino superior privada de Campos

Este aluno concluiu o ensino médio em escola pública estadual, em 1998 e após 05 anos, em 2003, ingressou na UENF por vestibular, aos 21 anos, tendo permanecido na UENF por quatro semestres. Em sua trajetória acadêmica foi reprovado em apenas uma disciplina (Cálculo Diferencial e Integral II). Evadiu por iniciativa própria, pelo cancelamento de matrícula no segundo semestre de 2004 e não retornou a UENF e sobre sua trajetória acadêmica após ter evadido da UENF, ele nos diz que: “*eu agora faço Bacharelado em Física na UERJ*”³³.

A escolha do curso

A escolha do curso é o momento do aluno definir a sua vida profissional e muito embora a maioria dos estudos sobre evasão apresenta apenas dados quantitativos, algumas pesquisas realizam entrevistas com o aluno evadido. Foi utilizando esse instrumento de coleta de dados que Arruda & Ueno (2003, p. 165) encontraram os motivos que levaram o aluno, a ingressar no curso de Física da Universidade Estadual de Londrina, obtendo como respostas “*ser professor*”, “*prazer em fazer contas*” e “*curiosidade*”. Nota-se que o exercício da docência está presente na fala dos alunos.

Os entrevistados do curso de Licenciatura em Física da UENF revelaram que suas escolhas basearam-se no fato de gostarem da área de exatas. Segundo APA: “*eu gosto de Física e pensei em fazer uma faculdade nessa área*”, assim como, o entrevistado SSD, revela: “[...] *eu comecei a olhar pro curso de Física como uma opção porque tem um pouco a ver com a área de exatas*”. A identificação com a disciplina Física também está entre os motivos da escolha do curso, conforme a fala de JDT: “*foi ... digamos assim, uma identificação no ensino médio com a disciplina Física. Entre escolher aqui pra UENF, Física ou Matemática, eu preferi escolher Física*”. Também está presente na fala dos entrevistados, a influência do professor de Física do ensino médio para a escolha do curso, além da afinidade com a disciplina, como consta o depoimento de TSA: “*no ensino médio eu gostava de Física e do professor de Física e fiquei querendo fazer alguma coisa nessa área*”.

Essas respostas sugerem que as escolhas dos ex-alunos, basearam-se nas

³³ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

suas preferências. Mas, em alguns depoimentos, verificamos que alguns alunos, ingressaram no curso da UENF, que não era sua primeira opção, por não terem sido aprovados no curso escolhido como primeira opção. Isso fica evidente na fala do entrevistado TPS: *“eu fiz vestibular para o curso de Engenharia de Produção. Como não passei, fui fazer Licenciatura em Física”*. E no depoimento de APA: *“eu fiz pra UENF e pra UERJ, pra Engenharia e não passei”*.

Podemos depreender, a partir das respostas dos entrevistados que, apesar de terem mencionado o gosto e preferência pela Física, basearam-se também nas oportunidades de que dispunham para ingressar na Universidade. Destacamos que não encontramos nos depoimentos dos entrevistados o desejo de ser professor, embora tivessem optado por um curso de licenciatura. Este fato encontra-se presente na fala de SSD: *“eu optei por um curso de licenciatura, mas a idéia não é dar aula. Eu não pretendo dar aula por causa da baixa remuneração e do baixo prestígio do professor”*.

Até o momento das entrevistas, nenhum dos ex-alunos exercia alguma atividade relacionada à docência. Segundo o Prof. Roberto Weider de Assis Franco, o ideal seria, se os alunos ao se formarem nas Licenciaturas, assumissem atividades docentes, mas, segundo ele. *“são raros os alunos que acabam o curso e falam: vou acabar e vou dar aula. As pessoas vão dar aulas como bico, não porque é o trabalho que elas querem”*. Como exemplo, citou que na UENF, os alunos das licenciaturas, após concluírem a graduação, vão fazer pós-graduação em outra área que não é a de ensino.

Expectativa com o Curso e com a UENF

O ingresso no ambiente universitário traz muita expectativa para os alunos. O estudo de Teixeira et al. (2008, p. 187) demonstra que a visão equivocada do curso pode frustrar as expectativas criadas no momento anterior à entrada no ensino superior, pois, muitas vezes, cria-se uma visão idealizada do curso, que não ocorre na prática. Neste caso, segundo esses autores, o ingresso na Universidade pode se tornar *“uma experiência estressora”* para o aluno. Por isso, suas opiniões convergem para a necessidade de ampliar o conhecimento sobre como os estudantes enfrentam este momento.

Ao perguntarmos sobre as expectativas dos alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Física em relação ao curso e a UENF, as opiniões foram muito variadas. Algumas expectativas não foram condizentes com a realidade encontrada, como foi o caso da entrevistada TPS, ao revelar que: *“minha expectativa piorou porque faltavam professores pra determinadas disciplinas”*, enquanto o entrevistado SSD disse que não criou expectativa: *“tentei não criar expectativa. Você ouve muita coisa e nem sempre quem passa, passa a verdade. Então eu acho melhor você chegar e ver por si próprio”*. O entrevistado APA demonstrou satisfação com a Universidade, mas justificou sua saída do curso, afirmando que: *“eu gostei de estudar na UENF, mas infelizmente tive que parar por causa do trabalho”*. Já na fala do ex-aluno TSA percebemos que a falta de informação sobre o curso pode ter influenciado negativamente suas expectativas, quando descobre que o curso não era bem isso que ele queria: *“eu tinha ouvido falar da UENF, mas eu não procurei saber muita coisa da UENF não. Eu vi que tinha Licenciatura e fiz. Quando eu entrei, gostei muito da universidade e do curso, mas eu fiquei só três períodos no curso”*.

O entrevistado JDT demonstrou certa “frustração” com as exigências do curso e com certas práticas educativas utilizadas por alguns professores e revela:

Me deixou muito a desejar porque eu queria aprender do início, conceitos iniciais [...] Na época eu tinha Introdução à Física e eu achava que eu ia estudar introdução da física, mas o professor virou pra mim e falou assim: - a gente vai estudar toda física num semestre. A gente tinha que fazer todos os exercícios de vestibulares, todo o conteúdo de física. Aí eu fiquei desesperado, tinha que estudar mecânica, eletricidade, ondas, num semestre, entendeu? Isso desestimulava porque certos conceitos que a gente não aprendeu no ensino médio, a gente acabava não aprendendo. Eu fiquei muito descontente com essa metodologia de pressupor que eu já sabia. A grade aqui na UENF é muito científica, não é de uma formação de professor. Aqui eu sairia como físico e não como professor de física, entendeu? (JDT)

Percebe-se que o depoimento de JDT parece um desabafo de um estudante que passou pelo ensino médio sem grandes dificuldades, conforme menciona na entrevista, mas ao ingressar no ensino superior, supôs que não precisaria de maiores esforços para acompanhar o curso. Para ele fica difícil mostrar uma competência, que ele achava já ter revelado no ensino médio e aceitar suas dificuldades, reveladas com as exigências do curso.

Na opinião do Reitor da UENF, a Universidade requer do aluno certos pré-requisitos, como alguns conteúdos que deveriam ter sido dados no ensino médio. Disse que o aprendizado no ensino superior tem que ser diferente, para poder formar o profissional, que esteja apto a conviver com o grande volume de informação à disposição das pessoas na atualidade. Dessa forma, ainda segundo o Reitor, não se consegue passar conhecimento ao aluno usando a mesma ferramenta de dez anos atrás e relata que *“o aluno às vezes não entende, que quando a Universidade cria disciplinas de conhecimento prévio, de recuperação, gasta uns dois anos só pra recuperar o aluno”*. Concluímos com essa fala que o aluno tem que procurar se adaptar à vida na Universidade.

Há que se atentar, portanto, que não imaginamos em nenhum momento, a Universidade adotar conteúdos distintos para alunos que ingressam na Universidade com deficiência acadêmica em conteúdos que deveriam ser supridos no ensino médio, nem estamos defendendo o tratamento diferenciado para o aluno trabalhador, mas acreditamos que a Universidade, ao conhecer as dificuldades dos seus alunos possa criar mecanismos que os auxiliem na recuperação das suas deficiências acadêmicas.

Em relação ao aluno trabalhador, talvez possam ser criadas formas diferentes de trabalhar com a especificidade deste aluno, possibilitando que ele conclua o curso. Na UENF, o Programa de Monitoria, já mencionado neste estudo como um programa que pode ajudar a minimizar a evasão, oferece um recurso pedagógico disponível na instituição, podendo contribuir para reduzir as reprovações em disciplinas, auxiliando a suprir as deficiências formativas dos estudantes, melhorando o seu desempenho acadêmico.

Vivência universitária

Os caminhos que o aluno percorrerá na Universidade são permeados de desafios. Enquanto alguns alunos perseguem seus objetivos e superam os desafios, outros desmotivam-se perante os obstáculos e desistem dos seus objetivos construídos antes de ingressar no curso.

O ajustamento do aluno à Universidade depende de um conjunto de fatores, sendo que, para alguns alunos, é importante o papel do professor para sua adaptação à nova realidade no ambiente universitário. Dessa forma, no aspecto

acadêmico, a maneira de ensinar do professor pode fazer com que o aluno goste ou não do curso, enquanto no aspecto pessoal, a maneira do professor relacionar-se com os alunos pode estimular ou desestimular o estudante em relação ao curso (Teixeira et al., 2008, p. 198).

Sobre os docentes da UENF, alguns alunos foram limitados nas suas respostas, como APA, que menciona: “*eram capacitados e tinham um bom nível*”, enquanto TPS e TSA, apenas afirmaram que o desempenho docente era bom e SSD afirma: “*a maioria dos professores atendiam bem os alunos*”. Encontramos opinião divergente das demais no depoimento de JDT, ao revelar a dificuldade de diálogo e aproximação com os professores do curso e, conforme relata em seu depoimento passou por um constrangimento em sala de aula, resultado da prática docente de um professor. Sobre isso, ele explica:

Os únicos que se disponibilizavam a tirar dúvidas eram os contratados. Tive um professor que não tirou as minhas dúvidas e falou que ele não era professor, que era pesquisador. Tive problema com esse professor que deu uma equação no quadro e eu fui resolver. Quando eu acabei, ele disse na frente da turma que a minha resposta foi incoerente. Ele falou num tom de ofensa e eu não conhecia ninguém na turma, aí eu me senti ofendido. Falta o professor que explique a interpretação do problema e foi isso o problema primordial da universidade, não tinha ninguém que explicasse as nossas dúvidas, a gente tinha que correr atrás (JDT).

O Coordenador do Curso de Licenciatura em Física, Prof. Juraci Aparecido Sampaio revela que o aluno ao ingressar no ensino superior, deve se adaptar ao ambiente universitário e segundo ele, o aluno se adapta à vivência na Universidade à medida em que permanece no curso.

O aluno acha que simplesmente vai chegar na universidade e é como era antigamente lá no ensino médio. E daí ele vê que se ele não estudar ele não vai conseguir. Depois que ele passa do primeiro ano, ele .. com certeza ele vai saber correr atrás, porque o papel da universidade também é esse. É fazer com que o aluno tenha uma noção de como procurar as coisas, ele tem que saber procurar. A gente chega nas aulas e dá, a Mecânica Quântica, a gente vai deduzir a teoria, como se chegou naquela equação. Agora em casa ele tem que pegar aquela equação e usar a equação. Não sou eu chegar na sala de aula e falar a equação é essa, é assim que usa até ele aprender como ...até ele aprender o processo de aprendizagem científica que está envolvido, demora um tempo.

No que diz respeito à integração com os colegas universitários, “o estreitamento dos laços entre os estudantes permite o compartilhamento de

expectativas, interesses e problemas, facilitando a adaptação do aluno” (Teixeira, et. al., 2008, p.193).

Quando perguntados sobre o relacionamento com os colegas do curso, os alunos evadidos afirmaram que não havia fortes laços de amizade com outros estudantes, exceto os que tiveram a amizade iniciada ainda no ensino médio, conforme relata JDT:

Era bom, era bom. A minha turma já tinha conhecidos do ensino médio. Tinha um relacionamento fora. Estudávamos na biblioteca, na casa do colega. O pessoal que trabalhava, chegava na hora da aula e tinha que sair cedo. A gente não tinha tempo pra conversar com aqueles que trabalhavam. As pessoas que moram fora ficam mais tempo na Universidade porque não têm como ir embora cedo e você tem mais tempo pra conversar com elas. (JDT)

O entrevistado SSD discorre sobre a dificuldade de relacionamento no curso e diz: *“eu tinha um bom relacionamento com eles. Só que o pessoal é muito fechado. [...] a questão do entrosamento é muito difícil”*, enquanto TSA afirma que o contato com os colegas do curso era somente no ambiente universitário: *“era bom, mas era só no campus mesmo”*. Opinião similar foi a do entrevistado TPS ao mencionar que: *“era bom, mas era só na Universidade”*.

Segundo Teixeira et. al. (2008, p. 198) *“a inserção social do estudante possibilita construir um sentido partilhado acerca das suas experiências no curso, positivas e negativas, ajudando-o a desenvolver estratégias de ajustamento na universidade”*. Nesse sentido, a sensação de pertencer a um grupo e as amizades com as quais pode contar em caso de necessidade, ajudam o aluno no processo de adaptação na Universidade. A formação dos grupos de estudo é um exemplo de partilha de experiências, pois esses grupos são organizados de acordo com os laços de amizade já existentes. Sobre isso, assim expressa o ex-aluno: *“na hora de fazer as atividades em grupo, a gente já sabia qual era a dupla”* (JDT).

Após tratarmos da integração acadêmica, passamos à abordagem do desempenho acadêmico dos alunos, por pretendermos verificar a sua relação com a evasão. Na opinião do entrevistado APA, o seu desempenho acadêmico foi bom e disse que: *“[...] o trabalho não me atrapalhava”*. Apesar do seu depoimento favorável à sua atuação no curso, quando verificamos que ele teve reprovação em disciplinas, durante todos os semestres cursados e em alguns períodos, foi reprovado em até seis disciplinas diferentes, no quinto e sétimo período do curso.

O entrevistado JDT revela sobre seu desempenho acadêmico que: *“foi muito bom, com pendência em uma disciplina”*. O ex-aluno se refere à reprovação na disciplina Química Geral I, mas obteve êxito nas demais disciplinas cursadas durante o semestre em que permaneceu no curso.

Já o entrevistado SSD disse que por motivos pessoais, o seu desempenho no curso não foi satisfatório e menciona que: *“foi ruim. Porque foi um momento em que eu tava com dois problemas: primeiro eu estava apresentando uma série de problemas respiratórios. Depois fui obrigado a pedir licença pra acompanhar pessoa da família em tratamento médico”*. Quando verificamos o seu extrato escolar, verificamos que o ex-aluno não teve aprovação em nenhuma disciplina.

Ainda em relação ao desempenho acadêmico dos entrevistados, TPS revela que: *“tive reprovações por causa do desestímulo que senti no curso”*. Essa situação mencionada por ele é a mesma encontrada no seu extrato escolar, pois entre as seis disciplinas cursadas por ele, só foi aprovado em uma delas, enquanto o depoimento de TSA foi condizente com o verificado no seu extrato, pois durante os quatro semestres no curso, só foi reprovado em apenas uma disciplina e relata: *“meu desempenho acadêmico era bom. Eu estudava e dava pra acompanhar. Tinha umas matérias difíceis, mas dava pra passar.”*

No primeiro semestre do curso, a análise dos históricos escolares dos alunos entrevistados, evidencia um represamento na disciplina Química Geral I. Do total dos cinco alunos entrevistados no curso, quatro tiveram reprovação em Química Geral I e dois alunos foram reprovados em Cálculo Diferencial e Integral I. No segundo semestre do curso, os alunos que obtiveram reprovações no primeiro período cursaram mais uma vez as disciplinas Química Geral e Cálculo Diferencial e Integral I e mais uma vez, foram reprovados. A partir dessa análise fica evidente a retenção dos alunos no primeiro ano do curso, devido ao alto índice de reprovações em algumas disciplinas, que estão entre as que mais reprovam os alunos nas licenciaturas, segundo dados fornecidos pela Secretaria Acadêmica.

Ao observarmos os extratos escolares dos ex-alunos, percebemos que alguns deles efetuaram trancamento em algumas disciplinas. No primeiro semestre do curso, consta o trancamento de um dos entrevistados nas disciplinas História e Filosofia da Ciência e Laboratório de Química Geral I. As disciplinas Cálculo Integral e Diferencial II e Eletricidade e Magnetismo tiveram um trancamento em cada uma delas, feito por alunos distintos. Nas suas respostas, disseram que o trancamento foi

devido às dificuldades com as disciplinas, tanto de ordem acadêmica, como por impossibilidade de comparecer às aulas, devido ao trabalho.

Em relação ao trancamento de matrícula, encontramos depoimentos divergentes em dois alunos, que utilizaram este procedimento, mas que apresentaram diferentes intenções, em relação à continuidade do curso. Um dos alunos expôs: *“tranquei matrícula sim, só não lembro quando. Eu já estava pensando em sair da UENF”* (TSA). O outro aluno nos revela que: *“Eu saí uma vez da UENF, mas depois eu voltei. Eu queria fazer o curso”* (APA).

Quanto ao Programa de Bolsas da UENF, apenas um ex-aluno, inseriu-se na Bolsa de Apoio Acadêmico e segundo ele *“[...] usava o dinheiro da bolsa pra pagar as despesas”* (TSA). Faz-se necessário esclarecer que o Programa de Bolsas da UENF destina-se aos alunos que não possuem renda. Deste modo, os alunos trabalham ficam impedidos de solicitar bolsa de trabalho na UENF. Destacamos que dois entrevistados, disseram que não tiveram interesse em participar do Programa de Bolsa, pelo baixo valor pago.

A nosso ver, conhecer as principais dificuldades encontradas pelos ex-alunos durante o curso pode ajudar a compreender os motivos da evasão. Entendemos que a superação dessas dificuldades pode estar relacionada ao grau de motivação do estudante, com o curso e com a instituição.

Almeida et al. (2006, p. 509) no seu estudo na Universidade do Minho (Portugal), detectou como principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, as relacionadas com a dificuldade de aprendizagem e as de relacionamento com os colegas. Em menor grau, aparecem as dificuldades econômicas, com professores e com as tarefas do curso.

Entre os entrevistados desta pesquisa, de acordo com a fala de TSA, suas dificuldades com o curso foram poucas: *“não tive muita dificuldade não”*. O entrevistado TPS afirma que sua principal dificuldade foi em relação à aprendizagem, devido à falta de base do ensino médio referente a alguns conteúdos: *“o curso exige um segundo grau bem feito e você deve ter uma boa base em Cálculo, Matemática e Química”*, enquanto APA disse que: *“a maior dificuldade era a falta de tempo por causa do trabalho”*.

O ex-aluno SSD menciona que, quando o aluno ingressa na Universidade, vivencia o choque entre a nova realidade e o que ele vivenciou no ensino médio:

A dificuldade que eu mais tive como aluno foi a concentração de disciplinas pesadas no primeiro semestre e a lacuna que existe entre o segundo grau e a universidade. Você sai de um segundo grau que é um mundo e chega na universidade, você encontra com outro mundo (SSD).

O ex-aluno JDT disse que sua principal dificuldade com o curso foi com os professores. Segundo ele foi “a falta de ter professor em sala de aula”. Dessa forma, entende-se com a sua fala, a falta de proximidade com o professor, ou ainda, alguém a quem o aluno possa recorrer, caso precise para auxiliar nas suas dificuldades acadêmicas. E complementa dizendo:

A gente tinha que fazer muito exercício em casa. [...] A dificuldade de um professor que explique a ele (se referindo ao aluno) a interpretação daquele problema e foi isso exatamente o problema primordial da universidade. Não tinha ninguém que explicasse as nossas dúvidas, a gente tinha que correr atrás (JDT).

Outro fato que podemos considerar é que existe uma cultura estabelecida de que as informações recebidas pelos alunos em sala de aula devem ser facilitadas pelo professor. O aluno chega a Universidade, habituado às aulas expositivas do ensino médio e encontra dificuldade com a postura do professor universitário, mais crítica, mais questionadora, levando o aluno a buscar conhecimento, além do que é dado em sala de aula. Desta forma, entendemos que o aluno não trabalha com autonomia na busca do conhecimento, esperando que o professor possa lhe suprir com as informações das quais necessita.

Na percepção do Prof. Juraci não existe esse distanciamento entre professor e aluno, conforme menciona JDT, mas há sim, um maior contato entre eles. Segundo o Coordenador, essa aproximação é facilitada pelo pequeno número de alunos do Curso de Licenciatura em Física e que ao contrário de Universidades com grande número de alunos, na UENF, o contato dos discentes pode ser feito diretamente com o professor e comenta: “Aqui na UENF, a gente tem um contato maior com os alunos. Eu sempre falo com nossos alunos: aluno você tem que procurar, não tem que ter receio do professor”.

Quanto à estrutura universitária da UENF, os ex-alunos teceram comentários bem diversos. Alguns deles gostaram da estrutura física da instituição. Na opinião dos entrevistados, APA disse que a estrutura da UENF “é muito boa”, da mesma forma que TPS, ao dizer que: “a biblioteca é boa, eu ainda uso a biblioteca da UENF. Já TSA inicialmente fez um comentário positivo: “eu achei boa, as salas de

aula eram boas, os laboratórios também“ e a seguir, comentou sobre a falta de livros nas bibliotecas. Comentário similar fez SSD: *“a biblioteca atende, mas às vezes faltam alguns exemplares de algumas matérias”*. O entrevistado JDT fez algumas críticas referentes à falta de material para o professor dar aulas, a um sistema informatizado nas bibliotecas e à carência de pessoas para dar suporte aos alunos. Segundo o ex-aluno:

Sala de aula, boa, mas falta material. O giz, apagador quem tem que trazer é o professor. A biblioteca na época não tinha computador pra consultar, tinha que olhar livro por livro, não tinha um sistema informatizado. No laboratório, nós não tínhamos acesso porque não tinha monitor que pudesse supervisionar porque espaço físico tem, entendeu? (JDT).

Causas da evasão

Gaioso (2005, p. 46), ao entrevistar um funcionário da Reitoria de uma IES privada do interior do Paraná constatou que os alunos evadem por questões financeiras, em função do valor das mensalidades. No mesmo estudo, realizou uma entrevista com a representante de uma IES pública que afirmou que os alunos também evadem por problemas financeiros, embora em muitos casos, os alunos omitem que estão passando por problemas financeiros.

Na UENF, os problemas financeiros aparecem nas falas dos alunos evadidos, como responsáveis pela evasão discente. Nota-se que este motivo se revela nos depoimentos dos alunos que residem em outras cidades. Encontra-se nessa situação, o entrevistado TSA que revela: *“para ficar em Campos, as despesas estavam muito altas. Eu já estava de olho no Curso e Física da UERJ. Na UERJ tem bacharelado em Física. Aí quando eu passei, eu vim embora”*.

Outras respostas foram apresentadas pelos ex-alunos como incompatibilidade entre a vida acadêmica e às exigências do mundo do trabalho, conforme relata APA: *“eu faltava aula, não dava pra fazer o curso, por causa do meu trabalho. Tinha que adequar o trabalho aos estudos e não deu. Eu sou de São Fidélis e trabalho em Macaé. A gente tem que trabalhar”*.

A realização de novo vestibular para curso de sua preferência, fez com que TPS evadisse da UENF: *“eu queria mesmo era fazer Engenharia de Petróleo. Passei no vestibular do ISECENSA e fui fazer lá”*. Outro motivo apontado pela saída do

curso foram os problemas pessoais, conforme relata SSD: “*foi circunstância. Foi necessidade. O problema de ter sido desligado, [...] foi basicamente, foi exclusivamente eu ter que dar atenção aos problemas pessoais*”. Ainda na mesma linha de pensamento dos seus depoimentos anteriormente utilizados neste estudo, JDT, sobre sua saída da UENF, declara:

Foi a questão da falta do professor em sala de aula, do acompanhamento e do incentivo a permanecer no curso. [...] Eu fiquei decepcionado com a parte metodológica do curso. Falta um acompanhamento geral de um pedagogo que possa conversar diretamente com o professor e dizer: muda a metodologia (JDT).

No estudo de Arruda & Ueno (2003, p. 173) “*o excesso de tarefas a serem cumpridas e o mau relacionamento com o professor pode ser fator altamente desestimulante para a continuidade do aluno no curso*”. Para os alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Física, acrescentam-se aos fatores acima mencionados, as despesas decorrentes da manutenção em uma universidade localizada em cidade diversa da residência do aluno (despesas de transporte, moradia, alimentação, entre outras) e a desmotivação com o curso escolhido como segunda opção do aluno.

A realização de trabalho concomitantemente com os estudos não é uma realidade dos países subdesenvolvidos. Segundo Zago (2006, p. 234), em países como a França, as desigualdades na renda dos pais são compensadas por políticas públicas e nota-se que quando o estudante ingressa no mundo do trabalho não o faz somente pensando na sua sobrevivência, mas também na necessidade de ter a sua autonomia financeira em relação à família.

No Brasil, o ingresso tardio no mercado de trabalho é opção para poucos. Porém, de acordo com ZAGO (2006, p. 234), em relação ao trabalho, alguns fatores devem ser considerados como carga horária, proximidade ou não com o curso, remuneração. Esses fatores isolados ou em conjunto poderão influenciar o aluno a persistir ou desistir dos seus estudos.

Opinião dos familiares sobre a evasão

Com o objetivo de saber se houve alguma influência da família na decisão do aluno sair da UENF, APA disse que: “*eles não falaram nada, eu tenho que*

trabalhar”, do mesmo modo, SSD menciona: “*minha mãe não disse nada*”. No entanto, houve opiniões favoráveis a saída da UENF, conforme revela TPS: “*meus pais foram favoráveis*” e TSA: “*eles gostaram porque as despesas ficaram altas e no Rio ia ser diferente. Eu ia ficar em casa*”. No caso de JDT, seus pais queriam que ele ficasse na UENF, mas ele explica porque evadiu da instituição:

Quando eu saí da UENF, meu pai e minha mãe ficaram descontentes porque é uma universidade e tem um bom conceito, mas eles foram vendo que no decorrer do curso na outra instituição, que eu estava melhorando, estava menos estressado, [...] estava conseguindo conciliar com outras atividades. Porque quando você quer ficar até duas horas da manhã estudando é porque você quer. Agora obrigar aqueles que não querem ficar até essa hora, não tem como. Ou a gente desiste ou fica mal humorado (JDT).

Ao serem questionados sobre a possibilidade de retornarem a UENF, alguns evadidos mencionaram que pode ser para um projeto futuro, enquanto outros eliminaram a possibilidade de retorno, quando responderem que não retornariam. Essa possibilidade depende do modo que o ex-aluno convive com a evasão e com as experiências vividas em sua trajetória acadêmica na UENF. Ao final da entrevista, perguntamos se os entrevistados gostariam de fazer mais algum comentário. A maioria deles respondeu que não, porém um dos ex-alunos não hesitou em dizer:

A UENF me deu uma experiência que eu nunca tive, a de saber estudar. Aqui você procura, no CEFET eles te dão na mão, de bandeja. Eles lá (se referindo ao CEFET) já te dão mastigado. Aqui (na UENF) eles dão cru. Na UENF eu tive um grande conhecimento, o de saber pesquisar, o de saber construir o conhecimento a partir do zero, aí eu liguei uma coisa na outra (JDT).

Nota-se que JDT, após ingressar em outra IES, percebeu a contribuição da UENF, para sua formação crítica, despertando nele, a idéia de que o conhecimento é construído, baseado nas experiências pessoais de cada um. Somente após ele ter vivido uma experiência diversa da UENF, pôde comparar distintas formas de transmitir o conhecimento e assim, emitir o comentário acima.

4.3. O Curso de Licenciatura em Matemática

A seguir apresentamos os alunos entrevistados do Curso de Licenciatura em Matemática que se dispuseram a participar das entrevistas. Constata-se nas entrevistas, o predomínio do sexo masculino, ainda que o total dos alunos evadidos do Curso tenha uma proporção quase equivalente entre o sexo masculino e feminino.

O aluno evadido ACM, sexo masculino, solteiro, mora em apartamento próprio com seus pais, em Campos dos Goytacazes. Em sua casa residem 04 pessoas e duas contribuem para a renda familiar que é superior a cinco salários mínimos. Durante a entrevista, informou que estava fazendo estágio remunerado na área de informática. Cursou o ensino médio em instituição pública federal, concluído em 2000. Ingressou na UENF em 2006, por vestibular. Na época tinha 22 anos. No período em que estudava na UENF, não trabalhava e não terminou o primeiro semestre do curso. Foi reprovado por média e frequência em todas as disciplinas. Evadiu pela aplicação de normas institucionais, ao ser desligado da UENF. No período da entrevista, sobre sua trajetória acadêmica após evadir da UENF, nos disse que “*Eu faço Ciência da Computação na UCAM*”³⁴.

Já o ex-aluno GMA, do sexo masculino, solteiro, não trabalha, reside em Campos dos Goytacazes, com os pais e em sua residência moram quatro pessoas. Imóvel próprio e duas pessoas contribuem com a renda da família que é superior a cinco salários mínimos. Seus pais possuem o ensino médio completo. Sua mãe é servidora pública estadual e seu pai, comerciante. Cursou o ensino médio em estabelecimento de ensino público estadual, concluído em 1999. Quando ingressou na UENF em 2002, tinha 20 anos. Permaneceu no curso por 10 semestres. Reprovou mais de uma vez nas disciplinas Cálculo Diferencial e Integral II, Análise na Reta e Álgebra Linear. Trancou as disciplinas Disciplina Complementar I e Física Geral III. Evadiu por iniciativa própria ao trancar sua matrícula no segundo semestre de 2006 e não retornou a UENF. Após evadir da UENF, ele nos revela que: “*eu fiz um curso de segurança do trabalho no CEFET, terminei no final de 2007 e estou fazendo Geografia no CEFET*”.

³⁴ Universidade Cândido Mendes (UCAM). Instituição privada de ensino superior, Possui instalações em Campos dos Goytacazes.

Mais um entrevistado de Campos dos Goytacazes, do sexo masculino e solteiro é LAG. Desde 2002, ele é servidor público estadual e trabalha sob regime de quarenta horas semanais. Possui renda pessoal superior a cinco salários mínimos. Mora em casa própria, onde residem três pessoas. Sua renda familiar excede a cinco salários mínimos. Na sua casa, duas pessoas contribuem para a renda da família. Sua mãe possui o primeiro grau completo e é servidora pública federal. O entrevistado disse que não tem pai. Coursou o ensino médio em escola pública federal, tendo concluído em 1984.

Em 2004, ingressou na UENF, por vestibular. Na ocasião tinha 38 anos e não concluiu o primeiro semestre do curso. Evadiu por iniciativa própria, pelo cancelamento de sua matrícula. Sobre a possibilidade de dar continuidade aos estudos no ensino superior, falou que *“Eu tenho que fazer a minha pós-graduação, voltada para minha área que é Administração”*, mas até o momento da entrevista ele não estava estudando.

A única entrevistada do sexo feminino é MMM. É casada e trabalha como orientadora em sua própria residência, desde 2003. Com essa atividade, obtém uma renda mensal de um salário mínimo. Em sua casa moram duas pessoas, sendo que duas contribuem para a renda familiar que está na faixa entre dois e quatro salários mínimos. Sua mãe tem o ensino médio completo e é servidora pública estadual, professora. Seu pai possui o ensino fundamental completo e é representante de vendas. Coursou o ensino médio em escola particular, concluído em 1999. Ingressou na UENF em 2004, por vestibular aos 23 anos e permaneceu no curso por oito semestres. Em sua trajetória acadêmica, não foi reprovada em nenhuma disciplina, nem utilizou trancamento de disciplina e/ou matrícula. Evadiu da UENF por iniciativa própria. Solicitou transferência externa para instituição particular de ensino superior e sobre isso nos disse: *“eu já me formei em Matemática na UNIVERSO”*.

Outro entrevistado foi NMP, do sexo masculino e casado. Desde 2000, trabalha como servidor público estadual, com carga horária de 40 horas semanais. Sua renda mensal está na faixa entre dois e quatro salários mínimos. Mora em Campos dos Goytacazes, em casa própria e tem dois filhos. Na sua casa moram quatro pessoas, mas apenas uma contribui para a renda familiar. A mãe do entrevistado possui o ensino fundamental incompleto e é dona de casa. O seu pai cursou o ensino fundamental completo e sua profissão é eletricista. O ex-aluno estudou em escola pública estadual e concluiu o ensino médio em 1994. Quando

Ingressou na UENF em 2004, por vestibular, tinha 29 anos. Não completou um semestre no curso. Cancelou sua matrícula e não retornou a UENF. Evadiu por iniciativa própria. Disse que após evadir da UENF, deu continuidade ao curso superior, dizendo: “*eu faço Informática no CEFET*”.

Para finalizar a apresentação dos alunos entrevistados, temos RF, do sexo masculino, solteiro, que reside em Campos dos Goytacazes em imóvel próprio. É servidor público municipal e trabalha em regime de trabalho de 30 horas semanais. Na sua residência moram quatro pessoas e duas contribuem para a renda da família. Filho de pais separados. Sua mãe possui o ensino médio completo e é servidora pública municipal. Seu pai possui ensino superior completo e é servidor público municipal.

O entrevistado concluiu o ensino médio em escola pública federal em 2002. Ingressou na UENF em 2004, por vestibular, aos 19 anos. Enquanto estudava na UENF, fazia estágio em uma empresa, no período da manhã, com rendimentos de um salário mínimo mensal. Permaneceu na UENF por três períodos e obteve mais de uma reprovação na disciplina Cálculo Diferencial e Integral I. Trancou a disciplina Matemática Elementar II por um semestre. Evadiu por iniciativa própria, pelo abandono do curso. Quando perguntado sobre sua trajetória acadêmica após sair da UENF, respondeu: “*eu estou no quinto período de Engenharia de Produção na UCAM*”.

A escolha do curso

O estudo de Machado (2002, p. 141) procurou descobrir os motivos que levam o aluno da UFG, a escolher o curso de graduação, tendo encontrado como respostas, as possibilidades do curso no mercado de trabalho e a possibilidade de contribuir para a sociedade. Já Andriola et al. (2006, p. 369), obteve nas respostas dos alunos como o principal motivo para a escolha do curso, o gosto, interesse e a afinidade pessoal com a área do curso. Este também foi o motivo apresentado pelo entrevistado GMA, ao mencionar que: “*eu gostava da disciplina Matemática no ensino médio. Aí eu tentei pra UENF e pro CEFET, tudo pra Matemática*”, da mesma forma que RF revela: “*escolhi o curso, por gostar de Matemática*”. Compartilhando o mesmo gosto pela Matemática, LAG disse: “*eu sempre tive afinidade com matemática*”.

Destaca-se nos depoimentos de dois entrevistados que eles associam a escolha do curso com o exercício da profissão docente. Nesse sentido, o ex-aluno LAG comenta: *“olha isso daí já era um desejo assim, de muito tempo. Eu quando estava fazendo o segundo grau, sempre tive vontade de lecionar”*. Opinião similar emite a entrevistada MMM: *“eu sempre gostei de matemática e tinha facilidade em aprender matemática, de ensinar matemática. Eu fiz pra UENF e pra FAFIC, pra Matemática e passei nas duas. Fiz matrícula na FAFIC, mas depois, cancelei”*. Convém informar que a entrevistada estava exercendo a profissão docente, no período em que foi entrevistada.

Ainda sobre o mesmo tema, o entrevistado NMP ingressou na Licenciatura em Matemática, mas a sua preferência era por outro curso e esclareceu: *“a licenciatura era minha segunda opção, primeiro Informática”*. Ele explicou que fez vestibular pra UENF e outra instituição, ambos, para o Curso de Informática: *“eu entrei pra UENF e depois saiu o resultado do CEFET e eu fui pra lá. Eu cheguei a ficar uma semana aqui e lá pra ver o que seria melhor pra mim”*. Como é possível verificar, o entrevistado ACM, ingressou no curso, mas a licenciatura não era o curso de sua preferência. Ele esperava obter isenção em disciplinas já cursadas na UENF, caso fosse aprovado para outro curso. Podemos dizer que sua escolha pelo curso foi fruto de um planejamento para colher benefícios futuros:

Na verdade, eu tinha escolhido fazer o curso de Ciência da Computação numa universidade particular e ao mesmo tempo pensei em fazer uma universidade pública, mas não tinha Ciência da Computação³⁵ aqui (na UENF). Aí eu tentei pra uma área que tinha alguma ligação na área de exatas e pensava em futuramente cursando as duas (se refere à Licenciatura em Matemática e Ciência da Computação), pegar uma isenção com alguma matéria que eu tinha feito aqui (ACM).

Parece-me que a identificação com a disciplina Matemática no ensino médio, revelada nas entrevistas relaciona-se às habilidades dos alunos nessa disciplina e ao mesmo tempo, estarem fazendo um curso que lhes agrada. Entretanto, Oliveira, et al. (2007, p. 228) destaca que o processo de escolha profissional está associado a vários determinantes, entre eles os sociais e econômicos. Por isso, algumas escolhas, podem estar relacionadas às características e desejos dos entrevistados, conforme observamos nas falas de alguns deles, mas também, segundo os autores,

³⁵ O Curso de Ciência da Computação e Informática da UENF iniciou-se em 2007.

são influenciadas pelos fatores sociais e/ou econômicos, ou ainda, pela menor concorrência no vestibular.

Percebemos a influência nas escolhas dos alunos, no depoimento de um dos entrevistados, ao admitir que os problemas financeiros, determinantes econômicos, de sua família o impediram de fazer o curso de sua preferência em uma IES particular e por isso, ingressou na UENF. Disse ainda que na medida em que os problemas financeiros sejam resolvidos, demonstrou interesse em ingressar no curso que é sua primeira opção.

Expectativa com o curso e com a UENF

No Curso de Licenciatura em Matemática, nas respostas dos entrevistados percebe-se que algumas expectativas criadas em período anterior ao ingresso na Universidade, não foram satisfeitas frente à realidade encontrada. Nesse sentido, LAG revela que: “*a exigência do curso eu pensei que fosse menos pesado do que como eu me deparei*”. De igual modo, o entrevistado NMP esperava um menor nível de exigência no curso. Por ser noturno, achou que os professores cobriam menos dos seus alunos. Nota-se que o entrevistado teve dificuldade de adaptação a essas exigências, conforme relata:

Bastante diferente do que eu imaginava. Os caras aqui dão muita paulada. Todo mundo que nunca entrou numa faculdade espera que pelo menos você tenha uma semana, duas, com um ritmo mais lento. Não tive tempo para me ambientar no curso [...] Fiquei pouco tempo aqui, nem cheguei a fazer um semestre. (NMP).

Esse mesmo entrevistado recorda-se de outros alunos da UENF que, a respeito de um docente, disseram: “*Vocês deram muito azar em pegar esse cara*”, se referindo à grande quantidade de conteúdo que ele ministra em curto espaço de tempo. Um exemplo que ilustra a dificuldade do aluno NMP, de inserção neste novo contexto da Universidade, pode ser observada na sua fala: “*[...] em duas semanas de aula, eu acabei com duas partes de matéria do caderno pra dar conta das anotações dele e muita coisa, eu mal conseguia copiar*”. Muitas vezes, o aluno precisa de um período para sua adaptação à Universidade e sobre isso o entrevistado complementou dizendo: “*Eu não tinha tempo para me ambientar com o*

curso”. Alguns entrevistados fizeram críticas à ênfase dada à pesquisa nos cursos de licenciatura da UENF, conforme revelam:

O primeiro ano foi tudo bem, depois minha expectativa piorou. Por ser um curso de Licenciatura, eu acho que certas disciplinas são muito escassas, como Português que eu acho muito importante. Você vê professor falando errado na aula. Eles dão ênfase em disciplina como Análise da Reta e não em Português. Eles dão ênfase à pesquisa e não no Licenciado. [...] Acho absurdo não ter Português (GMA).

Bom, eu pensei que o curso de licenciatura ia formar o licenciado, o professor. Mas eles querem aplicar a matemática pura. Dão importância à matemática pura e não dão importância às disciplinas pedagógicas que é importante pra licenciatura. O curso forma mais o matemático do que o professor de matemática. (MMM)

Supomos que o perfil de pesquisadores dos docentes da UENF pode estar influenciando a formação profissional dos alunos, em detrimento de ser professor, embora, a licenciatura, seja um curso de formação de professores. Parece que existe na UENF, uma desvalorização da licenciatura e a tentativa de dar uma “cara” de bacharelado ao curso de licenciatura, traz para o aluno algumas dificuldades de acompanhamento do curso. Porém, o valor da instituição é muitas vezes medido pela qualidade do seu corpo docente. Quanto mais qualificados forem os professores, mais reconhecida será a IES no meio acadêmico e para os alunos, estudar em uma instituição de excelência, pode lhes trazer maior perspectiva profissional.

Apenas um dos entrevistados emitiu comentário positivo, embora reticente, em relação às suas expectativas, ao dizer: “*minha expectativa, acho que ... condiz com que eu esperava*” (ACM).

Vivência universitária

Os alunos entrevistados do Curso de Licenciatura em Matemática, ao relatarem sobre o desempenho docente revelaram opiniões diversas. Por um lado, os alunos teceram comentários elogiosos aos professores, mas, por outro, severas críticas. O entrevistado LAG afirma que o corpo docente do curso é bom e davam atenção aos alunos: “*alguns professores foram bem atenciosos. Disponibilizavam*

telefone de contato, e-mail. Alguns professores davam horário da UENF pra dar explicação ao aluno”, mas por outro lado, tece o seguinte comentário: “ tinha professor que achava que a gente devia chegar sabendo. O professor dizia que se você está entrando na UENF é porque sabe e não é bem assim”. A fala do entrevistado demonstra que certos conteúdos do ensino médio são necessários ao aluno no ensino superior. Porém, observamos que a maioria dos alunos evadidos das licenciaturas, concluíram o ensino médio na escola pública e por isso, não raramente, apresentam deficiência na sua formação.

A entrevistada MMM, em relação à metodologia docente, compartilha da mesma opinião de LAG, e aponta como aspecto negativo, o pouco contato entre aluno e professor. Em seu depoimento, ela revela:

Eu tomei um baque, devido a alguns professores. A maioria dos alunos não teve oportunidade de aprender aquilo na escola e ficavam assustados. Ou aprende, ou se vira. O professor não dá de bandeja pro aluno a matéria. Tem que correr atrás e isso assusta muita gente. A gente fica um pouco perdido. [...] Não havia muito contato com os professores pra tirar dúvida (MMM).

Já o entrevistado NMP afirma que ficou surpreso com a forma impositiva com que um professor tratou um aluno e também menciona a falta de proximidade na relação entre professor/aluno:

Teve um caso de um aluno que pediu pro professor repetir uma questão e o professor mandou o cara pegar o livro. Falou isso na frente da turma. Aqui na UENF eles até falam que pode procurar por ele (se refere ao professor), mas quando vai falar com eles, não atendem bem (NMP).

É recorrente a opinião dos entrevistados, referente ao pouco contato entre aluno e professor. Dessa forma, outro entrevistado, RF disse que alguns docentes mantinham um bom relacionamento com os estudantes: *“tem professor que dava o telefone, jogava bola com a gente”* e por outro lado cita que: *“mas tinha professor que na sala de aula tinha aquele ar de professor mesmo, intocável, imortal”*. Em relação à qualificação dos docentes, RF disse que: *“os professores são bons. Todos do mesmo nível”*. Já o entrevistado GMA, menciona os professores estrangeiros no curso e diz faltar em alguns docentes, a didática: *“noventa e nove por cento dos professores não têm didática. Didática zero que desestimula o aluno”*.

Com relação à transmissão do conteúdo programático da disciplina, pode não ser feita com muita clareza, por alguns professores estrangeiros, devido à dificuldade em expressar-se na língua portuguesa. O ex-aluno ACA, a partir da sua experiência pessoal, revela que: *“eu tive dificuldade com uma matéria ... Cálculo, eu não entendia quase nada, o professor era estrangeiro”*. Na sua entrevista percebemos que o aluno teve dificuldade em relação ao conteúdo programático da disciplina Cálculo Integral e Diferencial I, que está entre as que mais reprovam os alunos dos cursos de licenciatura e ainda teve dificuldade em entender a linguagem do professor, que era estrangeiro.

Gostaríamos de esclarecer que não estamos assumindo neste estudo, uma posição contrária aos professores estrangeiros da UENF, mas em relação a algumas práticas docentes, seja de professor estrangeiro ou não, que estão desestimulando o aluno e com isso, contribuindo para a evasão. Nesse sentido, quando a evasão é causada por problema interno à instituição, a própria instituição pode criar mecanismos que minimizem o problema da evasão discente.

Notamos que a relação entre professor e aluno quando bem estruturada, pode promover bem estar no aluno, que pode se sentir mais acolhido na universidade. A metodologia do professor que, em muitos casos, difere daquela que o aluno estava acostumado no ensino médio, pode provocar certa estranheza no aluno. A adaptação do aluno a essa nova situação, requer um período de vivência na Universidade.

A partir da fala dos entrevistados pode-se dizer que o professor ao demonstrar carinho e colaboração, mostrando-se receptivo por meio de ações que ajudam o estudante, propicia boas expectativas nos alunos. Já a falta de aproximação com o professor, proporcionou uma experiência ruim nos ex-alunos. Pelo que podemos notar o distanciamento na relação entre professor e aluno é um problema recorrente, visto que este problema já foi apontado pelos entrevistados do Curso de Licenciatura em Física da UENF, assim como a prática didática docente que pode desestimular o aluno.

Sobre este assunto, o Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática expôs que a metodologia usada pelos professores em sala de aula, é resultado da formação acadêmica que eles tiveram, pois muitos desses docentes não fizeram licenciatura e comenta:

Na maioria dos professores, falta a parte de didática. Eu não estou assim, crucificando os professores por isso, porque é o paradigma que eles têm, é o modelo que eles têm.

Na opinião da Pró-Reitora de Graduação, Prof.^a Lilian Maria Garcia Bahia de Oliveira, à medida que desempenham a função docente, os professores, vão aperfeiçoando suas práticas de ensino desde que reconheçam que deve mudá-las. Segundo ela, apesar dos docentes repassarem aos alunos, como se produz o conhecimento, a partir de uma visão crítica, faltam a eles “*elementos que otimizem a passagem deste seu conhecimento*” para os seus alunos e um desses elementos é a didática. Disse ainda que em Universidades como USP e UNICAMP, já existem programas para formação didática dos seus docentes e em sua opinião, este assunto deve começar a ser discutido na UENF:

Se por um lado nós temos esse aspecto positivo e crítico sobre a produção de conhecimento, por outro nos faltam elementos formativos de didática pra melhor empregar isso. Se você tem interesse, o tempo vai te melhorando, instintivamente, vai se moldando e melhorando a sua capacidade didática, Não existe um programa, mas é um negocio que demora. Então, o que as universidades estão fazendo? Estão unindo essas duas coisas, ou seja, estão capacitando os seus professores para a questão da didática.

Percebemos que a “*questão da didática*” na UENF, esbarra na autonomia dos docentes em organizarem e ministrarem suas aulas. Mas destacamos como ponto positivo, que a Pró-Reitora já vislumbra a possibilidade de uma discussão sobre este assunto, destacando a necessidade “[...] *da importância da formação didática no professor-pesquisador*”.

Quanto ao desempenho acadêmico dos alunos entrevistados, uma consideração advinda dos entrevistados da Licenciatura em Matemática que não se revela nas entrevistas dos Cursos de Licenciatura em Biologia e Física foi a dificuldade de acompanhamento do curso, devido ao longo tempo decorrido entre o término do ensino médio e o ingresso na Universidade.

Parece que os alunos quando terminam o ensino médio e ingressam imediatamente no ensino superior, têm mais facilidade em acompanhar o curso. Isso se verifica nos depoimentos dos entrevistados LAG e NMP, ao afirmarem que as lacunas na sua formação fizeram com que eles tivessem dificuldade para acompanhar o curso:

Olha, não foi bom não, entendeu? Tive bons professores, mas tiveram outros também que eu não consegui acompanhar, acredito que tenha sido por mim mesmo. Eu terminei o segundo grau em 1984 e de repente você encontra na sala de aula com pessoas de 18, 20 anos que acabaram de sair do segundo grau, eles estão com a mente fresca. [...] eu vi essas disciplinas em 84, não foi em 2003, 2004, entendeu? Ou um ano anterior. Aí nisso realmente eu senti muita dificuldade mesmo (LAG).

No meu caso que estava há mais de cinco anos sem estudar, você tem que pegar e engolir os livros do ensino médio de novo, pra reviver aquilo tudo. Então eu falei, vou ter que deixar meu sangue pra fazer isso aí e eu não sei se ia ter capacidade pra continuar (NMP).

A falta de dedicação foi apontada pelo entrevistado ACM como motivo para não ter alcançado média em uma disciplina, conforme relata: *“eu não fui muito bem numa prova que eu fiz. Realmente eu não me dediquei muito”*. Apontando desempenho acadêmico insatisfatório, GMA, revela: *“tinha disciplinas que eu me dava bem, em outras não. Dependia de como o professor cobrava na prova”*. Curioso notar que o ex-aluno atribui ao professor, a responsabilidade da sua atuação nas avaliações. Quando observamos o extrato escolar deste aluno, verificamos que ele foi reprovado em disciplinas, em nove semestres, entre os dez em que permaneceu no curso e durante três semestres, cursou menos de oito créditos mínimos obrigatórios para os cursos de graduação da UENF.

Como GMA, outro entrevistado, RF também teve dificuldades com algumas disciplinas, ao dizer que: *“[...] em algumas matérias eu levava pau mesmo”* e acrescenta: *“eu tenho que tomar cuidado quando faço prova. Eu fico muito disperso. Era erro de desatenção mesmo”*. Já NMP disse sobre seu desempenho acadêmico: *“na média”*. Este ex-aluno evadiu antes de completar um semestre letivo no curso e por isso, no seu extrato escolar, não constam notas em disciplinas, enquanto no extrato de RF, aparecem reprovações em todos os semestres cursados.

Apesar da maioria dos entrevistados terem sido reprovados em disciplinas, o caso da ex-aluna MMM nos chamou a atenção por não ter sido reprovada em nenhuma disciplina enquanto esteve matriculada no curso, conforme revela seu extrato escolar. Sobre seu desempenho acadêmico, ela afirma: *“Minhas notas eram boas. Minha primeira nota vermelha foi um choro”*. E depois comenta:

O modo dos professores darem aula deixa os alunos sem estímulo pra estudar, principalmente quando perguntava ao professor e ele não explicava. O aluno se sente inseguro e fica com medo de perguntar de novo (MMM).

Esta aluna ainda menciona que a Universidade requer maior esforço do aluno para alcançar um resultado acadêmico satisfatório. Dessa forma, os alunos considerados bons no ensino médio e que se destacavam, têm que criar estratégias de estudo para conseguirem boas notas no ensino superior. A seguir, ela revela que ficava nervosa na época das provas e estudava muito para conseguir um bom resultado: *“no ensino médio, eu sempre tirei boas notas. Na UENF a gente tem que ter tempo e estudar muito”*.

Ressaltamos que, na abordagem da evasão, conhecer a trajetória do aluno no curso pode revelar os reais fatores que influenciam o aluno na sua decisão de evadir. No caso relatado acima, a evasão discente não está relacionada com as reprovações em disciplinas, mas com as exigências do curso e com a maneira do aluno lidar elas.

Entre os seis alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Matemática, três deles saíram da Universidade antes de terminarem o primeiro semestre do curso. Quando analisamos os seus extratos escolares dos três ex-alunos que permaneceram no curso por mais de um semestre letivo, verificamos que dois deles foram reprovados na disciplina Cálculo Integral e Diferencial I. No segundo semestre, um desses alunos foi reprovado mais uma vez em Cálculo Integral e Diferencial I, o que nos indica que essa disciplina promove a retenção dos alunos, no primeiro ano do curso e foi a disciplina que mais reprovou os entrevistados.

No segundo semestre do curso, a verificação dos históricos escolares dos evadidos nos mostrou que um dos ex-alunos apresentou alto índice de reprovações em disciplinas. Após ter se matriculado em sete disciplinas, foi reprovado em quatro delas, Desenho Geométrico, Disciplina Complementar I, Computação e Matemática Elementar. Outro aluno matriculou-se em cinco disciplinas, sendo reprovado em uma delas, Cálculo Diferencial e Integral I e trancou a disciplina Matemática Elementar II.

O estudo de Barbosa (2004, p. 71) buscou compreender o alto índice de reprovação na disciplina de Cálculo Integral e Diferencial e diagnosticar as dificuldades dos alunos em aprender essa disciplina. Após entrevistar alguns professores, os motivos do insucesso dos estudantes segundo seus pontos de vista

são o pouco envolvimento com os estudos, falta de pré-requisitos para cursarem a disciplina, falta de conhecimento básico do primeiro grau e por fim, não saber ou não querer estudar.

O que pudemos depreender da pesquisa de Barbosa (2004, p. 74) é que as reprovações na disciplina Cálculo Diferencial e Integral não são um problema específico dos Cursos de Licenciatura. O seu estudo também detectou reprovações nessa disciplina em alguns cursos de bacharelado como Engenharia Química, Engenharia de Computação, Engenharia Mecatrônica e Ciência da Computação. Na UENF, a disciplina Cálculo Integral e Diferencial I aparece como a terceira disciplina que mais reprova os alunos matriculados nas Licenciaturas, conforme levantamento emitido pela Secretaria Acadêmica.

O que nos chamou a atenção em relação aos alunos do curso foi quando tentamos saber o que poderia ajudá-los a melhorar o desempenho acadêmico e nenhum dos entrevistados fez menção a um programa institucional da UENF. Os alunos que trabalham mencionaram que precisavam de mais tempo para dedicação aos estudos, enquanto os outros evadidos disseram que não procuraram auxílio nesse sentido.

Além do desempenho acadêmico do aluno, a integração com colegas do curso e com a instituição deve ser analisada para um diagnóstico de sua influência sobre a evasão. Alguns entrevistados do Curso de Licenciatura em Matemática deixam bem nítida a idéia de que a integração ocorre extra-muros da Universidade, entre colegas que já se conheciam desde o ensino médio, conforme a fala de GMA: *“alguns amigos que eu já conhecia, vinham almoçar aqui em casa, a gente estudava junto, mas não era com todos”*. Como ele, o entrevistado RF menciona:

O relacionamento da minha turma era excelente. Tinha um amigo meu que estudou comigo no ensino médio que foi pra UENF também. A gente ia na casa de um deles fazer trabalho e isso deu uma aproximada, né? Mas, assim, uma turma de 35, 40 alunos, o grupinho era sempre de 8 ou 9, nunca a turma toda ((RF).

No segundo grupo de respostas, similares às obtidas na Biologia e a da maioria dos entrevistados da Física, os ex-alunos disseram que o contato com os colegas de turma era apenas na UENF. Compartilhando dessa mesma opinião, ACM disse: *“o contato com os colegas era restrito, só na UENF”*, enquanto MMM menciona: *“era só aqui. Só na Universidade”*.

O ex-aluno NMP, emitiu opinião pela falta de entrosamento entre os colegas do curso:

Só na UENF porque o Curso de Licenciatura aqui a noite não dá tempo. É muita gente de fora. Os caras (se referindo aos professores) dão aula mesmo até quase 11 horas e quando acaba, você quer ir pra casa. Muita gente tem que pegar ônibus pra ir embora (NMP).

Quanto à inserção no Programa de Bolsas da UENF, quatro entrevistados do curso não se inscreveram porque trabalham e por isso não poderiam solicitar a bolsa. Entre os entrevistados que se candidataram à Bolsa de Apoio Acadêmico, GMA, comenta: “*pois é, eu tentei bolsa sim de apoio acadêmico³⁶, mas não consegui*”, enquanto MMM disse: “*eu tentei, mas disseram que eu não consegui porque morava no centro e estudei em escola particular*. O entrevistado RF revela que a falta de informação dos estudantes sobre o que a universidade oferece, pode impedir o aluno ingressante de participar nos programas que possam promover sua inserção no ambiente universitário e que, ainda, concedem ao estudante, uma ajuda financeira. Ao discorrer sobre este assunto, relata: “*eu até ia tentar. Eu tava no primeiro período, mas não sabia muita coisa da faculdade ... você é novato, aí, lá no segundo e terceiro período, você começa a tomar conhecimento das coisas*”.

As falas dos entrevistados revelaram a seletividade do Programa de Bolsas da UENF, que exclui alunos por não atenderem aos critérios estabelecidos para seleção dos estudantes. Em função disso, a ex-aluna MMM não foi aprovada para uma bolsa de trabalho, por ter estudado em escola particular, outro aluno, GMA, estudou em escola pública e também não foi selecionada para a bolsa de trabalho.

Quando indagados sobre a estrutura universitária da UENF, percebemos que os alunos responderam com respostas curtas, sem apresentarem uma justificativa do que estava sendo perguntado.

Sobre a estrutura física da UENF, o entrevistado ACM disse: “*era razoável*”, Já os entrevistados GMA e LAG apresentaram respostas bem parecidas. O primeiro

³⁶ Resolução 001/00 da Câmara de Extensão, de 11/05/2000 que Estabelece normas para concessão de Bolsas de Apoio Acadêmico. Para obter essa bolsa, o aluno deve obter rendimento mínimo de 6,0 e ter, no máximo, uma reprovação em disciplina por semestre letivo. A solicitação de bolsa de apoio acadêmico deve ser feita junto ao Serviço Social da UENF, que efetuará um levantamento das condições sócio-econômicas dos candidatos, classificando-os segundo critérios de carência.

disse: “Boa. Atendia os alunos” e o segundo: “Boa estrutura “. A mesma opinião foi a de NMP: “boa”, da mesma forma que MMM disse: “era boa sim”. Por fim, RF revela: “a gente frequentava muito pouco o laboratório, mas não tinha necessidade de ser tão sofisticado”.

Pela unanimidade de respostas positivas, acreditamos que a infra-estrutura da UENF não tenha influenciado os alunos na sua decisão de evadir.

Causas da evasão

Após levantarmos alguns aspectos relativos à trajetória do aluno na UENF, chegou o momento de conhecermos as possíveis causas da evasão, na percepção do aluno evadido. Os alunos evadidos do Curso de Licenciatura em Matemática o fizeram em função dos fatores relacionados às características individuais dos alunos, mais especificamente, os relativos ao desestímulo ou desmotivação com o curso e pela incompatibilidade entre as exigências do trabalho e o curso.

Interessante notar que apenas um dos entrevistados teve a percepção de que a evasão é resultante de uma combinação de motivos. Os demais entrevistados, embora tenham enumerado, ao longo das entrevistas, vários fatores que podem ter influenciado na decisão de evadirem, quando perguntados sobre o que os levou a saírem do curso, apontam apenas um desses motivos. Dessa forma, concluímos que os alunos não têm uma clara percepção dos reais motivos que levam a evasão.

Na opinião dos alunos evadidos, entre as causas da evasão estão a incompatibilidade entre a vida acadêmica e às exigências do mundo do trabalho, referentes às características individuais dos estudantes (Relatório Final/Comissão, 1996), conforme relatos a seguir:

Eu não tinha como conciliar o trabalho e a faculdade, realmente tava muito pesado. Para os alunos da Licenciatura, não bastam aquelas horas que eles estudam ali, entendeu? Ou seja, estudam no período noturno, mas eles têm que reservar um período para rever as matérias que foram dadas. [...] Eu não tive o pique pra acompanhar e se eu não consegui acompanhar a turma, eu tenho que tirar o meu time de campo (LAG).

[...] Eu fiz um processo seletivo pra uma bolsa de estágio e que era à noite e eu fui aprovado e fiquei na fila de espera. Aí quando eu fui chamado, fui chamado pro turno que eu cursava aqui (na UENF) e aí eu tive que fazer escolha. Foi incompatibilidade de horário (ACM).

Outras causas da evasão apontadas foram desmotivação com o curso e a realização de novo vestibular que também estão inseridas entre as características individuais dos alunos (Relatório Final/Comissão, 1996). O entrevistado GMA, apesar de ter mencionado que fez dois vestibulares para Matemática, desmotivou-se com o curso, por problemas com um professor: *“eu tava desestimulado com o curso”. [...] eu tive um problema com a nota de uma disciplina o professor marcou prova final sem dar a nota da outra prova e eu não sabia o que eu tinha que estudar. A turma toda estava com medo dele. Eu procurei o professor e ele tinha viajado. Fiz um requerimento solicitando minha nota, mas a palavra final foi do professor”*.

O ex-aluno NMP fez vestibular na área de sua preferência: *“o principal motivo da minha saída foi ter passado no CEFET”*. O entrevistado RF também demonstra desestímulo com o curso de licenciatura ao revelar que: *“eu gosto muito de matemática, mas a parte da didática pegava muito pra mim”* e ainda menciona:

[...] Entrei na faculdade animado e tal, mas o problema é que eu não me sentia parte da faculdade. O Curso, eu achava que era só Matemática mesmo, mas vai misturando desde o início e isso complicou um pouco a minha saída da UENF. (RF)

Apesar de revelar desestímulo com o curso, a entrevistada MMM, atribui a sua evasão, a um conjunto de motivos e relata:

Foi um conjunto de coisas, mas eu estava desestimulada com o curso. Eu sempre fui boa aluna e comecei a ter dificuldade, ficava nervosa pra tirar nota boa. A UENF é aquela coisa mesmo de pesquisador, o aluno tem que procurar sozinho. (MMM)

A ex-aluna MMM, mencionou durante as entrevistas, que no ensino médio sempre obteve boas notas e em função disso, há uma recusa em aceitar que o ensino superior requer do aluno um esforço maior ao que lhe foi exigido neste nível de ensino. O que era prazeroso para a aluna tornou-se desmotivante, à medida que o aumento das exigências do curso requer maiores esforços do aluno (Arruda & Ueno, 2003, p. 172).

Opinião dos familiares sobre a evasão

Procuramos saber dos entrevistados, a opinião da família sobre a evasão da UENF. ACM revelou que seus pais o apoiaram, relatando que: *“eles concordaram porque eu ia pra uma universidade e ia ter uma bolsa pra ajudar a pagar”*. Ele se refere que sua ida para uma IES privada para fazer o curso escolhido como sua primeira opção. Segundo este aluno, isso só foi possível, por ter conseguido estágio remunerado para complementar o pagamento das mensalidades na instituição.

Os pais do ex-aluno GMA foram contrários a sua decisão de evadir: *“meus pais não queriam que eu saísse da UENF, mas eu estava muito estressado”*. Situação similar é a de MMM, ao dizer que: *“minha mãe falou que eu deveria terminar a UENF porque a UENF tem um nome, mas eu não estava feliz, não estava realizada”*. Por outro lado, houve opiniões de apoio a decisão tomada pelos estudantes. Encontra-se neste caso, o entrevistado RF: *“aqui em casa é bem tranquilo, minha mãe me apoiou”*, enquanto alguns familiares que não opinaram sobre a decisão dos seus filhos: *“meus pais não disseram nada”* (NMP). No depoimento de LAG, percebemos que estava carregado de emoção e certa dose de culpa, por ter frustrado as expectativas da sua mãe:

Olha foi muito complicado. Quando eu saí do segundo grau, ela (se referindo a sua mãe) sabia da minha vontade, vai fazer matemática e tudo, vai fazer uma faculdade. Ela alimentou aquela expectativa até os dias de hoje e de repente quando eu consegui, foi uma festa, mas ao mesmo tempo eu desisti. Ela queria ouvir tudo, menos isso (LAG).

Após a saída da UENF, notamos que a opção da maioria dos alunos evadidos por outros cursos, evidencia que o ingresso no curso de Licenciatura em Matemática não representava o que eles almejavam em relação à escolha profissional, apesar de alguns ex-alunos terem mencionado o desejo de fazer o Curso de Matemática. Destaca-se que entre os entrevistados, a ex-aluna MMM, graduou-se em Matemática em uma instituição privada. Acreditamos que a opção pela licenciatura foi devido a sua atuação na profissão docente, atividade que, segundo ela, gostava de realizar. Essa assertiva apóia-se na constatação de que dos seis alunos entrevistados, cinco disseram que não desejam retornar a UENF para fazer algum curso de licenciatura, enquanto apenas um, exprimiu: *“só pra um mestrado.”*

4.4. O Curso de Licenciatura em Química

A Caracterização do aluno evadido

No Curso de Licenciatura em Química, os evadidos no período de 2003 a 2007, perfazem um total de 67 alunos, com predomínio das mulheres no curso (41). Quanto aos ex-alunos que foram solicitados a participarem das entrevistas, as mulheres demonstraram maior interesse e, por isso, tivemos duas entrevistadas do sexo feminino e apenas um entrevistado do sexo masculino.

A entrevistada do sexo feminino, LMC é casada, trabalha como professora em uma escola da rede municipal de ensino e dá aulas particulares, em sua residência, atividade esta que ela exerce há doze anos. Sua renda pessoal excede cinco salários mínimos. Mora em campos dos Goytacazes com uma filha, dois enteados e o marido, totalizando cinco pessoas em sua casa e apenas duas contribuem para a renda familiar. A mãe da entrevistada possui curso superior completo, é médica e seu pai possui o ensino fundamental incompleto e é representante de vendas. Cursou o ensino médio em instituição pública federal, concluído em 1997.

Em 2004, ingressou na UENF por vestibular, aos 30 anos e permaneceu no curso durante seis semestres. Teve reprovação mais de uma vez na disciplina Química Geral I e Cálculo Diferencial e Integral II. No primeiro semestre de 2006, trancou matrícula. No 1º semestre de 2007, reabriu a matrícula e retornou a UENF. Evadiu por iniciativa própria, por abandono do curso, no segundo semestre de 2007. Após evadir da UENF, nos revelou que “*Eu faço Química no CEFET*”.

Também do sexo feminino, RMA é solteira, mora em Campos dos Goytacazes, em casa própria, com 04 pessoas e, destas, duas contribuem para a renda familiar que está na faixa entre dois a quatro salários mínimos. Seus pais possuem escolaridade similar, o ensino fundamental completo. A mãe é dona de casa e o pai é servidor público estadual.

Quando concedeu a entrevista disse que havia conseguido uma bolsa de trabalho, com rendimento de um salário mínimo. Concluiu o ensino médio em escola pública federal, no ano de 2006. Ingressou na UENF em 2007, por vestibular, aos 19 anos. Enquanto estudava na UENF, não trabalhava e não completou o primeiro semestre no curso, evadiu por iniciativa própria, por abandono de curso. Quando

perguntamos sobre a sua trajetória acadêmica, depois que evadiu da UENF, ela nos disse: “*Eu faço Ciência da Natureza no CEFET*”.

O único entrevistado do sexo masculino foi RRP. Solteiro e enquanto estudava na UENF, começou a trabalhar em uma empresa do ramo de petróleo, na cidade de Macaé, com renda entre dois e quatro salários mínimos. Reside em Campos dos Goytacazes, em imóvel próprio. Sua família compõe-se de quatro pessoas. Sua mãe possui o ensino médio completo e é professora estadual. A escolaridade do seu pai é o ensino fundamental incompleto e atua como vendedor autônomo. cursou o ensino médio em escola pública federal, tendo concluído o curso em 2005. Ingressou na UENF em 2007, por vestibular, aos 21 anos. Evadiu por iniciativa própria, por abandono de curso, sem completar o primeiro semestre letivo. Na ocasião da entrevista mencionou “*Eu não estudo, só trabalho*”, revelando que não ingressou em outra IES.

A escolha do curso

Cunha, Tunes e Silva (2001, p. 288) abordaram o motivo da escolha do curso pelos alunos que evadiram do Curso de Química da UnB, obtendo como resposta mais frequente, o incentivo dos professores de Química do segundo grau e do cursinho, seguida da facilidade para entrar no curso devido à baixa concorrência no vestibular. Portanto, não houve menção do desejo de exercer a docência. No nosso estudo, um dos entrevistados disse que o desejo de fazer um Curso de Licenciatura em Química estava relacionado a sua vontade de ser professora, pela afinidade com a Química e pelo reconhecimento da UENF como uma boa instituição. Assim ela explica: “*eu queria fazer Química, queria fazer licenciatura porque queria ser professora e a UENF sempre teve um nome. Aqui em Campos, eu sabia que a UENF era UENF. Eu fui e tentei vestibular a primeira vez e logo passei*”.

A impossibilidade de fazer o curso que escolheu como sua primeira opção, seguida pelo exercício da profissão docente, determinou sua opção pelo curso de licenciatura, conforme relata LMC: “*Eu queria ir para o Rio fazer Engenharia Química, mas a minha mãe não me deixou cumprir*”. “*Eu adoro dar aula, eu sou especialista em Língua Portuguesa. Eu dou aula em São Francisco do Itabapoana de Português e Redação*”. A tentativa de fazer um curso próximo da sua área de atuação profissional, mas que lhe garanta facilidades de aproveitamento em disciplinas, caso

consiga aprovação no curso de sua preferência fez com que RRP optasse pela Licenciatura em Química da UENF, conforme revela:

Bom, eu sou Técnico em Química e o curso de Química na UENF não é só um curso de Licenciatura em Química, é bacharelado em Química também. É só completar umas matérias e pra mim era o jeito mais fácil de conseguir chegar ao curso de Engenharia Química na UERJ. [...] Ano retrasado (se referiu ao ano de 2006), eu tentei pra UERJ, pra Engenharia Química, mas eu não passei não [...] (RRP).

Expectativa com o curso e com a UENF

A expectativa quanto ao Curso de Licenciatura em Química gerou uma grande diversidade de respostas. No depoimento da LMC, a entrada na UENF significou a realização de um sonho e sobre isso, ela relata: “*pra mim era tudo. A UENF pra mim era um sonho. Era tudo o que eu tinha vontade de fazer*”, enquanto o entrevistado RRP, o ingresso na UENF não lhe trouxe grande satisfação e disse: “*eu não criei nenhuma expectativa. Eu já entrei na UENF sabendo que ia sair*”. Já a entrevistada RMA, apresentou o seguinte depoimento: “*a UENF me atraiu pela pesquisa, mas falta na UENF a parte pedagógica. A UENF acaba formando quase um químico e esquece um pouco o lado professor*”.

Vivência universitária

Iniciamos a abordagem da vivência na Universidade procurando saber dos entrevistados, suas percepções da relação professor/aluno. Muitas vezes, o relacionamento dos alunos com os professores é de fundamental importância para a compreensão das causas da evasão. Geralmente, para o aluno do curso noturno, o ambiente em sala de aula é o único local de encontro com o professor, sendo necessário que este seja um ambiente de interação entre ambos (Teixeira et al., 2008, p. 194). No Curso de Licenciatura em Química parece que essa interação não ocorre, segundo a entrevistada RMA: “*o aluno não tem acesso aos professores*”.

O aluno evadido quando fala da falta de aproximação entre aluno e professor verificada na UENF, nos faz supor que também existe certa inibição do aluno em procurar o professor para falar de sua vida acadêmica. O estudo de Unglaub (2003)

analisou a interação entre professor/aluno na UNICAMP, levando em consideração a frequência com que os alunos procuram o professor para falarem de assuntos acadêmicos e obteve na maioria das respostas que os alunos não procuravam os professores para conversarem.

Pode ser que os ex-alunos da UENF ao emitirem opiniões do pouco acesso aos professores, não os tenha procurado, pois a aluna que fez este comentário, evadiu antes de completar um semestre letivo no curso e, geralmente, os alunos nas séries iniciais ainda têm certo receio em procurarem os docentes para falar dos seus problemas acadêmicos, pois ainda estão se adaptando à Universidade e ainda se sentem “meio perdidos”.

Parece-nos que os estudantes também se sentem perdidos com os hábitos de estudo que devem ter para acompanharem o curso. Nesse sentido LMC afirma: “na UENF, você tem que ser autodidata”, da mesma forma que a entrevistada RMA revela:

A UENF exige dedicação, você tem que ser meio autodidata. Eu gosto muito de estar na biblioteca, mas eu não tenho essa disciplina comigo de chegar em casa pegar um livro, sentar e ficar igual a uma maluca. Eu tenho uma facilidade grande pra aprender, mas eu preciso de uma pessoa me explicando. (RMA)

Ainda em relação à opinião dos entrevistados sobre os docentes, um fato recorrente refere-se aos professores estrangeiros e suas práticas docentes. A entrevistada reconhece que o professor tem uma formação adequada para ministrar a disciplina, mas no seu discurso teórico não consegue conduzir o conteúdo ao aluno, estimulando-o e fazendo com que ele aprenda. A ex-aluna LMC relata:

Na UENF você tem que ser autodidata. Tinha um professor de Física que além de explicar mal, ele mistura inglês com espanhol. Ele deu umas aulas de Leis de Newton toda em inglês. Ele sabe muito, mas só pra ele. Ele não sabia passar a matéria pro aluno (LMC).

O problema com o entendimento da linguagem do professor estrangeiro tem aparecido nas falas dos alunos durante as entrevistas. Não estamos com este trabalho fazendo um discurso de oposição ao professor estrangeiro na UENF, mas queremos revelar que certas práticas docentes, podem ser inadequadas aos alunos,

conforme seus próprios depoimentos nos mostram e dificultam o aproveitamento do aluno, em relação à aquisição do conteúdo ministrado em sala de aula. Consta na Constituição Federal do Brasil que a língua portuguesa “é o *idioma oficial da República Federativa do Brasil*” e sobre a obrigatoriedade de utilizar a língua portuguesa no processo de ensino-aprendizagem, encontramos o Projeto de Lei nº 1.676 de 1999, mas que ainda não está em vigor.

Portanto, a UENF, baseada na sua autonomia didático-administrativa e conforme regulamenta a Constituição do Brasil, pode inserir nos editais de concurso público para seleção de docentes, prova de proficiência em língua portuguesa. Este recurso permitirá à instituição fazer um acompanhamento ou até mesmo uma avaliação das aulas dos professores, para poder atuar sobre este problema.

Baseado no relato do Prof. Roberto Weider de Assis Franco, a PROGRAD vem investigando possíveis ações que possam minimizar o impacto da linguagem do professor estrangeiro em sala de aula. Ele reconhece que o primeiro ano é o mais crítico para os alunos porque a maioria deles só teve contato com a língua estrangeira no ensino médio, pois não frequentaram cursos de língua estrangeira:

Este problema da língua do professor ... é estranho a gente cobrar isso do aluno, você fala ... ah o mundo está globalizado e tem que entender o professor em espanhol. Eu acho que a pessoa tem que se fazer entender sim, na língua portuguesa, não interessa de onde ele veio. A PROGRAD tem esse problema e tem que resolver.

Outro ponto que abordamos na vivência universitária é o desempenho acadêmico dos estudantes, antes de evadirem. O estudo de Mazzetto e Carneiro (2002, p. 1208) comenta uma pesquisa sobre a evasão e desempenho acadêmico dos alunos ingressantes no Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Ceará entre 1995 a 2000, cujos resultados mostraram que a disciplina Química Geral I e Química Geral II apresentam altos índices de reprovação, embora constatem a ocorrência de uma queda nesses índices. Nota-se que analisando os extratos escolares dos entrevistados, um deles foi reprovado duas vezes na disciplina Química Geral I e em Cálculo Diferencial e Integral II.

Na UENF essas disciplinas aparecem como as que mais reprovam os alunos dos cursos de Licenciatura, conforme levantamento da Secretaria Acadêmica. Nos extratos escolares dos outros dois entrevistados, não constam notas, por eles terem evadido antes de completarem um semestre letivo no curso. Dessa forma, só foi

possível a análise do extrato escolar de um entrevistado.

A entrevistada RMA, apesar de ter atribuído o conceito “bom” ao seu desempenho acadêmico, posteriormente revela que: “*eu não fiz avaliação na UENF*”. Já LMC, ao falar do seu desempenho acadêmico revela que: “*foi bom, pela falta de tempo pra estudar. Porque quando eu fiquei de licença por causa do pé quebrado, eu tirei boa nota*” e RRP, comenta: “*foi bom*”.

Na entrevista da ex-aluna LMC, suas dificuldades acadêmicas ocorreram devido ao trabalho, embora tenha atribuído o trancamento da disciplina Física Geral I à dificuldade de entendimento da linguagem de professor estrangeiro e disse: “*Eu tranquei Física por causa dele. Quando eu vi que não ia dar pra passar*” (LMC).

Quando perguntamos o que poderia contribuir para melhorar o seu desempenho acadêmico, LMC mencionou o Programa de Monitoria da UENF, mas segundo ela: “*a monitoria é durante o dia*”. De acordo com o que foi relatado, o oferecimento da monitoria no horário diurno, dificulta a participação de alguns alunos dos cursos de licenciatura, principalmente aqueles que trabalham durante o dia e por isso, não podem comparecer neste período do dia, na UENF, para estudarem.

A entrevista com o ex-Coordenador do Curso de Licenciatura em Química revela a dificuldade em encontrar alunos para atuar como monitores que, segundo ele, pode ser em função do horário para o atendimento dos alunos das licenciaturas, no período noturno. Ele considera que:

Então, a gente trabalha muito aquém do que seria o ideal. A nossa grande dificuldade é que os alunos de Química, de estágio mais avançado, não se candidatam à monitoria porque não têm disponibilidade de horário à noite. A grade é muito carregada, não tem muito horário vago. Então a gente trabalha a monitoria com o pessoal da engenharia. Mesmo os engenheiros não têm muito interesse na monitoria em Química, não sei se pelo horário porque ele tem que trabalhar à noite, não sei se por outro motivo, mas a procura pelos nossos editais de monitoria tem sido mais baixo.

Quanto à integração com os colegas do curso, um ambiente de aproximação e companheirismo é bem mais animador ao aluno, que pode contar com o amigo em suas dificuldades (Unglaub, 2003, p. 152). Da mesma forma como foi verificado nos outros cursos estudados, os respondentes variaram suas respostas entre contatos com colegas restritos à UENF e contato que ocorria também fora da Universidade.

Notamos que os contatos fora da universidade ocorriam com pessoas que já mantinham amizade desde o ensino médio, conforme relata RMA: “*a amizade era*

mais com os nove técnicos que fizeram o ensino médio no CEFET” e complementa dizendo: “o que eu sentia muita falta era o entrosamento porque na UENF, você tem uma distância muito grande das pessoas”. Do mesmo modo, RRP relata: “como eu te falei, tinha uns amigos do ensino médio, do CEFET e com esses amigos que eu já tinha, a gente sempre se encontrava”. É interessante considerar que esses dois ex-alunos, compartilham da mesma opinião, em função de terem estudado na mesma turma no ensino médio e vivenciado experiência semelhante na UENF, em relação à integração com colegas do curso.

Com as entrevistas, procuramos saber dos alunos quais foram as principais dificuldades encontradas em sua trajetória acadêmica na UENF. Os entrevistados do Curso de Licenciatura em Química limitaram-se nas suas respostas, em relação a este assunto e assim, suas respostas não permitiram um comentário mais aprofundado. Dessa forma, para LMC: *“a maior dificuldade foi a falta de tempo pra estudar”*, enquanto RRP, ao comentar: *“eu não tive dificuldade não. Eu teria dificuldade se eu ficasse no curso porque eu não teria todo tempo só pra me dedicar ao curso”*. E a entrevistada RMA disse: *“eu não tive dificuldade”*.

Causas da evasão

As causas da evasão no Curso de Licenciatura em Química tem sido objeto de estudo em algumas pesquisas. Mazzetto e Carneiro (2002, p. 1207) disseram que a evasão ocorre por problemas relativos à forma como os cursos são oferecidos, às baixas perspectivas de carreira, à falta de base para acompanhar o curso, ou ainda, pela falta de interesse do discente pelo curso.

Na UENF, um fato que me surpreendeu durante a pesquisa foi a constatação de que dois alunos que abandonaram o curso, disseram ter preferência pela Química e ainda, revelaram que não fizeram vestibular para outra IES, somente para a UENF. O depoimento desses alunos mais parece um desabafo resultante do *“sacrifício”* em conciliar estudo e trabalho, em função da dificuldade em articular as atividades escolares e o trabalho, conforme relatam os entrevistados a seguir:

Vários motivos, falta de tempo pra estudar e os professores da UENF. Eles acham que a gente deve estar à disposição deles, nas salas deles, a hora que eles querem. E se eu estudo à noite, a maioria trabalha, eu não posso “ta” lá de dia. NA UENF eu não tava conseguindo, eu “tava” encrocada. Eu tava no quinto período, mas “tava” devendo física, devendo cálculo e

toda encrocada. Em outras matérias não conseguia fazer por conta de não conseguir passar, de não ter tempo. Acabou que eu tranquei, tranquei dois períodos. Depois eu tentei voltar, só que nessa minha volta eu fui chamada pro CEFET. Eu me arrependi muito de ter saído de lá, mas não estava dando pra conciliar não (LMC).

No dia 02 de fevereiro do ano passado³⁷, eu fui contratado por uma empresa de Macaé e eles pediram pra eu morar em Macaé porque o horário é imprevisível.[...] Aí ... eu fui pra Macaé, até consegui ir e vir, um ou dois dias, mas não ia dar certo, não ia dar pra ficar indo e voltando³⁸ porque eu só ia ficar cansado e não ia resolver nada. Aí eu parei (RRP).

Outro motivo apontado para a evasão foi a aprovação para ingresso em outro curso e em outra IES, conforme depoimento de RMA:

Eu pretendo fazer Química, mas trabalho com educação ambiental, aí eu vim fazer um piloto aqui no CEFET e consegui um projeto de extensão. Eu entrei nesse projeto, fui ficando. Nesse caminho a UENF apareceu e desapareceu em minha vida. O CEFET, quando você entra aqui, você paga muito gosto e fica pro resto de sua vida. [...] E aqui eu já "tô" acostumada com tudo, eu já tinha uma história. Já se vão 5 anos, eu já "tô" mais que veterana aqui (RMA).

A partir dos depoimentos dos alunos podemos dizer que os alunos que evadiram do curso de Licenciatura em Química têm a percepção da sua realidade de estudante trabalhador e como isso influenciou na decisão de evadirem. Ao analisarmos os depoimentos dos alunos, percebemos que a maioria quer se profissionalizar, mas precisa trabalhar durante o dia, seja para custear seus estudos ou para contribuir para a renda da família e os que não trabalham, demonstraram a necessidade de participar efetivamente da vida econômica familiar. O curso noturno de Licenciatura pode ser uma opção para os alunos que exercem alguma atividade durante o dia.

A dificuldade do aluno do Curso noturno de Licenciatura em inserir-se em um programa de bolsa da UENF fica evidente quando perguntamos aos alunos se possuíam alguma bolsa de trabalho oferecida pela Universidade. Os alunos que evadiram antes de terminarem o primeiro semestre, não tiveram tempo hábil para solicitar bolsa, entretanto, a ex-aluna que permaneceu por mais tempo no curso disse não ter optado pela bolsa, em função de suas atividades profissionais.

Em relação à estrutura universitária da UENF, os alunos emitiram opiniões muito limitadas, até porque somente um dos entrevistados ficou mais tempo no

³⁷ O entrevistado RRP, refere-se ao ano de 2007.

³⁸ O entrevistado RRP se refere ao trajeto de 100 km entre Campos/RJ-Macaé/RJ e vice-versa.

curso e respondeu que: “a estrutura é boa” (LMC). Outro ex-aluno, RRP, embora não tenha completado um semestre no curso, disse que: “a estrutura é boa. Eu só fui uma vez na biblioteca” (RRP). Outro comentário positivo emitiu a entrevistada RMA que respondeu: “eu acho que fui umas duas vezes na biblioteca. Era boa. As salas de aula eram amplas, eram boas também” (RMA).

A ausência de modelos de universidades que contemplem a realidade do aluno-trabalhador tem contribuído para que a Universidade não se estabeleça como projeto de vida de muitas pessoas, quando deveria ser uma forma de aprimorar competências e demonstra a distância entre o universo acadêmico e o universo da classe trabalhadora (Ribeiro, 2005, p. 58). Foi exatamente isso que esteve presente no depoimento de um dos entrevistados, que viu na Universidade, uma realidade muito diferente da que ele esperava e assim, além de mencionar que não retornaria a UENF, concluiu:

Na UENF e em nenhuma faculdade pública. Porque a faculdade pública é desenhada pra quem trabalha não poder estudar. Aí falam, ah ... isso é elitismo, mas é verdade (RRP).

4.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresento as considerações finais referentes aos objetivos propostos nesta pesquisa. Na medida em que avancei tentando desvendar as causas da evasão discente, algumas lacunas são preenchidas, enquanto outras surgem. Coube adotar uma visão distanciada para que esse afastamento me proporcionasse um olhar compreensivo e menos preconceituoso do tema proposto neste trabalho que é a evasão, embora, em algumas vezes, mesmo que não intencionalmente, posso ter me revelado como servidora da UENF falando deste assunto.

Seguir pelos caminhos complexos da evasão discente no ensino superior revelou-se muito mais desafiante do que eu imaginava. A pesquisa de campo mostrou que a evasão não é somente feita de números, do quantitativo dos alunos que, ao deixarem a escola, não se formam e viram estatísticas, embora esses dados tenham importância na visão geral do tema, na universidade (Anexo XI). Mas um outro olhar da evasão discente pode perceber estudantes que têm sonhos, aspirações e frustrações. São pessoas que quando ouvidas mostram que a evasão tem nome, sobrenome, voz. Coube-nos ouvir essas vozes para conhecer, através delas, o significado da evasão para cada um desses alunos. Essas vozes enriqueceram este trabalho por revelarem conflitos, consensos e dissensos dos ex-alunos. Cada voz, com o seu tom, gerado a partir do que foi vivenciado na UENF.

Este estudo revelou que os evadidos dos quatro cursos estudados, não apresentaram um perfil muito diferenciado. A maioria dos alunos é de Campos dos Goytacazes, solteiros e jovens. Pertencem à faixa etária até 25 anos. Uma grande parcela de alunos dos quatro cursos de licenciatura, concluíram o ensino médio na escola pública. Quando consideramos o tipo de escola pública frequentada pelos alunos evadidos, somente no Curso de Licenciatura em Química, a maioria dos evadidos é proveniente da rede pública federal. Nos Cursos de Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Física e Licenciatura em Matemática, grande parte dos alunos concluíram o ensino médio na escola pública estadual. A partir desses dados constatamos que a escola pública qualifica os alunos para ingressar nos Cursos de Licenciatura da UENF.

À exceção de poucos, os pais dos alunos não alcançaram a formação universitária e a maioria das famílias dos entrevistados não pertence a uma classe

social elevada. Verificamos que a reivindicação por alojamento e bandeirão é uma especificidade encontrada nos depoimentos dos alunos evadidos que residem na cidade do Rio de Janeiro. No caso desses alunos, o fator econômico, aliado à ausência da oferta de serviços institucionais de apoio aos estudantes os influenciou na decisão de evadirem da Universidade.

Os depoimentos dos alunos revelaram que quando o aluno escolhe o curso, o faz, baseado na afinidade pela área de conhecimento, seguido pelo desejo de exercer a docência, pela não aprovação em outro curso ou ainda, pela facilidade de acesso ao curso de licenciatura. Mas percebemos que essas escolhas também são influenciadas pelos fatores socioeconômicos. Dessa forma, os alunos que trabalham, ingressam em um curso noturno que lhes permita conciliarem as atividades de trabalho e estudo.

A realidade socioeconômica do Brasil faz com que o ingresso no mercado de trabalho, muitas vezes ocorra em momento anterior ao ingresso na Universidade. Essa situação fica evidente quando constatamos que a maioria dos entrevistados trabalhava, quando ingressaram na UENF. Para superar a realidade de aluno trabalhador, verificamos o esforço de alguns para levarem adiante o curso, mas, em determinadas situações, a inclusão no mercado de trabalho, promove a exclusão deste mesmo aluno, do sistema de ensino.

Mesmo para os alunos que permanecem no curso, o estudante que trabalha enfrenta muitas dificuldades de inserção no ambiente universitário. Geralmente os estágios, trabalhos de campo e atividades das bolsas de trabalho, são realizados no período diurno. A dificuldade mais frequente apontada nas entrevistas dos alunos evadidos relaciona-se com a falta de tempo para o estudo. Outras dificuldades foram apontadas como desestímulo com o curso, inadequação ao curso, problemas pessoais, a excessiva exigência do professor, distância de casa, entendimento da linguagem do professor estrangeiro, distanciamento entre professor e aluno, acompanhamento de disciplinas e horário de aula. Também foi mencionada a dificuldade em conseguir livros e periódicos na biblioteca. Segundo os alunos, a pouca quantidade de material faz com que os alunos do período diurno, por chegarem mais cedo na instituição tenham prioridade na retirada deste material. Por isso, o investimento em material didático além de necessário, pode contribuir para o êxito escolar.

A vivência universitária apresentou aos alunos, desafios que mostraram suas limitações, dificuldades e êxitos, interferindo nas suas expectativas iniciais, em relação ao curso e à UENF. A relação professor/aluno foi vista pela maioria dos entrevistados como um fator positivo. Os ex-alunos reconhecem o preparo profissional dos docentes. A minoria dos entrevistados emitiu críticas relativas à postura do professor e suas práticas educativas, à falta de diálogo com os alunos e às atitudes impositivas e constrangedoras. Essas considerações foram apontadas como influências negativas nas expectativas dos estudantes. Isso pode ser decorrente da formação do corpo docente da UENF por pesquisadores com doutorado e pós-doutorado, que não têm, em sua maioria, formação na área pedagógica. Dessa forma, esses professores, ministram suas aulas de acordo com a formação que receberam, sendo reféns dessa metodologia que os moldou. Por outro lado, entendemos que os professores podem motivar o aluno, influenciando-o a permanecer no curso, Quando o professor interage bem com os alunos, cria-se um clima de motivação para a continuidade do curso, com resultados positivos no desempenho acadêmico dos discentes. Para o Prof. Roberto Weider de Assis Franco: *“todo mundo tem um exemplo de professor, exemplo bom ou ruim, um professor que vai ser referência pra você. Eu acho isso uma das coisas boas da profissão, essa possibilidade de influenciar as pessoas, poder valorizar o ensino”*. E assim constatamos nos relatos de alguns em que são mencionados nomes dos professores que foram bons exemplos de contribuição para o processo formativo dos seus alunos. Por outro lado as experiências negativas com os docentes, também foram reveladas nas entrevistas.

Outro ponto a ser considerado é que alguns entrevistados consideraram necessária, maior ênfase nas disciplinas pedagógicas. Ainda nessa mesma direção, alguns relatos apontaram que os cursos de licenciatura da UENF formam o pesquisador e não o licenciado. O que nos parece é que há na UENF, uma cultura institucionalizada de desvalorização dos cursos de licenciatura, conforme já mencionamos anteriormente. É relevante essa consideração, pois mesmo em um ambiente de grande produção científica, que é a UENF, devem ser valorizadas as questões pedagógicas e o ensino na graduação.

Não podemos deixar de comentar a presença de professores estrangeiros no quadro de docentes da UENF e que já constava no Plano Orientador da Universidade (1993) *“atrair a colaboração dos melhores cientistas brasileiros, bem*

como a predisposição de juntar a eles quantos pesquisadores estrangeiros possamos atrair para os programas de pesquisa e pós-graduação". Embora seja relevante, a participação desses professores nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para o crescimento da Universidade e na formação do corpo discente, existem alunos com grande dificuldade de entendimento da linguagem de alguns professores estrangeiros. É uma apresentação do saber em uma linguagem que os alunos, muitas vezes não entendem, dificultando a aprendizagem.

Quanto ao desempenho acadêmico notamos que a maioria dos alunos que ingressaram nos cursos de licenciatura concluíram o ensino médio na escola pública, Porém, o êxito da entrada na Universidade, não se estendeu ao desempenho acadêmico dos alunos nas licenciaturas, mas não podemos desconsiderar que o aluno, em alguns casos, tem sua parcela de culpa nas reprovações. Isso ocorre quando ele não coopera no sentido de envidar esforços para melhorar seu desempenho acadêmico, que pode ser resultado do comprometimento que ele tem com o curso.

Para responder a um dos objetivos propostos neste estudo, em relação às formas de evasão dos quatro cursos de Licenciatura abordados neste estudo, concluímos que o abandono foi a forma de evasão mais frequente, seguido do desligamento do curso, matrícula cancelada e das transferências para outras IES. Essas últimas ocorreram em sua maioria, com alunos que ingressaram na UENF por transferência de instituições particulares de ensino superior e assim, na evasão, esses alunos retornaram às instituições de origem. Deste modo, os alunos evadem, em sua maioria, por iniciativa própria, abandono, cancelamento de matrícula e transferências para outras IES. Já o desligamento do curso, ocorre pela aplicação das normas da instituição (Anexo XII). Quanto ao momento da evasão, para os cursos de licenciatura aqui abordados, a maior taxa de evasão encontra-se no primeiro ano do curso, mais especificamente, no primeiro semestre, período em que os alunos estão se adaptando à Universidade, tendo, portanto, maiores chances de evadir. Os estudos de Gaioso (2005, p. 24); Biazus (2004, p. 140); Fregoneis (2002, p. 71) revelaram que a evasão é maior no primeiro ano do curso.

A exclusão no ensino superior não ocorre, portanto, somente no acesso a Universidade. Após vencer a barreira do acesso, os alunos podem sucumbir às dificuldades da permanência. Permanecer na Universidade é uma tarefa difícil, sujeita ao enfrentamento de vários desafios para não ser excluído, pela evasão e

poder concluir o curso de graduação com sucesso.

Assim, a evasão assume para cada aluno entrevistado, um significado, uma implicação. As dificuldades apresentadas pelos entrevistados dos cursos de Licenciatura são também as principais causas da evasão discente na UENF. Responsabilizar apenas os alunos e professores pela evasão significa desconsiderar as dificuldades encontradas pelos estudantes na instituição, como também os fatores administrativos e socioculturais, internos e externos à instituição, assim como fatores relacionados às características individuais dos estudantes. Esses fatores isoladamente ou em conjunto, estão envolvidos na decisão do aluno evadir, embora com as entrevistas, percebemos que quando perguntados sobre o motivo da evasão, a maioria limitou-se a apontar um motivo, com exceção de dois entrevistados que tiveram percepção de que a evasão deveu-se a um conjunto de motivos.

Desta forma, no Curso de Licenciatura em Biologia os motivos da evasão apontados nas entrevistas são a falta de tempo para estudar, devido ao trabalho, questões financeiras e desmotivação com o curso. No Curso de Licenciatura em Física os problemas com professores, problemas pessoais, questões financeiras e o trabalho são os motivos apresentados pela saída do curso. Na Licenciatura em Matemática, também foi apontado como motivo da desistência do curso, o trabalho, desmotivação, desestímulo com o curso e ter obtido aprovação em curso que é primeira opção do aluno, além de uma conjugação de fatores: desestímulo e dificuldade de acompanhar o curso. Na Química, a falta de tempo devido ao trabalho, ter optado por outro curso e a relação entre falta de tempo, por causa do trabalho e problemas com os professores foram mencionados nas falas dos evadidos como causadores da evasão.

Outra constatação importante foi que a evasão é vista como um “tabu”. Reconhecemos essa característica, nas entrevistas com os alunos, pois este assunto os inibe nas suas falas. Isso também foi notório quando encontramos dificuldade em conseguir as entrevistas e percebemos que as recusas em conceder as entrevistas estavam relacionadas a este fato. Para os alunos, que geralmente são jovens, assumir a evasão é assumir o fracasso, a incapacidade de levarem adiante o curso de graduação. Notamos que nas falas dos alunos que evadiram da UENF e não retornaram aos seus estudos, certa culpa pela desistência do curso.

A “naturalização” da evasão esteve presente nos discursos dos Coordenadores de Curso, dizendo que a saída de alunos na UENF é considerada “normal”. Em minha opinião, não pode ser normal uma situação excludente que impede os estudantes de concluírem o curso. A divulgação dos dados da evasão na UENF, juntamente com uma discussão institucional pode reverter essa “visão” de normalidade e trazer reflexões críticas que são próprias de um ambiente universitário, *locus* da construção do conhecimento.

Já o Reitor, a Pró-Reitora de Graduação e o Assessor da PROGRAD não tiveram receio em falar sobre este assunto. Eles consideraram que a evasão deve ser discutida no âmbito da Universidade, o que já representa um avanço em busca das medidas que possam combatê-la. Alguns Coordenadores de curso desconhecem o real dimensionamento da evasão, dificultando com isso, a adoção de medidas preventivas para contornar este problema.

Sabe-se do problema, que ele existe e que ele afeta os alunos e a instituição, mas pouca coisa tem sido feita para o enfrentamento deste problema. Sobre isso, as entrevistas com as Coordenações de Curso foram reveladoras em relação à lacuna existente entre o que se sabe da evasão e o que tem sido feito efetivamente.

Algumas ações de combate a evasão estão sendo adotadas nos cursos de forma isolada, a exemplo do Curso de Licenciatura em Física, como reorganização curricular, conversas com os alunos, que dependem de um olhar mais atento da coordenação do curso para saber o momento em que ocorre o problema e o momento de aplicar as medidas de contenção do problema. A existência de um programa específico para tratar dos assuntos das Licenciaturas poderia dar tratamento igual a problemas comuns.

Nas entrevistas, percebemos que os alunos desconhecem os programas que a UENF possui e que podem ajudá-los no desempenho acadêmico e na trajetória acadêmica do discente. A pouca referência ao Programa de Monitoria nas entrevistas, demonstrou a falta de informação dos alunos ou até mesmo, a falta de divulgação deste Programa. A monitoria enfrenta ainda, o problema da “elitização” das bolsas oferecidas pela Universidade. As bolsas de iniciação científica, oferecidas pela pós-graduação acabam tendo maior *status* na UENF, reduzindo o número de alunos que poderiam estar atuando como monitores, apesar de ter o mesmo valor pago pela bolsa de Monitoria, devido a maior valorização da pesquisa em relação ao ensino na cultura institucional.

As entrevistas com os Coordenadores de Curso revelaram a dificuldade em encontrar monitores para atuarem junto às licenciaturas no período noturno. Esses monitores, em sua maioria, são alunos dos Cursos de bacharelado que frequentam a Universidade no período diurno. Assim, os alunos das Licenciaturas devem recorrer aos monitores no período diurno, o que nem sempre é possível aos alunos que trabalham durante o dia. Deste modo, a operacionalização da Monitoria nos cursos de licenciatura gera um problema administrativo, inibindo a utilização deste Programa pelos alunos. Ainda contamos com os relatos dos estudantes ao revelarem que não há Monitoria para todas as disciplinas, incluindo-se neste caso, algumas disciplinas que mais reprovam nos cursos de licenciatura. Outro problema de gestão da monitoria é a necessidade de contar com mais apoio dos professores que ministram as disciplinas com elevados índices de reprovação, no sentido de incentivar os discentes a atuarem neste Programa.

Já o Programa de Orientação acadêmica não aparece nas falas dos alunos e dos Coordenadores de Curso. Esse total desconhecimento deste Programa pode estar vinculado a questões institucionais de ordem administrativa, considerando que a implantação de qualquer programa significa uma série de medidas administrativas paralelas que o viabilize. Para isso faz-se necessária a disponibilização de tempo, por professores, alunos, aumento nas vagas de servidores administrativos, de docentes e muitas outras ações institucionais. Isso talvez seja a razão da não utilização da orientação acadêmica.

Para vencer o desafio de obter o diploma no ensino superior, a situação vivenciada por alguns alunos entrevistados foi recorrer ao ensino superior privado que vem conquistando cada vez mais espaço em detrimento do ensino público, devido às facilidades acadêmicas oferecidas aos alunos. Nesse sentido, as IES privadas são grande atrativo aos jovens que querem conseguir um diploma de um curso superior. A UENF, como Universidade pública enfrenta mais esta luta no campo da educação que é oferecer ensino de qualidade, comprometida com a formação dos seus alunos e ao mesmo tempo, ser mais atrativa ao aluno.

Por fim, apresentamos algumas sugestões que foram construídas a partir da vivência na execução deste trabalho, junto aos evadidos, Coordenadores de Curso, docentes que são ex-coordenadores e gestores da UENF. Em relação aos docentes, sugerimos uma política institucional de formação didática ao professor da UENF e curso de língua portuguesa para professores estrangeiros, visando minimizar

problemas no entendimento nas aulas desses professores. Quanto aos alunos, a adoção de uma política institucional voltada para a permanência dos estudantes na Universidade e fortalecer os programas já existentes de orientação acadêmica e monitoria. Também apresentamos a sugestão de um efetivo acompanhamento dos alunos, mediante relatórios emitidos pelo sistema acadêmico da graduação, sobre a vida acadêmica do estudante, as notas e frequência nas aulas, número de créditos cursados por semestre, reprovações em disciplinas e trancamentos. Esses levantamentos publicizados na UENF entre os docentes e coordenações de curso podem auxiliar a adotar medidas para minimizar esses problemas.

Sabemos que a Universidade deve usar da reflexão crítica que suscita em seus alunos, para os problemas que a afligem. Porém, o esforço deve ser coletivo, envolvendo toda a comunidade universitária e assim, a ação transformadora se traduzirá na ousadia do enfrentamento dos problemas que insistem em mostrar o viés excludente da Universidade, que se dá pela evasão dos seus alunos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leandro S.; GUISANDE, Maria Adelina; SOARES, Ana Paula; SAAVEDRA, Luísa. Acesso e Sucesso no Ensino Superior em Portugal: questões de gênero, origem sociocultural e percurso acadêmico dos alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 507-514, 2006.

ALVES, Karolyne Silva. Evasão universitária: Conseqüências na vida pessoal do aluno. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2008, 78 p. Disponível em: <http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2008/07/Karolyne.pdf>. Acesso em 25/02/09.

ALMEIDA, Leandro S., SOARES, Ana Paula C. & FERREIRA, Joaquim Armando. Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r): Avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 2, p. 81-93, 2002.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira; ANDRIOLA, Cristiany Gomes; MOURA, Cristiane Pascoal. Opiniões de docentes e de coordenadores acerca do fenômeno da evasão discente dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 52, p. 365-382, jul/set, 2006.

ARRUDA, Sérgio de Mello; CARVALHO, Marcelo Alves; PASSOS, Marinez Meneghello; SILVEIRA, Fernando Lang da. Dados comparativos sobre a evasão em Física, Matemática, Química e Biologia da Universidade Estadual de Londrina: 1996 a 2004. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*. v. 23, n. 3: p. 418-438, 2006.

ARRUDA, Sérgio de Mello; UENO, Micheli Hidemi. Sobre o Ingresso, Desistência e Permanência no Curso de Física da Universidade Estadual de Londrina: algumas reflexões. *Revista Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 159-175, 2003.

BARDAGI, Marúcia Patta; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; PARDISO, Ângela Carina. Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), pp. 153-166, 2003.

BARBOSA, Marcos Antônio. O Insucesso no Ensino e Aprendizagem na Disciplina de Cálculo Diferencial e Integral. Curitiba: PUC/Paraná, 2004. Tese (Mestrado em Educação), 102p.

BARREIRO, Iraíde Marues de Freitas; TERRIBILI FILHO, Armando. Educação superior no período noturno no Brasil: políticas, intenções e omissões. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 81-102, 2007.

BARROSO, Marta F.; FALCÃO, Eliane B. M. Evasão Universitária: o caso do Instituto de Física da UFRJ. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física, Jaboticatubas, MG. Anais do IX EPEF, 2004. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/gra/agenda/co12-2.pdf>. Acesso em 24/11/08.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (editores). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BIAZUS, Cleber Augusto. Sistema de fatores que influenciam o aluno a evadir-se dos cursos de graduação da UFSM e na UFSC: um estudo no curso de Ciências Contábeis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), 203p.

BORGES, J. L. G. ; CARNIELLI, B. L. .Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 35, n. 124, p. 113-130, 2005.

BORGES, Rodolfo. Esforço para não desperdiçar vagas. Especial – Evasão Universitária. UnB Notícias. Secretaria de Comunicação. Universidade de Brasília. Ano 3 . n. 83. maio e junho de 2008.

BRAGA, Mauro Mendes; PEIXOTO, Maria do Carmo Lacerda ; BOGUTCHI, Tânia Fernandes . Tendências da Demanda pelo Ensino Superior: Estudo de Caso da UFMG. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 113, p. 129-152, 2001.

BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em Educação- conversas com pós-graduandos. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. Relatório Final. Comissão Especial Sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. Diplomação, Retenção e Evasão nos Cursos de Graduação em Instituições de Ensino Superior Públicas. Brasília, DF: BRASIL/ MEC/SESu, 1996.

_____. Lei nº 9.536 de 11 de dezembro de 1997. Regulamenta o parágrafo único do art. 49 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Diário Oficial, 12 de dez., 1997.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. – São Paulo: Iglu, 2000.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Sinopses do ensino superior. Censo da educação superior/2007. Disponível em: [www. www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse2007](http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse2007). Acesso em set. 2008.

BRITO, Márcia Regina F . ENADE 2005: Perfil, desempenho e razão de opção dos estudantes pelas Licenciaturas. Avaliação (Campinas), v. 12, n. 3, p. 401-443, 2007.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. Resolução nº 001/2000. Estabelece Normas para concessão de Bolsas de Apoio Acadêmico. Campos dos Goytacazes: UENF, 11 de mai. de 2000.

_____. Resolução nº 001/2004. Estabelece o Programa de Monitoria para alunos de graduação da UENF. Campos dos Goytacazes: UENF, 11 de fev. de 2004.

_____. Resolução nº 001/2003. Estabelece o Programa de Orientação Acadêmica. Campos dos Goytacazes: UENF, 10 de abr. de 2003.

CASTILHO, L. M. M. ; MAXIMINO, Viviane. O Estresse da Escolha Profissional. VI Encontro Latino Americano de Pós Graduação. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2006. v. 13. p. 43-44. Disponível em www.inicepg.univap.br/INIC_2006/inic/inic/03/INIC0001089_OK.pdf. Acesso em março de 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CUNHA, Aparecida Miranda; TUNES, Elizabeth; SILVA, Roberto Ribeiro da. Evasão no curso de química da Universidade de Brasília: A interpretação do aluno evadido. Revista Química Nova, v. 24, n. 1, p. 262-280, 2001.

Darcy Ribeiro. Terceiro milênio - Plano Orientador da Universidade Estadual do Norte Fluminense - Vol. 1, N.º. 1. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 1993.

ENGE, Janine Schultz. Da Universidade ao mundo do trabalho: Um estudo sobre o início da profissionalização de egressos do Curso de Licenciatura da USP (1994 - 1995). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), 127p.

FREGONEIS, Jucélia Geni Pereira. Estudos do Desempenho Acadêmico nos Cursos de Graduação dos Centros de Ciências Exatas e de Tecnologia da Universidade Estadual de Maringá: Período 1995-2000. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), 145p.

GAIOSO, Natalícia Pacheco de Lacerda. O Fenômeno da Evasão Escolar na Educação Superior no Brasil. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), 75p. Disponível em: <http://www.lesale.unesco.org.br/programas>. Acesso em 25/09/08.

GHIRALDELLO, Luciane. Integração do Estudante ao Ensino Superior: Estudo sobre o ingressante de um Curso de Turismo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Educação), São Paulo, 125p. Disponível em: <http://www.libdigi.unicamp.br/document/code?=vtls0004411245>. Acesso em 05/04/2008.

GOMES, S. D. L. ; ANGERAMI, E. L. S. ; MENDES, I. J. M. . Acompanhamento da Vida Escolar dos Alunos Ingressantes no Curso de Graduação em Enfermagem Numa Escola Brasileira - Período 1984 a 1988. Revista Latino-americana de Enfermagem, v. 3, n. 1, p. 95-107, 1995.

GONZÁLEZ, L E. Repitencia y deserción en América Latina [monografía en Internet]. Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe. Panamá, 2006. Disponível em: <http://www.iesalc.unesco.org.ve>. Acesso em 12/02/3009.

HANGLEI, Núria C. A Formação do Professor de Geografia: Uma questão institucional. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, GO, v.24, n.1-2, p.23-30, jan/dez, 2004.

JESUS, Tereza Klimontovics. Redução da Demanda do Curso de Licenciatura em Matemática, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) – Universidade Católica de Brasília. Disponível em www.matematica.ucb.br/sites/000/6800000082.pdf.

Licenciaturas em alta no Rio Grande do Sul. Jornal Correio do Povo. Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://www.contee.org.br/noticias/educacao/nedu434.asp>. Acesso em mar/09.

LIMA, Vânia Marques. Percepções de estudantes de primeiro período sobre o serviço educacional: análise empírica de uma IES privada na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Economia e Finanças IBMEC, 2006. Dissertação (Mestrado em Economia), Rio de Janeiro, 146p. Disponível em: <http://www.ibmecrj.br/sub/RJ/files/VANIA%20MARQUES.pdf>. Acesso em: jul/2008.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. O perfil dos estudantes da UFG: uma análise a partir do processo seletivo 2002. Revista Sociedade e Cultura, v. 5, n. 2, p. 137-145, 2004.

MACHADO, Sérgio P.; MELO FILHO, João Massena; PINTO, Ângelo C. A Evasão nos Cursos de Graduação de Química. Uma Experiência de Sucesso feita no Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro para diminuir a evasão. Revista Química Nova, Vol. 28, Suplemento, S41-S43, 2005.

MAIA, Marilda de França. A Evasão Escolar no 3º grau: A quem interessam as razões? Caracterização do aluno evadido dos cursos de graduação/Licenciatura do *campus* I, da Universidade Federal da Paraíba, no período de 1975/80. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1984. Dissertação (Mestrado em Educação), São Paulo, 141p. Disponível em: <http://www.libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000017927>. Acesso em set/2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARQUES, Carlos Alberto; PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. Fórum das Licenciaturas em Universidades Brasileiras: construindo alternativas para a formação inicial de professores. Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 78, p.171-183, 2002.

MAZZETTO, Selma Elaine; CARNEIRO, Cláudia Christina Bravo Sá. Licenciatura em Química da UFC: Perfil Sócio-Econômico, Evasão e Desempenho dos Alunos. Revista Quimica Nova, Vol. 25, No. 6B, 1204-1210, 2002.

MOURA, Dante Henrique; SILVA, Meyrelândia dos Santos. A Evasão no Curso de Licenciatura em Geografia oferecido pelo CEFET-RN. Holos, Ano 23, Vol. 3, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. Favorecimento econômico e excelência escolar. In: 26 Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2003, Poços de Caldas - MG. Caderno de Resumos da 26ª Reunião Anual da ANPEd. Rio de Janeiro/Petrópolis: ANPEd/Vozes, 2003. v. 01. p. 223-224.

NORONHA, A. B.; SANTOS, F. F. F. Estudo do Perfil do Aluno Evadido da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, Campus Ribeirão Preto. In: V SEMEAD - Seminários de Administração, 2001, São Paulo. V SEMEAD - Seminários de Administração, 2001. p. 1-12.

NORMAS DA GRADUAÇÃO, Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2000.

OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva Sales; SOUZA, Olga Maria Kersul de; VIEIRA, Valdecir Wilson Vieira, ADÁRIO, York da Silva; REZENDE, Marisa Antônia de Figueiredo Seda. Identificação de variáveis de contextos em universitários de primeiro ano. Revista de Psicologia da Vestor Editora, v.8, nº 2, p. 227-235, Jul./Dez. 2007.

OSADA, Neide Mayumi; COSTA, Maria da Conceição da. A Construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na Biologia Molecular. cadernos pagu (27), p.279-299, 2006.

PACHANE, Graziela Giusti. A universidade vivida: a experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal a partir da percepção do aluno. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação), São Paulo, 183p. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000129142>. Acesso em out/2008.

PALHARINI, Francisco de Assis. Contornos da evasão no Curso de Letras da UFF. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: preconceito lingüístico e cânone literário, n. 36, v. 1, p. 145-164, 2008

PEREIRA, Fernanda Cristina Barbosa. Determinantes da evasão de alunos e os custos ocultos para as instituições de ensino superior: Uma aplicação na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Tese (Doutorado em Educação), 173p. Disponível em:

PEREIRA, L. J. M.; LIMA, M. C. A. Evasão no curso de física da UFMA nos primeiros períodos do curso. In: XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2007, São Luís. Anais do XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física. São Paulo: SBF, 2007. Disponível em www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snfxvii/sys/resumos/to362-1.pdf

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. O Trancamento de Matrícula na Trajetória Acadêmica do Universitário: condições de Saída e de Retorno à Instituição. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação), São Paulo, 179p. Disponível em: <http://www.libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000219642>. Acesso em mar/2008.

RAMOS, Avia Gusmão; LIMA, Eliene Rodrigues de. O secundarista e o processo de escolha da profissão. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.77, n.185, p.191-219. jan/abr.1996.

REIS, Mônica. Fuga da Escola. *Jornal da UFRJ*, p. 1-24, 2007.

REZENDE, F. ; OSTERMANN, Fernanda. A questão de gênero no ensino de ciências sob o enfoque sociocultural. In: XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2007, São Luiz. *Anais do XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2007. v. 1. p. 1-11.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. O Projeto Profissional Familiar como determinante da Evasão Universitária – Um Estudo Preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 2005, 6 (2), pp. 55-70.

SALIBA, Nemre Adas, MOIMAZ, Suzely Adas Saliba; RAPHAEL, Hélia Sônia; TIANO Ana Valéria Pagliari; RODRIGUES, Renata Prata Cunha Bernardes. Organização curricular, evasão e repetência no curso de odontologia: um estudo longitudinal. *Revista de Odontologia da UNESP*. 2006; 35(3): 209-214.

SÃO PAULO. Relatório Final. Pró-Reitoria de Graduação. Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação. Acompanhamento da Trajetória Escolar dos Alunos da Universidade de São Paulo: Ingressantes de 1995 a 1998. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

SILVA, César Augusto Tibúrcio. Relatório sobre Custo/Aluno. Secretaria de Planejamento. Universidade de Brasília, 2003.

SILVA, Maelin da; PADOIN, Maristela Jorge. Relação entre o desempenho no vestibular e o desempenho durante o curso de graduação. *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 47-58, jan./mar. 2008.

SILVA, Rosenir Rita de Cássia Moreira da; MAINIER, Fernando Benedicto; PASSOS, Fábio Barboza Passos. A Contribuição da disciplina de Introdução à Engenharia Química. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 261-277, abr./jun. 2006.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo; MONTEJUMAS, Paulo Roberto; HIPÓLITO, Oscar; Lobo, Maria Beatriz de Carvalho Melo. A Evasão no Ensino Superior Brasileiro. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. set. / dez. 2007. v. 37 – n. 132.

SOUZA, Carla Alves; SALEM, Sonia; KAWAMURA, Maria Regina. Um Panorama da Evasão e dos Concluintes do Curso de Licenciatura em Física na USP: 2007. Instituto de Física – Universidade de São Paulo.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). V. 12, n.1, p. 185-202, 2008.

TINTO, V. Dropout from Higher Education: a theoretical synthesis of recent research. Review of Educational Research, v. 45, n.1, p. 89-125, 1975. Disponível em: <http://rer.sagepub.com/>. Acesso em dez. de 2008.

TINTO, V. Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence. Journal of Higher Education. Ohio, v. 68, n.6, p. 19-32, 1997. Disponível em <http://www.ohiostatepress.org/Journals/JHE/jhemain.htm>. Acesso em fev. de 2009.

TINTO, Vicent. Research and practice of student retention: what next? Journal College Student Retention, n. 1, v. 8, p. 1-19, 2006. Disponível em: www.cscsr.org/retention_journal.htm. Acesso em mar. de 2008.

VELOSO, Teresa Christina Mertens Aguiar. A Evasão nos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Cuiabá 1985/2 a 1995/2 – Um processo de exclusão. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2000.

VILLAS BÔAS, Gláucia K. Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de Ciências Sociais. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 45-62, 2003.

VIANNA, José F., AYDOS, Maria Celina, SIQUEIRA, Onofre S. Curso noturno de Licenciatura em Química – uma década de experiência na UFMS. Revista Química Nova, 20 (2), p. 213-218, 1997.

UNGLAUB, Eliel. Diligência de estudantes de graduação de tempo integral e tempo parcial. 430p. Tese de Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2003.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação. Vol,11, nº 32, p. 226-370. Campinas, 2006.

APÊNDICES

Apêndice I: Relação das entrevistas com Reitor, Pró-Reitora de Graduação, Assessoria da PROGRAD, Coordenadores e ex-Coordenadores de Curso da UENF

1. Entrevistado: **Prof. Jorge Hudson Petretski** (Coordenador do Curso de Licenciatura em Biologia)
Data: 10/06/2008
Local: Sala 209 do Prédio P-4/UENF
Horário: 17h09min – 20h11min

2. Entrevistado: **Prof. Roberto Trindade Faria Júnior** (Ex-Coordenador do Curso de Licenciatura em Física)
Data: 24/06/2008
Local: Sala de Reuniões do Anexo do Prédio P-5/UENF
Horário: 17h15min – 18h10min

3. Entrevistado: **Prof. Juraci Aparecido Sampaio** (Coordenador do Curso de Licenciatura em Física)
Data: 19/09/2008
Local: Sala 212 do anexo do CCT/UENF
Horário: 17h30min – 18h35min

4. Entrevistado: **Prof. Nilson Sérgio Peres Stahl** (Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática)
Data: 23/09/2008
Local: Sala do Laboratório de Ciências Matemáticas do P-4
Horário: 17h15min – 17h55min

5. Entrevistado: **Prof. Luiz César passoni** (Ex-Coordenador do Curso de Licenciatura em Química)
Data: 25/09/2008
Local: Sala 112 do CCT.
Horário: 17h – 17h50min

6. Entrevistado: **Prof. Roberto Weider de Assis Franco** (Ex-Assessor da PROGRAD)
Data: 31/10/2008
Local: PROGRAD
Horário: 09h15min – 10h05min

7. Entrevistada: **Prof^a Lilian Maria Garcia Bahia de Oliveira** (Pró-Reitora de Graduação)
Data: 19/11/2008
Local: Gabinete da Pró-Reitora/PROGRAD
Horário: 10h10min – 10h55min

8. Entrevistado: **Prof. Almy Junior Cordeiro de Carvalho** (Reitor da UENF)
Data: 27/01/2009
Local: Gabinete do Reitor/UENF
Horário: 11h05min – 11h50min

Apêndice II: Relação dos alunos evadidos entrevistados

1. Entrevistado: **TPS** (Licenciatura em Física)
Data: 03/06/2008
Local: Entrevista feita por telefone
Horário: 17h50min – 18h15min
2. Entrevistado: **SSD** (Licenciatura em Física)
Data: 03/06/2008
Local: Sala 5-A do Anexo do CCT/UENF
Horário: 18h20min – 19h30min
3. Entrevistada: **EBG** (Licenciatura em Biologia)
Data: 05/06/2008
Local: Sala do CPPD do IFF – 1º andar
Horário: 13h38min – 14h15min
4. Entrevistado: **ACM** (Licenciatura em Matemática)
Data: 06/06/2008
Local: Sala de Reuniões da Reitoria da UENF
Horário: 16h50min – 17h30min
5. Entrevistado: **RRP** (Licenciatura em Química)
Data: 09/06/2008
Local: Residência do entrevistado. Parque João Maria. Campos dos Goytacazes.
Horário: 08h30min – 09h25min
6. Entrevistado: **LAG** (Licenciatura em Matemática)
Data: 12/06/2008
Local: Sala de reuniões da Diretoria do CCH/UENF
Horário: 16h50min – 17h30min
7. Entrevistado: **NMP** (Licenciatura em Matemática)
Data: 13/06/2008
Local: Sala de computadores da Biblioteca do CCH/UENF
Horário: 17h10min – 17h40min
8. Entrevistado: **JDT** (Licenciatura em Física)
Data: 13/06/2008
Local: Área de convivência do Prédio P-5 da UENF
Horário: 13h05min – 14h10min
9. Entrevistada: **LMC** (Licenciatura em Química)
Data: 25/06/2008
Local: Residência da entrevistada. Centro. Campos dos Goytacazes
Horário: 14h05min - 14h55min

10. Entrevistada: **RMA** (Licenciatura em Química)
Data: 26/06/2008
Local: Sala Verde da Biblioteca do Instituto Federal Fluminense (IFF)
Horário: 09h10min – 10h28min
11. Entrevistado: **RF** (Licenciatura em Matemática)
Data: 03/07/2008
Local: Residência do entrevistado. Parque Leopoldina. Campos dos Goytacazes
Horário: 14h06min – 14h55min
12. Entrevistada: **GRL** (Licenciatura em Biologia)
Data: 14/07/2009
Local: Por telefone. A entrevistada reside no Rio de Janeiro
Horário: 13h43min – 14h12min
13. Entrevistada: **VSM** (Licenciatura em Biologia)
Data: 14/07/2008
Local: Por telefone. A entrevistada reside no Rio de Janeiro
Horário: 14h15min – 14h38min
14. Entrevistado: **APA** (Licenciatura em Física)
Data: 14/07/2008
Local: Por telefone. O entrevistado trabalha em Macaé.
Horário: 18h30min – 18h52min
15. Entrevistada: **QGM** (Licenciatura em Biologia)
Data: 15/07/2008
Local: Residência da entrevistada. Jôquei Club. Campos dos Goytacazes
Horário: 08h30min – 09h42min
16. Entrevistado: **GMA** (Licenciatura em Matemática)
Data: 15/07/2008
Local: Sala de Reuniões da Reitoria/UENF
Horário: 10h20min – 10h53min
17. Entrevistada: **MMM** (Licenciatura em Matemática)
Data: 15/07/2008
Local: Residência da entrevistada. Flamboyant II
Horário: 14h05min – 15h25min
18. Entrevistada: **ABL** (Licenciatura em Biologia)
Data: 17/07/2008
Local: Centro de Controle de Zoonozes da Prefeitura de Campos – Pecuária.
Horário: 11h02min – 11h37min
19. Entrevistado: **TSA** (Licenciatura em Física)
Data: 22/07/2008
Local: Por telefone. O entrevistado reside no Rio de Janeiro
Horário: 11h35min – 11h56min

Apêndice III: Roteiro de Entrevista com o Reitor, Pró-Reitora de Graduação e Assessoria da PROGRAD

Roteiro de Entrevista	
Pesquisa: A evasão da UENF: uma análise dos Cursos de Licenciatura (2003-2007)	
Data da entrevista:	
Hora do Início:	Hora do Término:
Nome do entrevistado:	
Cargo ou Função:	
Tempo de atuação no cargo ou função:	
1) Qual importância dos cursos de licenciatura da UENF para a UENF e para a sociedade?	
2) A que V.S ^a atribui a baixa procura pelos Cursos de Licenciatura?	
2) Como V.S ^a define o perfil do aluno dos Cursos de Licenciatura da UENF?	
3) Qual a opinião de V.S ^a sobre a evasão nos cursos de Licenciatura da UENF e por que ela ocorre?	
4) Poderia discorrer sobre a metodologia dos professores em sala de aula e sua relação com a evasão nas Licenciaturas?	
5) Quais ações estão sendo implementadas para minimizar a evasão na UENF?	
6) Em relação à uma política de assistência ao aluno, o que vem sendo pensado a esse respeito e como essa política pode contribuir para minimizar a evasão?	
7) Qual a opinião de V.S ^a sobre a discussão institucional da evasão?	
9) Gostaria de fazer algum comentário?	

Apêndice IV: Roteiro de Entrevista com Coordenadores de Curso

Roteiro de Entrevista	
Essa entrevista se refere à pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem (CCH) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) que tem como título: A evasão da UENF: Uma análise dos Cursos de Licenciatura no período de 2003 a 2007. Gostaria de poder contar com a sua participação como contribuição ao enriquecimento desta pesquisa. Desde já, agradeço por sua colaboração.	
Pesquisa: A evasão da UENF: uma análise dos Cursos de Licenciatura	
Data da entrevista:	
Entrevistadora: Marilene de Almeida Viana Reid Silva	
Permissão para gravar? () Sim () Não	
Local da entrevista:	
Hora do Início:	Hora do Término:
Nome do entrevistado:	
Cargo ou Função:	
Tempo na coordenação do curso:	
1) Poderia fazer uma explanação do curso de Licenciatura em _____?	
2) Fale sobre o perfil do aluno do curso de Licenciatura em _____	
3) Como é a organização curricular do curso? Esclarecer.	
4) É perceptível os pontos de retenção no curso, caso exista? Em caso afirmativo, quais disciplinas promovem a retenção dos alunos e por que?	
5) Você saberia me dizer algumas das maiores dificuldades que os alunos enfrentam na UENF e que podem ser observadas ? Explicar.	
7) Existe uma preocupação da coordenação do curso e dos professores com a evasão ? Poderia falar sobre isso?	

8) São envidadas ações pelo curso para minimizar a evasão? Em caso afirmativo, quais são essas ações e como são implementadas?

09) Você já participou ou participa de alguma discussão interna sobre a evasão? Na sua opinião até que ponto a discussão deste problema pode ser benéfica no combate da evasão?

10) Na sua opinião que correlação pode ser feita entre o Programa de bolsas a alunos da UENF e a evasão nas Licenciaturas?

11) Existe algum programa para auxiliar o aluno em suas deficiências acadêmicas? Em caso afirmativo, qual o programa utilizado e como o programa ajuda o aluno?

12) Gostaria de ouvir a sua opinião com relação à estrutura universitária, do que poderia ser modificado e/ou implementado para um melhor oferecimento do curso aos alunos?

13) Gostaria de fazer algum comentário?

APÊNDICE V: Roteiro de Entrevista com alunos evadidos

Roteiro de Entrevista	
Essa entrevista se refere à pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem (CCH) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) que tem como título: A evasão da UENF: Uma análise dos Cursos de Licenciatura no período de 2003 a 2007. Gostaria de poder contar com a sua participação como contribuição ao enriquecimento desta pesquisa. Desde já, agradeço por sua colaboração.	
Pesquisa: A evasão da UENF: uma análise dos Cursos de Licenciatura	
Data da entrevista:	
Entrevistadora: Marilene de Almeida Viana Reid Silva	
Permissão para gravar? () Sim () Não	
Local da entrevista:	
Hora do Início:	Hora do Término:
Nome do entrevistado:	
Gênero: Masculino () Feminino () Idade:	
Tempo na coordenação do curso:	
Profissão:	
Desde quando trabalha nessa profissão?	
Regime de trabalho:	
Renda pessoal: () 1SM () 2 a 4 SM () acima de 5 SM	
Enquanto estudava na UENF, você trabalhava? () Sim () Não	
Em caso afirmativo, qual a sua ocupação?	
Regime de trabalho:	
Reside com a família? Quantas pessoas moram em sua casa?	
Tipo de residência: () casa () apartamento () outra. Qual?	
Sua residência é: () própria () alugada () outro (a). Qual?	
Quantas pessoas que moram com você contribuem para a renda familiar?	
Renda familiar: () 1 SM () 2 a 4 SM () acima de 5 SM	
Cidade em que nasceu:	
Estado Civil:	
Número de filhos:	
Seu (s) filho (s) mora (m) com você?	
Gênero dos filhos:	
Escolaridade dos pais: Mãe	Pai:

Profissão dos pais: Mãe	Pai:
1) Qual o motivo da escolha do Curso de Licenciatura em _____ na UENF?	
2) Este curso foi a sua primeira opção ou você prestou outro (s) vestibular (es)? Em caso afirmativo, qual o outro curso e para qual instituição?	
3) Quando você ingressou na UENF, como você se sentiu em relação à universidade? (Expectativa)	
4) Depois que você ingressou na UENF, como ficou sua expectativa em relação à Universidade e ao curso?	
5) Pode me falar um pouco em como era a sua rotina de vida (seu dia-a-dia) enquanto estava estudando na UENF?	
6) Fale-me um pouco de sua trajetória escolar na UENF: <ul style="list-style-type: none"> 6.1- desempenho acadêmico (notas e reprovação). Por que? 6.2- o que poderia contribuir para melhorar o seu desempenho acadêmico? 6.2- trancamento de matrícula. Se o fez, pode me dizer por que? 6.3- trancamento de disciplina. Se o fez, pode me dizer por que? 6.4- relacionamento com colegas de turma. 6.5- relacionamento com colegas da UENF. 6.6- relacionamento com professores de um modo geral. 6.7- relacionamento com servidores da UENF. 6.8- você participou de algum Programa que o (a) auxiliou em sua trajetória acadêmica? Em caso afirmativo, qual (is) programa (s) e comente. 6.9- esteve inserido em algum Programa de bolsas da UENF? Qual (is)? Como utilizava a sua renda proveniente dessa bolsa? 	
7) Qual (is) a (s) maior (es) dificuldade (s) encontrada (s) por você durante o curso?	
8) Qual ou quais motivo (s) levou (aram) você a desistir do curso na UENF?	
9) Qual foi a opinião dos seus pais e/ou cônjuge com relação a sua saída da UENF?	

10) Fale agora um pouco de como está sendo a sua vida após a saída da UENF?

11) Você retornaria a estudar na UENF? Em caso afirmativo, para que curso e o que você sugere para o seu retorno?

12) Agora eu gostaria de sua opinião sobre alguns itens:

12.1- Como você avalia a estrutura universitária da UENF?

12.2- Qual a sua opinião sobre a organização curricular do curso do qual fez parte?

12.3- Em sua opinião, o que você propõe para que a UENF possa melhorar cada vez mais como instituição de ensino público e de qualidade?

12.4- Que sugestões você daria para o curso de Licenciatura em _____?

13) Gostaria de fazer mais algum comentário?

Apêndice VI: Levantamento das respostas às entrevistas e total dos alunos evadidos entrevistados

Cursos de Licenciatura	Biologia	Física	Matemática	Química	Total
Situação					
Total dos evadidos que não informaram nº telefone na matrícula	02	03	04	06	15
Total dos evadidos que se recusaram a conceder a entrevista	03	02	-	02	07
Total dos evadidos com nº telefone inexistente	06	05	04	06	21
Total dos evadidos telefone não foi atendido (após várias tentativas)	08	04	07	10	29
Total dos evadidos telefone pertence a outra pessoa	07	04	02	01	14
Total dos evadidos telefone pertence a pessoa da família que se recusou a fornecer contato	02	05	01	01	09
Total dos evadidos telefone pertence a pessoa da família que informou não saber o telefone do evadido	-	01	01	03	05
Evadidos fazendo curso em outro estado	01	-	-	-	01
Evadidos contactados e que solicitaram o telefone para retornar a ligação (sem retorno)	05	01	02	03	11
Total dos e-mails enviados após contato telefônico (sem retorno)	10	03	05	03	21
Total dos evadidos que não compareceram a entrevista	01	-	-	03	04
Total das entrevistas realizadas	05	05	06	03	19
Total dos alunos evadidos	69	63	51	67	250

Apêndice VII: Cidade de origem do aluno evadido

Estado	Cidade	Cursos de Licenciatura				Total	%
		Biologia	Física	Matematica	Química		
	Campos dos Goytacazes	46	43	34	43	166	66,40
	Arraial do Cabo	-	-	-	01	01	0,40
	Barra do Pirai	-	-	-	01	01	0,40
	Bom Jesus do Itabapoana	03	02	-	-	05	2,00
	Cabo Frio	01	01	-	-	02	0,80
	Cachoeiras	01	-	-	-	01	0,40
	Conceição de Macabu	03	-	01	-	04	1,60
	Itajaí	-	-	-	01	01	0,40
	Italva	01	-	01	-	02	0,80
	Macaé	01	05	06	04	16	6,40
Rio de Janeiro	Maricá	-	-	-	01	01	0,40
	Miguel Pereira	01	-	-	-	01	0,40
	Miracema	-	-	-	01	01	0,40
	Nilópolis	-	-	01	-	01	0,40
	Niterói	01	-	01	01	03	1,20
	Rio das Ostras	01	-	-	01	02	0,80
	Rio de Janeiro	05	05	-	04	14	5,60
	Santo Antônio de Pádua	-	-	01	-	01	0,40
	São Fidélis	01	-	01	03	05	2,00
	São Francisco Itabapoana	01	-	01	01	03	1,20
	São Gonçalo	-	01	-	-	01	0,40
	São João da Barra	-	01	02	01	04	1,60
	São Pedro D'Aldeia	-	01	-	-	01	0,40
	Seropédica	01	-	-	-	01	0,40
	Volta Redonda	-	01	-	-	01	0,40
Espírito Santo	Castelo	-	02	-	01	03	1,20
	São José do Calçado	01	01	-	-	02	0,80
	Cachoeiro do Itapemirim	-	-	02	03	05	2,00
Minas Gerais	Muriaé	01	-	-	-	01	0,40
	Total	69	63	51	67	250	100

Fonte: Secretaria Acadêmica/2008

Apêndice VIII: Faixa etária do aluno evadido ao ingressar na UENF

Faixa Etária	Cursos de Licenciatura				Total	%
	Biologia	Física	Matemática	Química		
17-19	20	18	12	24	74	29,60
20-22	20	22	14	20	76	30,40
23-25	10	10	08	12	40	16,00
26-28	06	02	03	-	11	4,40
29-31	06	02	03	06	17	6,80
32-34	01	05	04	-	10	4,00
35-37	01	01	03	03	08	3,20
38-40	01	01	03	02	07	2,80
41-43	-	-	-	-	-	-
44-46	01	02	-	-	03	1,20
47-49	02	-	01	-	03	1,20
50-52	-	-	-	-	-	-
53-55	01	-	-	-	01	0,40
Acima de 55	-	-	-	-	-	-
Total	69	63	51	67	250	100

Fonte: Secretaria Acadêmica/2008

Apêndice IX: Formas de evasão encontradas nos Cursos de Licenciatura da UENF (2003 – 2007)

Formas de evasão	Cursos de Licenciatura				Total	%
	Biologia	Física	Matemática	Química		
Abandono	47	41	33	51	172	68,80
Desligamento	15	13	10	08	46	18,40
Matrícula Cancelada	03	09	07	07	26	10,40
Transferido para outra IES	04	-	01	01	06	2,40
Total	69	63	51	67	250	100

Fonte: Secretaria Acadêmica/2008

Apêndice X: Formas de evasão segundo o gênero nas Licenciaturas (2003 – 2007)

Formas de evasão	Cursos de Licenciatura								Total		%	
	Biologia		Física		Matemática		Química		M	F	M	F
	M	F	M	F	M	F	M	F				
Abandono	24	23	36	05	15	18	21	30	96	76	38,40	30,40
Desligamento	04	11	11	02	06	04	01	07	22	24	8,80	9,60
Matrícula Cancelada	01	02	06	03	06	01	04	03	17	09	6,80	3,60
Transferido para outra IES	-	04	-	-	-	01	-	01	-	06	-	2,40
subTotal	29	40	53	10	27	24	26	41	135	115	54,00	46,00
Total	69		63		51		67		250		100	

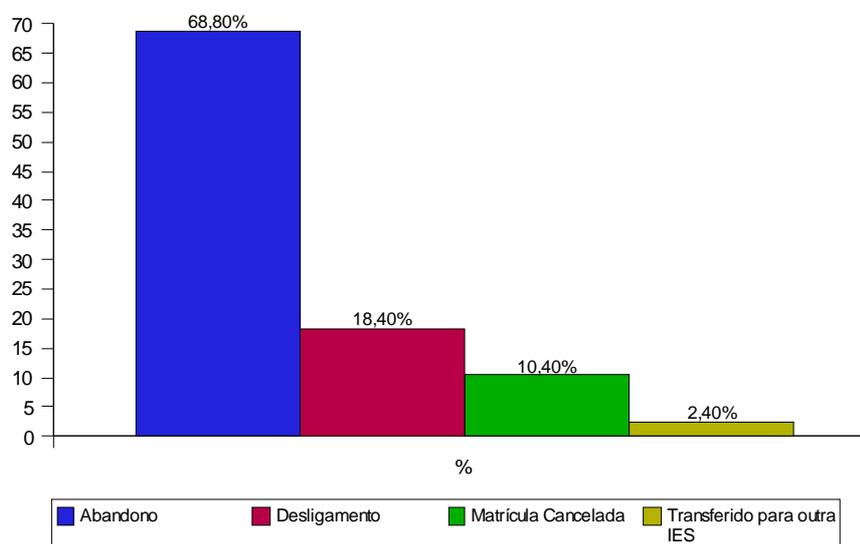
Fonte: Secretaria Acadêmica/2008

Apêndice XI: Dados quantitativos da evasão nas Licenciaturas (2003-2007)

Situação dos alunos	Cursos de Licenciatura				Total
	Biologia	Física	Matemática	Química	
Matriculados	211	103	116	140	570
Evadidos	69	63	51	67	250
Total	32,70	61,16	43,96	47,86	43,86

Fonte: Secretaria Acadêmica.

Apêndice XII: Formas de evasão encontradas nos Cursos de Licenciatura (2003-2007)



Fonte: Secretaria Acadêmica

XIII - Carta de solicitação à Pró-Reitora de Graduação para acesso aos dados dos alunos da UENF

Ilma Sr^a
 Prof^a Lillian Maria Garcia Bahia de Oliveira
 Pró-Reitora de Graduação

Dirijo-me a V.S^a para verificar a possibilidade de obter dados para serem usados na pesquisa que venho desenvolvendo como aluna do Programa de Mestrado em Políticas Sociais, do Centro de Ciências do Homem/CCH, intitulada: *A evasão nos cursos de licenciatura da UENF (período de 2003 a 2007)*, sob a orientação da Prof^a Liéte de Oliveira Accácio.

Nessa pesquisa está sendo abordada a trajetória dos alunos nos respectivos cursos da UENF até a sua evasão e as políticas envidadas pela UENF para minimizá-la.

Para isso, será necessário analisar, junto à Secretaria Acadêmica da Reitoria documentos dos alunos: livros de matrícula, histórico escolar e alguns dados que constam no sistema acadêmico, bem como dados da Pró-Reitoria de Graduação: alunos inseridos no programa de Monitoria, na bolsa de Apoio à Graduação e alunos que colaram grau, imprescindíveis para análise da trajetória acadêmica dos alunos, permitindo aproximação das reais causas da evasão na UENF, inserida num contexto mais amplo que é a evasão nas instituições de ensino superior públicas no Brasil.

Gostaria de acrescentar que como servidora da UENF, lotada na Pró-Reitoria de Graduação, me questionava sobre o porquê da saída de alunos, tendo isso me motivado a tornar este questionamento como problemática de minha pesquisa de mestrado.

Desde já, agradeço e aguardo a resposta desta solicitação.

Atenciosamente,

Mariene de Almeida Viana Reid
 Mariene de Almeida Viana Reid
 Aluna de Mestrado PPGPS/CCH

A servidora Mariene informando de acordo com a solicitação que teria realizado o envio deste documento por V.S.^a à SECACAD.
Mariene de Almeida Viana Reid
 02/06/08

Lillian Maria Garcia Bahia de Oliveira
 Pró-Reitora de Graduação - UENF
 Mar. 035-75-1